

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação

**MEMÓRIA VISUAL DA CIDADE DE PELOTAS NAS FOTOGRAFIAS
IMPRESSAS NO JORNAL *A ALVORADA* E NO *ALMANAQUE DE
PELOTAS* (1931 – 1935)**

JANAINA SCHVAMBACH

Pelotas, RS, 2010.

JANAINA SCHVAMBACH

**MEMÓRIA VISUAL DA CIDADE DE PELOTAS NAS FOTOGRAFIAS
IMPRESSAS NO JORNAL *A ALVORADA* E NO *ALMANAQUE DE
PELOTAS (1931 – 1935)***

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Francisca Ferreira Michelin

Pelotas, RS, 2010.

Presidente da Banca:

Francisca Ferreira Michelin

Banca Examinadora:

Úrsula Rosa da Silva/ UFPel

Carlos Blaya Perez/ UFSM

Agradecimentos

Agradeço o apoio de minha família, por ter acreditado neste trabalho e na minha capacidade de calcar mais um passo na carreira acadêmica.

Agradeço a professora Francisca Ferreira Michelin pela primorosa e fundamental orientação para a realização deste trabalho.

Agradeço aos professores, Maria Letícia Mazzuchi Ferreira, Lúcio Menezes e Alícia Martin, responsáveis pela excepcional experiência que adquiri através da Bolsa Capes de Estágio Acadêmico, realizada durante os meses de julho/agosto de 2009 na *Universidad de Buenos Aires*.

Agradeço ao companheirismo constante de Caroline Leal Bonilha e Oguener Tissot.

E por fim, as instituições responsáveis por possibilitar a efetivação deste trabalho: CAPES e Universidade Federal de Pelotas.

Resumo

SCHVAMBACH, Janaina. **Memória Visual da Cidade de Pelotas nas Fotografias Impressas no Jornal *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas* (1931 – 1935)**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Imagens fotográficas vinculadas ao meio impresso indicam inúmeras leituras e várias possibilidades para a decifração de suas mensagens. Para uma análise isenta de subjetividades, foi desenvolvido o presente trabalho através de uma metodologia de caráter multidisciplinar, quantitativa e qualitativa, sobre as fotografias impressas presentes no Jornal *A Alvorada* e no *Almanaque de Pelotas*, durante o período de 1931 a 1935. O recorte temporal é significativo para a cidade de Pelotas por representar o declínio financeiro de uma economia antes em ascensão, marcado pela falência do Banco Pelotense no ano de 1931. O jornal *A Alvorada*, liderado por um grupo de intelectuais negros, com característica de semanário dominical, difundia ideais e informações para classe operária e para comunidade negra da região. No *Almanaque de Pelotas*, os temas populares, inerentes a parte de suas páginas, garantia a simpatia de um público amplo. Ambos os periódicos contêm em suas páginas um grande número de fotografias impressas; embora diversos na periodicidade, formato e utilidade, comungavam de alguns princípios democráticos: algumas vezes transitavam entre as classes sociais, e outras, noticiavam conteúdos que entretinham, informavam e orientavam os seus leitores para a vida em sociedade através das representações visuais da cidade de Pelotas.

Palavras-chave: Fotografia. Periódicos. Memória visual.

Abstract

SCHVAMBACH, Janaina. **Memória Visual da Cidade de Pelotas nas Fotografias Impressas no Jornal *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas* (1931 – 1935)**. 2010. Xxf. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Photographic images linked to the print medium indicate numerous readings and several possibilities for deciphering your messages. For a free analysis of subjectivity, this paper was developed through a multidisciplinary approach, quantitative and qualitative, about the photographs printed in the Journal presents *A Alvorada* and the *Almanaque de Pelotas*, during the period 1931 to 1935. The time frame is significant for the city of Pelotas because it represents the financial meltdown of an economy before rising, marked by the collapse of Banco Pelotense in 1931. The newspaper *A Alvorada* led by a group of black intellectuals, with weekly Sunday feature, spreading ideas and information for working class and the black community in the region. In *Almanaque de Pelotas* the popular themes inherent part of your pages, ensuring the sympathy of a broad audience. Both journals in its pages contain a large number of photos printed, although several in the periodicity, format and usefulness, communicants of some democratic principles: sometimes transited between social classes, and other news content to entertain, inform and guide their readers for life in society through the visual representations of the city of Pelotas.

Keywords: Photography. Periodicals. Visual memory.

Lista de Figuras

Figura 1	Antiga Fachada do Theatro 7 de Abril.....	35
Figura 2	Fachada atual, Planeada pelo architecto José Torrieri (Remodelação do Theatro em 1916)	35
Figura 3	Os melhoramentos de Pelotas – O prefeito, Coronel Joaquim Assunção, no ato de inaugurar a nova iluminação da Avenida Bento Gonçalves.....	37
Figura 4	Para a frente!.....	41
Figura 5	A Revolução de S. Paulo: O Prefeito dr. Augusto Simões Lopes saudando, em nome da Cidade o 4º Batalhão da Brigada Militar, em seu regresso de S. Paulo.....	42
Figura 6	Dr. João Py Crespo.....	44
Figura 7	Joaquim Augusto de Assunção, Prefeito Municipal.....	44
Figura 8	Silvio Barbedo.....	44
Figura 9	Gazeta do Rio de Janeiro.....	47
Figura 10	Correio Braziliense.....	47
Figura 11	O grande abolicionista José do Patrocínio.....	50
Figura 12	Diario de Porto Alegre.....	53
Figura 13	O Constitucional Rio-Grandense.....	53
Figura 14	Correio do Povo.....	55
Figura 15	Capa do <i>Almanaque de Pelotas</i> , 1932.....	66
Figura 16	Cristo Reina no Coração do Brasil.....	66
Figura 17	Capa <i>Almanaque de Pelotas</i> , 1931.....	67

Figura 18	Capa <i>Almanaque de Pelotas</i> , 1935.....	67
Figura 19	Banco do Rio Grande do Sul, O lindo edifício da filial em Pelotas...	69
Figura 20	Capa <i>Almanaque de Pelotas</i> , 1933.....	69
Figura 21	Capa <i>Almanaque de Pelotas</i> , 1934.....	69
Figura 22	Editorial <i>Almanaque de Pelotas</i> , 1931.....	71
Figura 23	Propaganda Fabrica Flor, Irmãos Oliveira & C. Ltda.....	71
Figura 24	Seção do Calendário - Janeiro, <i>Almanaque de Pelotas</i> , 1931.....	71
Figura 25	Detalhe da ilustração da seção do Calendário - Janeiro, <i>Almanaque de Pelotas</i> , 1931.....	71
Figura 26	Páginas da seção Variedades e Propaganda.....	72
Figura 27	Capa, <i>A Alvorada</i> , 01/11/1931.....	74
Figura 28	Capa, <i>A Alvorada</i> , 06/12/1931.....	74
Figura 29	Detalhe do cabeçalho, <i>A Alvorada</i> , 06/12/1931.....	78
Figura 30	Coluna Pesquei e propaganda.....	79
Figura 31	Folha interna com expediente, notícias, coluna “A Alvorada - Na Tela e no Cinema” e “A Alvorada – Social”.....	79
Figura 32	Correio Elegante, Suplemento de Bagé.....	80
Figura 33	Exemplo do expediente, <i>A Alvorada</i> , 29/11/1931.....	81
Figura 34	Exemplo do “Quando Negro.....	81
Figura 35	JUBILEO do ‘CLUB COMMERCIAL’, O Sr. Dr. Francisco Simões...	91
Figura 36	Dr. Jorge Salis Goulart.....	92
Figura 37	Detalhe da figura 36.....	92
Figura 38	Sr. Juvenal Moreno Penny, fundador e proprietário d’A Alvorada....	94
Figura 39	O sr. Dr. Durval Moreno Penny, também fundador d’ A Alvorada....	94
Figura 40	Rodolfo Xavier.....	94

Figura 41	Flávia Gomes dos Santos (Bidú), a vencedora do Concurso para 'Miss A Alvorada'.....	94
Figura 42	Uma velha aspiração de Pelotas.....	98
Figura 43	Ecos de um concurso.....	99
Figura 44	A cerimônia da entrega do terreno, doado pela Prefeitura, para a Vila Operária 'Flores da Cunha', <i>Almanaque de Pelotas</i>	100
Figura 45	Senhorinha Auzendia Pinheiro.....	101
Figura 46	SILVERINHA FLORES.....	104
Figura 47	Graciosa senhorinha Odette M. dos Santos, 'Miss G. S. Vencedor'.....	105
Figura 48	Aracy Nunes Amaral, que no Concurso para 'Miss A Alvorada' obteve o segundo lugar.....	105
Figura 49	Senhorinha Deusdisse Furtado, representante do nosso colega 'A Hora', do Rio Grande.....	105
Figura 50	O Jury Internacional que conferiu o título de "Miss Universo" á Yolanda Pereira.....	107
Figura 51	Creosotado Composto de Carlos Coelho, Yolanda Pereira.....	108
Figura 52	Inauguração da coluna comemorativa no 'Roseiral Yolanda'.....	109
Figura 53	O moderno edifício da 'Fabrica de Chapéos Pelotense.....	110
Figura 54	A primitiva sede da 'CASA MOREIRA LOPES'.....	111
Figura 55	Estabelecimento de Pompas Funebres' MOREIRA LOPES'.....	111
Figura 56	Melhoramentos Municipaes, Largo Jesus Vernetti, com a pavimentação a cimento armado.....	112
Figura 57	Casa Iris.....	113
Figura 58	Jornal <i>A Alvorada</i>	114
Figura 59	Propaganda do "Grande Hotel.....	116
Figura 60	Galenogal.....	116

Lista de Tabelas

Tabela 1	<i>Acervo Almanaque de Pelotas</i> , Bibliotheca Pública Pelotense.....	64
Tabela 2	Nº de exemplares por mês e ano, no acervo CDOV, Jornal <i>A Alvorada</i>	76
Tabela 3	Contagem Geral do Número de Fotografias.....	84
Tabela 4	Classificação Geral, nº fotografias com pe ssoas.....	85
Tabela 4.1	Classificação Geral, % fotografias com pessoas.....	86
Tabela 5	Classificação Geral, nº de fotografia – cidade.....	88
Tabela 6	Classificação Geral, nº de fotografia – pu blicidade.....	88

Sumário

	Introdução	13
1	Fotografia: Representação e Produto Cultural	18
	1.1 A Fotografia Representando a Realidade.....	18
	1.2 Fotografia no Meio Impresso como Produto Cultural.....	26
2	Contextos Históricos: História e Imprensa no Brasil	33
	2.1 Contexto Histórico da Cidade de Pelotas na Década de 30.....	33
	2.2 História da Imprensa no Brasil.....	46
	2.2.1 – A imprensa no Rio Grande do Sul.....	53
3	Apresentações, Análise dos Dados, Tabelas e Leituras	61
	3.1 Apresentações do jornal <i>A Alvorada</i> e <i>Almanaque de Pelotas</i>	61
	3.3.2 O <i>Almanaque de Pelotas</i>	62
	3.3.2 O jornal <i>A Alvorada</i>	73
	3.2 Análise dos dados.....	82
	3.2.1 Tabela 3 - Contagem Geral do Número de Fotografias.....	84
	3.2.2 Tabela 4 - Classificação Geral, nº fotografia s com pessoas.....	85
	3.2.3 -Tabela 5 – Fotografias da cidade e tabela 6 – Fotografias na publicidade.....	89
	3.3 Leituras das imagens.....	91
	3.3.1 – Retratos Individuais.....	91
	3.3.2 – Retratos de Grupo.....	98
	3.3.3 – Retratos Negros/Negras.....	100
	3.3.4 – Retratos com Mulheres.....	103

3.3.5 – Imagens da Cidade.....	110
3.3.6 – Retratos publicitários.....	116
Considerações finais.....	120
Referências.....	125
Apêndices.....	134

INTRODUÇÃO

“Somente o homem possui a capacidade de elaborar imagens de coisas ausentes, utilizando essas imagens nas mais variadas situações também imaginárias. Um objeto observado pelo olho, pode remeter a outras imagens formadas a partir do olhar, o qual não é limitação da percepção do objeto em suas características físicas imediatas, o olhar é ir além, é captar estruturas, é interpretar o que foi observado”(ZAMBONI, 1998, pág. 56).

Esse olhar criativo que percorre toda a existência humana, que habita o imaginário social, esteve continuamente presente como um desejo de captar e guardar o mundo ao seu redor, um desejo de fixar uma memória, de protegê-la do tempo que passa. Em épocas anteriores, foram os jogos de luzes e sombras que geravam essa mágica representação da realidade, depois, o encanto e a precisão da câmera escura e então, na sociedade moderna, as imagens técnicas, que obtiveram seu grande desenvolvimento, com a invenção da fotografia. Aquilo que o olho do operador capta, acaba sendo fixado a um suporte que captura os raios luminosos irradiados pelo referente (BARTHES,1984), assim a imagem se forma estabelecendo uma relação de suposta verdade, porque enquanto se formava, estava o fotografado diante da câmera.

As fotografias como registros de um passado, apresentam-se polissêmicas quando passam a ser investigadas historicamente. Neste sentido, a memória definida como uma faculdade de construção e reconstrução, pode utilizar a imagem como um princípio de poder gerador de rememoração ou de investigação sobre um passado, democratizando uma possibilidade de verdade, guardada no tempo e no espaço.

Impregnada simbolicamente de inúmeras representações sociais, a fotografia como produto cultural, especialmente aquela inserida na mídia impressa, forma um conjunto de registros visuais que se oferecem para a construção de uma memória visual da cidade de Pelotas, através de dois impressos da região sul do estado do Rio Grande do Sul, o *Almanaque de Pelotas* e o *Jornal A Alvorada*. As

fotografias em ambos os periódicos, constituem o objeto dessa análise e reflexão; o primeiro possuía periodicidade anual e era considerado popular, o segundo, publicado semanalmente, tinha como principal objetivo apoiar e orientar a classe operária, e a comunidade negra pelotense.

O recorte temporal foi demarcado pelo chamado governo provisório (1930 - 1934) de Getúlio Vargas. Durante este período, aconteceram diversas mudanças políticas e econômicas assinaladas pela Revolução Constitucionalista de São Paulo (1932), pelo fim da República Velha, formação da Constituinte de 1933 e da promulgação da Constituição de 1934 (SOSA, 2007, p. 12). No contexto regional, em 1931 acontece em Pelotas a falência do Banco Pelotense, um dos símbolos da prosperidade e de orgulho da cidade. Após 25 anos da sua fundação, o Banco Pelotense encerra suas atividades acompanhando o declínio econômico da região também sofrido pelo estado do Rio Grande do Sul; onde a mudança do modelo da economia vigente afetou a manutenção das atividades calcadas na pecuária, baseada no modelo oligárquico.

Através da coleta de dados nas fontes citadas, referente ao período de 1931 a 1935, estabeleceu-se uma série de fotografias contabilizadas em 247 imagens no total. A metodologia de análise para as imagens, construída empiricamente, utilizou-se da abordagem quantitativa no seu início, onde as imagens foram submetidas a classificações, para em seguida, aplicarmos a abordagem qualitativa, buscando os sentidos que essas fotografias suscitaram para a cidade no passado. No método quantitativo verificamos os pontos convergentes e divergentes nas aplicações das fotografias em ambos os periódicos. Por conseguinte, através da abordagem qualitativa, constituíram-se categorias para balizar a análise interpretativa.

Para Chizzotti a abordagem qualitativa considera o objeto significativo, pois, o “objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (2001, p. 79). Deste modo, as fotografias impressas nos periódicos foram nosso objeto de análise, e o conhecimento resultante da pesquisa bibliográfica, formou o corpo teórico que delimitou as interpretações resultantes do processo de classificação. Nesse caso, as fotografias impressas nos periódicos, se constituem como *documentação indireta*¹

¹ “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser recolhidas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois. (...) três variáveis – fontes

de fonte primária não escrita. Já o apoio bibliográfico, se distingue como fonte secundária, abrangendo toda a bibliografia utilizada.

Para compreender o discurso silencioso das representações que as imagens possuem, organizou-se a pesquisa através de parâmetros de análise das fontes divididos em duas partes. Inicialmente, foi localizado e identificado o acervo, do qual se gerou um arquivo referencial das imagens fotográficas e dos conteúdos vinculados a elas nos impressos pesquisados; estes dados encontram-se nos apêndices. Posteriormente, continuou-se a pesquisa sobre o contexto da cidade no período de 1931 a 1935, como também em nível nacional e internacional, quando estas informações foram propulsoras de mudanças na cidade.

No Capítulo 1, verifica-se a parte da pesquisa que sustenta teoricamente a investigação. Através da compreensão da fotografia como suposta sugestão de uma realidade, desenvolveu-se reflexões sobre a ontologia da imagem fotográfica e sobre a fotografia como um processo técnico em constante desenvolvimento, onde teve abordagens e usos diferentes ao longo do tempo. Os principais autores utilizados para este embasamento foram, Roland Barthes (1984), Philip Dubois (1993), Boris Kossoy (1999, 2001), Maria Mauad de S. Andrade Essus (1994, 2005) e Francisca Ferreira Michelin (1996, 2000, 2001, 2007, 2008). Para a segunda parte do Capítulo 1, trabalhamos com os conceitos de representação desenvolvidos principalmente por R. Chartier (1991), conceitos de cultura e sociedade teorizados por Giddens (2005) e questões sobre a Cultura Visual, através dos autores: Fernando Hernandez (2000) e Ulpiano Bezerra de Menezes (2003).

Na primeira parte do Capítulo 2, o estudo foi direcionado para as questões do contexto histórico, municipal, estadual e nacional. Foi imprescindível retomarmos fatos históricos anteriores ao período proposto de investigação, assim construímos uma visão geral sobre o contexto que a cidade se encontrava. Sobretudo, por ser um passado recente, que em muitos casos se fazia mais presente do que o momento atual, principalmente nas relações de convívio e na formação de valores da sociedade. Entre os autores utilizados, destacamos: Sandra Jatahy Pesavento (1980, 1985, 1999), José Antônio dos Santos (2003, 2009), Mário Osorio Magalhães (1993,1998,2002), Ana Beatriz Loner (1999, 1998), e Sidney Gonçalves Vieira,

Óthon Ferreira Pereira e Jackson Silvano de Toni, no artigo, “*A Evolução Urbana de Pelotas: Um estudo metodológico*”, (1994).

Por conseguinte, no item 2.2, buscamos a história do meio impresso e suas principais realizações, desde o início da imprensa no Brasil até a década de 30, entre diversos contextos sociais e maneiras de produção. Os principais autores foram: Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2008) que compilaram uma série de artigos históricos distribuídos linearmente no livro, *História da Imprensa no Brasil*; Francisco das Neves Alves (1985, 1998, 2000, 2002, 2007, 2007a) e novamente os autores, Francisca F. Michelin e Raquel Schwonke (2008), José Antônio dos Santos (2003, 2009) e Ana Beatriz Loner (1999).

Nas referências ao estudo da memória e suas relações dialéticas entre os domínios representativos da memória e do esquecimento, pelo poder do meio impresso e imagético, foram empregados os autores, Pollack (1989), Halbwachs (1990) e Zita Rosane Possamai (2006, 2008) quando esta, observa as relações da fotografia como pequenos monumentos visuais, no texto “*Fotografia e Cidade*”.

No Capítulo 3, na primeira parte, apresentamos as fontes desta pesquisa, jornal *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas*; no item seguinte, arrolamos os dados encontrados na pesquisa empírica, que foram organizados através de tabelas e observações prévias, e que se desenvolveram plenamente, no item 3.3, onde algumas leituras das fotografias impressas localizadas, foram distribuídas através das categorias: *Retratos Individuais*, *Retratos de Grupo*, *Retratos de Negros/Negras*, *Retratos com Mulheres*, *Imagens da Cidade* e *Retratos Publicitários*.

Através dessa organização – teórica e empírica - conseguimos verificar como a cidade se deixa ver no passado através dos periódicos, *Almanaque de Pelotas* e jornal *A Alvorada*, e como essas representações após 1931, podem vir a se tornar novos discursos de uma cidade, que muitas vezes, era representada pelos seus cidadãos e não por sua beleza urbana. Nesta perspectiva, as fotografias coexistidas com informações escritas em tais impressos, constituíram-se como instrumentos capazes de guardar a imagem da cidade e de fazer ver a cidade através das representações visuais.

Partindo-se do pressuposto das possíveis leituras que estas imagens possam vir a produzir, observou-se de imediato o uso diferenciado nas imagens dos periódicos e essa observação sugeriu que estes, formularam em suas páginas com o auxílio da fotografia impressa, uma cidade própria, cingida nos moldes de suas

expectativas e finalidades. Dificilmente estas imagens serão registros fidedignos de uma realidade passada, contudo a ambição do conjunto das representações indica produtos culturais passíveis de guardarem uma lembrança projetando para o futuro, o desejo que se queria alcançar no presente.

A partir das informações apresentadas, refletir sobre nossa memória, sobre a memória impressa na forma de fotografias, nos possibilitou decodificar intenções e compreender processos de construção memorial como sendo também processos de legitimação de identidades e de ideais perseguidos por uma cidade que almeja ser moderna.

As relações de permanência ou alternância de significados apresentados nas fotografias impressas nos periódicos, *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas*, em um período de transformação política, econômica e identitária nacional, podem estabelecer a intenção representativa que permeia o objeto de pesquisa, ou seja, as relações da imagem com o seu suporte e o contexto histórico.

Não se pretende neste trabalho um estudo definitivo sobre os periódicos investigados, tão pouco, aprofundar os conceitos de etnicidade, classe e gênero, pois tal tarefa se tornaria inviável, devido à grande quantidade de material pesquisado e também, por causa das fontes divergentes. Deste modo, o enfoque da pesquisa poderia ser modificado e perderíamos o foco, privilegiando uma fonte ao invés de ambas.

Portanto, a proposta de analisar as fotografias impressas, através da condição paradoxal da fotografia no contexto das publicações, propõe identificar a perpetuação de valores e identidades pré-estabelecidas, como também, localizar os conflitos, as divergências e as estratégias de dominação do poder na construção do conhecimento pelo meio impresso e, verificar de que maneira a cidade de Pelotas era vista por estes meios nas representações fotográficas.

1 – FOTOGRAFIA: REPRESENTAÇÃO E PRODUTO CULTURAL

Como já mencionado na Introdução, o presente trabalho tem como fonte os periódicos, jornal *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas*. A partir da observação dos mesmos, foram estabelecidas como objeto da pesquisa, as imagens fotográficas publicadas durante o período de 1931 a 1935. O objetivo, contudo, é elucidar as várias possíveis leituras que as imagens proporcionam sobre uma cidade, durante certo contexto geral; abrangendo questões sociais, políticas, econômicas e ideológicas. Deste modo, antes de focar a atenção para as imagens fotográficas, fez-se um levantamento teórico sobre as questões relativas ao uso das imagens como documento histórico e, ao mesmo tempo, um estudo sobre seu desenvolvimento vinculado às produções culturais, sua história e suas aplicações ao meio impresso, com o intuito de esclarecer como a fotografia está sendo tratada e qual o referencial teórico que sustenta essa reflexão.

1.1 A Fotografia Representando a Realidade

“O que caracteriza as sociedades ditas avançadas é que hoje essas sociedades consomem imagens e não crenças”.
(BARTHES, 1984, p.174)

Nesse item pretende-se discutir, com base em dados advindos da história da fotografia, como a ontologia da imagem surge e sustenta a sugestão de ser capaz de representar a realidade.

A invenção da fotografia se assinala como uma descoberta múltipla, da qual vários foram os seus inventores, em várias partes do mundo e em diversas datas. Foi uma técnica que suscitou muito interesse devido a sua facilidade de transpor imagens do real, para um suporte fixo. No ano de 1822, Joseph Nicéphore Niépce obteve sucesso em sua experiência quando conseguiu fixar a imagem-luz em um suporte material, produzindo a primeira imagem fotográfica permanente do mundo.

Esse processo foi chamado de Heliografia.² No entanto, a data do primeiro processo oficializado por um governo transcorre no ano de 1839 e se deve a outro inventor que aprimorou a técnica iniciada por Niépce; e pela forma como procedeu a divulgação do meio, tornou-se mundialmente reconhecido: Louis Jacques Mande Daguerre. Logo após, sucederam-se descobertas e aprimoramentos de processos fotográficos diversos, compondo um percurso que formou, aos poucos, as noções e técnicas que conhecemos hoje sobre fotografia e que nesse trabalho, por contraste ao meio fotográfico contemporâneo, será tratada como fotografia tradicional.

Em referência à fotografia tradicional, pode-se dizer resumidamente, que ela se caracteriza pela captura da imagem-luz através de um aparelho provido de material fotossensível em seu interior. Para a revelação desta imagem, se utilizam substâncias químicas que transformam a imagem latente no suporte em imagem visível. Ao longo do tempo, vários materiais foram utilizados como suporte, muitos sofrendo modificações durante o seu uso, porém, o papel foi o mais utilizado no percurso que caracterizou o desenvolvimento da fotografia tradicional.

Considerada como um produto consequente da Revolução Industrial, a técnica fotográfica surge unindo os progressos da ciência, com o universo das linguagens artísticas. Na efervescência de grandes mudanças e inovações do século XIX, a fotografia reforçava o ideário da emergente sociedade burguesa como reflexos do seu desenvolvimento. Os historiadores da arte, *H. W. Janson e Antony F. Janson*, em breve capítulo sobre a fotografia, explicam que:

O fato de essa nova técnica ter um aspecto mecânico era particularmente apropriado. Era como se a revolução industrial, tendo alterado para sempre o modo de vida do homem, tivesse agora que inventar seu próprio método de registrar-se a si própria. (1996, p. 425).

Nesse contexto de grandes transformações sociais, desenvolvimento de novas tecnologias e de novas linguagens artísticas, o ideário moderno assumido pela sociedade de então, conduziu o homem a produzir bens de consumo, gerando um processo frio e mecanizado, promovendo o lucro por meio da expansão do mercado, no qual as modernas invenções indicam novas percepções em relação ao espaço-tempo, do homem perante a vida e a sociedade.

² Gravura feita pelo sol. (IZAR,1981, p. 33).

Como resultado, a sociedade pós-revolução industrial, modificou sua estrutura formal e sua produção simbólica cultural, consoante com uma nova ideologia liberal econômica. Com o advento das imagens técnicas e, principalmente após a descoberta da fotografia, os parâmetros de julgamento e percepção dos produtos culturais sofrem alterações, o original torna-se múltiplo e a produção ganha caráter seriado, possibilitando deste modo, um maior acesso da população ao consumo de imagens. Para o sociólogo Walter Benjamin (1985, p. 168) - em seu notável texto da década de 30 - a reprodutibilidade da fotografia facilitada por meio das máquinas, popularizou e massificou as imagens, trazendo para o espectador uma cópia atualizada do objeto reproduzido. Portanto, operou-se uma forma de democratização, que a partir desse momento promoveu o acesso às imagens, antes privilégio de poucos, devido ao alto custo para a sua realização.

Da ampla utilização e de sua rápida popularização, a fotografia passa a ser aplicada em várias áreas do conhecimento, adquirindo um caráter multidisciplinar. Quando se insere no universo artístico, desperta e influencia mudanças nas relações de percepção e plástica visual, nas ciências serve como meio documental, e na sociedade, passa a ilustrar textos variados - jornais, periódicos e etc - e também, a participar da vida familiar da população, através dos retratos e instantâneos; estes facilitados, como já mencionado, pela democratização e industrialização da técnica fotográfica.

Não obstante, o caráter material da imagem fotográfica, pode ser entendido como fruto do trabalho humano de produção cultural simbólica, pautado como uma mensagem segmentada no plano da forma da expressão e da forma do conteúdo. Sendo assim, a fotografia não se torna única em seus significados, ela se mostra múltipla e intensamente negociada pelas ações do fotógrafo e posteriormente, através da mensagem ou da finalidade de sua atuação no meio social. Deste modo, a imagem fotográfica tradicional atesta que, em determinado momento diante da objetiva o objeto fotografado realmente esteve presente, logo, ela fornece um possível relato do que aconteceu, a partir de um olhar específico.

Segundo Gombrich:

[...] a imagem visual não é uma simples representação da realidade e sim um sistema simbólico, desvendado pelo indivíduo que em função de sua cultura e de sua história pessoal, incorporou modos de representação e potencialidades de leitura que lhes são próprios. (1986, p. 323).

Paralelamente a essa afirmação, o autor Boris Kossoy, em seu livro, *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*, assegura que: “a imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo” (1999, p.33). Para ele, a fotografia se apresenta impregnada de múltiplas interpretações, dependendo também do lugar onde se encontra. No meio impresso, por exemplo, uma simples legenda pode mudar todo o significado inicial da imagem.

Tais princípios sobre o documento fotográfico, também são encontrados em outras reflexões. Segundo Roland Barthes em seu livro, *A Câmara Clara*, a fotografia remete “sempre ao seu referente” (1984, p. 15); mas não se torna unicamente simbólica devido a sua subjetividade e complexidade indicial, da qual é uma marca e um recorte do espaço e do tempo do ato fotografado.

Contudo, o autor Philippe Dubois (1993), divide em pequena panorâmica três posições epistemológicas a respeito do realismo e do valor documental da fotografia. Inicialmente contextualiza autores que argumentam a fotografia como verossimilhança da realidade, como uma reprodução mimética, caracterizando-a como ícone, ou seja, representação por semelhança. Na segunda abordagem, denuncia a fotografia como uma “interpretação-transposição do real”, forte dicotomia entre “realidade aparente e realidade interna”, impregnada de ideologias na forma de simulacros culturais formando códigos simbólicos. A terceira posição retorna ao referente através de uma dimensão pragmática na qual a fotografia torna-se inseparável do ato acontecido. Portanto, o autor defende que “as fotografias propriamente ditas quase não tem significação nelas mesmas: seu sentido é exterior, é essencialmente determinado por sua relação efetiva como o seu objeto e com sua situação de enunciação” (DUBOIS, 1993, p. 45).

Com o reconhecimento das imagens como documento, o caráter de verdade e coerência estabelece relação dialógica com o pesquisador, a fotografia testemunha a existência de um possível passado, mas não sustenta uma realidade. Como diz Dubois (1993), primeiramente ela é índice e depois pode vir a ser semelhante (ícone) ou até mesmo adquirir sentido (símbolo).

Portanto, estas características “*permitem considerar a fotografia não como duplicação do real, mas como transformação do real, produzida pelo ato fotográfico*” (DUBOIS, 1993, p. 52). Como já mencionado, a mensagem da imagem fotográfica

dependerá do meio onde estiver vinculada, como também, de quem está recebendo a sua informação. Para o autor, Boris Kossoy:

As imagens visuais sempre propiciam diferentes leituras para os diferentes receptores que as apreciam ou que dela se utilizam enquanto objetos de estudo. [...] A imagem fotográfica, com toda a sua carga de “realismo”, não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro (expressivo) da aparência. (1999, p. 45).

E sobre esta aparência visual, fixamos vários marcos de uma sociedade pós-revolução industrial, nos quais uma das principais funções da imagem fotográfica foi a de documentar o espaço urbano e os vários tipos humanos, guardando materialmente um passado escolhido para se perpetuar para o futuro. Como exemplo disso, a fotografia possibilitou a apreensão de momentos de transformações sociais que atingiram as cidades em sua organização espacial e que provocaram diversas alterações urbanas. Conforme a autora Zita Rosane Possamai em seu artigo, *Fotografia e Cidade*:

A penetração da tecnologia em várias esferas da vida das pessoas passava a modelar também sua percepção do mundo. A cidade apresentava-se fugidia ao transeunte apressado ou que a observava dos automóveis e trens em velocidade. A fotografia, então, foi acolhida como necessária num espaço urbano no qual as máquinas e procedimentos mecânicos ditavam o ritmo e onde velocidade e mobilidade solapavam os quadros tradicionais de referência. (2008, p. 71).

Deste modo, a imagem fotográfica proporcionava a possibilidade do registro - com perfeição de detalhes e rapidez -; de cenas que se desejavam guardar, ocasiões sociais para recordar, como documento ou mesmo, objeto memorial. Entretanto, esta sugestão de verdade, característica relacionada à fotografia, elabora uma certeza simbólica ilusória, pois seus códigos visuais adaptados da pintura geram um paradigma sobre a imagem fotográfica.

Sendo assim, para o pesquisador deve ficar claro como seu objeto de pesquisa se apresenta em determinada situação, ou seja, qual a relação da imagem fotográfica com o suporte onde está impressa e com o seu contexto geral. No caso dessa investigação, a relação da fotografia impressa nos periódicos, *Almanaque de Pelotas* e *Jornal A Alvorada*, na cidade de Pelotas durante os anos de 1931 a 1935.

Os possíveis significados indicam inúmeras leituras e várias probabilidades para a decifração da mensagem. No entanto, como podemos observá-las, quando as imagens estiverem vinculadas ao texto impresso? O que uma imagem fotográfica

entre contextos e ideologias³ pode dizer além do que já é visto em sua forma plana e imóvel? A imagem fotográfica, na maioria das vezes, se mostra evasiva, deixando lacunas e gerando perguntas.

Para balizar esta pesquisa, trabalhamos como principal orientação teórico-metodológica as pesquisas realizadas por Francisca Ferreira Michelin (1996, 2000, 2001, 2002, 2008) que ao longo da sua carreira vem desenvolvendo investigações localizadas frequentemente na cidade de Pelotas e região, sobre os usos da imagem fotográfica e suas representações no contexto histórico.

Entre suas principais pesquisas, podemos destacar: “*Colecionismo e cartões postais fotográficos: memórias de viagens na coleção de fotografias (1910/1920) de Leopoldo Gotuzzo (MALG/UFPEL)*” (2008) e “*A cidade dos intendentess: fotografia, modernidade e cidade nas revistas ilustradas do Rio Grande do Sul (1900-1930)*” (2001). Em seus trabalhos teóricos, a sua tese de doutorado: “*A cidade de papel: A modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913 – 1930)*” de 2001, lança as bases teóricas e métodos para a presente pesquisa.

Em “*A Cidade de Papel*” (2001) a autora utilizou três fontes primárias, os *Relatórios Intendências* dos anos de 1914, 1925 e 1928, o *Álbum de Pelotas* de 1922 e os *Almanaques de Pelotas* de 1913 a 1930. De acordo com Michelin, a cidade dessas fotografias impressas se mostrava “moderna por enunciado, progressista por ordem das palavras” (2001, p. 45) e aqueles que possuíam o domínio dessas representações buscavam incorporar padrões que refletiam diretamente no modo de viver, agir e consumir.

Michelon (2001), como método de análise das fotografias, utilizou um diverso número de tabelas para auxiliar no processo de categorização inicial, para depois verificar quais foram às convergências que as fontes apontavam. Além da classificação das imagens impressas, o conteúdo ao qual elas foram vinculadas não foi ignorado.

³ Ideologia entendida como concepção de mundo, crenças e valores morais que se manifestam em todas as esferas da vida, mais precisamente, posições assumidas dentro de um determinado contexto sócio-histórico que dão sentido às palavras. (ORLANDI, 2003).

Outra autora que também elaborou categorias para análise de seu material imagético, foi Ana Maria Mauad⁴ (2005), que na pesquisa sobre as Revistas Ilustradas do Rio de Janeiro⁵ propôs o método transdisciplinar para se trabalhar com as imagens fotográficas. As abordagens formam um conjunto de conceitos e disciplinas; entre elas podemos destacar: a Antropologia, onde aprofundou os conceitos de cultura; a Sociologia, realizando associações referentes à produção simbólica e ideológicas, como também, uma abordagem histórico-semiótica, compondo assim, um corpo teórico coordenado das disciplinas.

Para a autora, a proposta transdisciplinar deve estabelecer seu ponto de análise na Semiótica, ou seja:

Se é a associação da História à Antropologia ou à Sociologia (ou às duas juntas) que indaga sobre as maneiras de ser e agir no passado, é a Semiótica que oferece mecanismos para o desenvolvimento da análise e permite a compreensão da produção de sentido nas sociedades humanas como uma totalidade para além da fragmentação habitual que a prática científica imprime. (2005, p. 128)

Em sua pesquisa, Mauad (2005) também elabora uma grade interpretativa, como proposta para classificar inicialmente seu conjunto de imagens, para depois ter subsídios concretos e detalhados para uma interpretação visual. Sendo assim, a fotografia se mostra como um resultado do “trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente” (MAUAD, 2005, p. 139).

Após escolha do corpo teórico principal, a autora estabelece em três premissas básicas o tratamento conceitual para as imagens fotográficas:

- 1) *Noção de série ou coleção*: Metodologia de caráter polifônico, onde o objeto de pesquisa ganha relevância ao perder a homogeneidade, pois “a noção de exemplo foi superada pela dinâmica da série que estabelece contatos diferenciados com distintos suportes da cultura material” (MAUAD, 2005, p. 130).
- 2) *O princípio de intertextualidade*: A fotografia para ser “interpretada como texto (suporte de relações sociais)” (MAUAD, 2005, p. 130), demanda levantamento histórico e cultural para qualquer agente que entrar em contato (historiador e instituições).

⁴ A própria autora utiliza apenas parte de seu nome completo.

⁵ Na Mira do Olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas na primeira metade do século XX.

- 3) *O trabalho transdisciplinar: “Coordenação com outros saberes”* (MAUAD, 2005, p. 131), entre diferentes disciplinas das Ciências Sociais.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o autor Boris Kossoy elaborou duas proposições de análise para se trabalhar com as imagens, a “análise iconográfica” e a “interpretação iconológica” (1999, p. 58). De início, se faz necessário, a separação de todos os elementos constitutivos da figura, decompondo em partes para uma análise formal, que é dividida em duas:

- 1) “Reconstituição do processo que originou o artefato”, determinando os “elementos constitutivos: assunto, fotógrafo, tecnologia” (KOSSOY, 1999, p. 58), como também espaço e tempo;
- 2) “Identificação dos detalhes icônicos que compõe o conteúdo”. (KOSSOY, 1999, p. 58).

Após estas informações, parte-se para a “interpretação iconológica”; o pesquisador se volta para o contexto passado do documento, obtendo informações sobre a sua natureza, como data, local onde este se encontra, e demais informações anexas. Logo, compreendendo que o documento fotográfico é passível de criação e provém de um recorte selecionado, não desprovido do seu referente, o autor decompõe em dois caminhos a investigação pela decifração:

- 1) “Resgatar, na medida do possível, a história do assunto” (KOSSOY, 1999, p. 59);
- 2) “Buscar a desmontagem das condições de produção: o processo de criação que resultou na representação” (KOSSOY, 1999, p. 59).

Portanto, o pesquisador ao utilizar a fotografia terá a incumbência de diminuir o ato de criação de realidades, percebendo certa ficção nas inúmeras possibilidades de interpretação que ela carrega fragilmente.

A partir dessas orientações, o presente trabalho calçou sua metodologia. Foram elaboradas tabelas que auxiliaram na separação temática e na elaboração de categorias de análise que serão desenvolvidas nos capítulos subsequentes. Deste

modo, a pesquisa se estrutura nessas premissas básicas, nas quais a ambivalência da imagem fotográfica direciona a investigação para o estudo da produção no período das publicações similares existentes, para um aprofundamento contextual histórico e busca através desse processo, atingir a significação dessas imagens.

As formas constituintes das imagens são culturais, mas assumem funções diferenciadas em cada suporte. Portanto, essas imagens fotográficas portadoras de várias leituras, carregam consigo um pequeno pedaço do que um dia se representou visualmente da cidade de Pelotas. Essas imagens projetam, principalmente por estarem vinculadas ao meio impresso e popular, um desejo de serem vistas, um desejo de serem apreciadas.

1.2 Fotografia no Meio Impresso como Produto Cultural

Ao orientar o historiador como utilizar imagens nas pesquisas documentais, Peter Burke (2004) em seu livro *Testemunha Ocular: História e Imagem*, indica as imagens como evidências de um passado, encarando-as como “testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais os indivíduos ou grupos vêem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação” (2004, p. 323). Esse pensamento se relaciona com a função da imagem em representar “aspectos da realidade social que os textos passam por alto”, mesmo considerando que a imagem não represente a realidade e sim distorção desta, evidenciando “fenômenos que muitos historiadores desejam estudar, tais como mentalidades, ideologias e identidades” (BURKE, 2004, p. 37). Considerando estas afirmações, podemos sugerir que a imagem estando vinculada ao meio impresso, deixa de ser mera ilustração e passa a adquirir poder como representação.

O conceito de representação que será utilizado ao longo deste trabalho tem como embasamento o autor Roger Chartier. Para ele, uma determinada realidade social, por mais diversa que seja, é construída, pensada e oferecida a ler; podendo ser compreendida como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17). Segundo Gomes (2009, p. 25), citando Chartier (1990), representação se estabelece como um sistema de classificações e

exclusões, que constituem as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço. As representações podem produzir estratégias e práticas sociais impondo uma autoridade em detrimento de outras, logo, não exercendo um discurso neutro, mas sim, discursos que podem legitimar ações, escolhas e práticas dos sujeitos.

Outra definição pertinente é apresentada por Bejarano e Morales em *Imágenes y Medios en la Investigación Social, una mirada latinoamericana (SEL (org), 2005)*, quando relacionam imprensa, fotografia e representação, entendendo representação como “a construção social que designa significado aos indivíduos e aos grupos dentro e fora de um espaço social. Designar significado é situar o sujeito em termos de identidade, valor, prestígio, situar na estrutura social, status, gênero, etc.”⁶ Portanto, as imagens fotográficas podem ser entendidas como representações de idéias e formas sociais que apresentam um conjunto de sentidos organizados por sujeitos inseridos no meio social, e que deste modo, se mostram portadores de certo poder nas escolhas das imagens publicadas.

Assim sendo, para a imagem modificar seu caráter singular, ela carece estar inserida no meio impresso ou pertencer a uma série. Por conseguinte, quando a imagem fotográfica transfere-se para a publicação, todos esses possíveis significados acabam sendo balizados pelo local de sua aplicação. A imagem perde seu estatuto de artefato singular e se mistura a outra produção cultural, adquirindo novas especificidades. Deste modo, o que a imagem indica para a pesquisa documental são ganchos com o real, leituras de uma cena realizada durante certo momento, certo tempo e por certa pessoa; sujeita a fatores externos, sobretudo, na sua inserção no meio público através da imprensa. Contudo, a possibilidade de uma padronização de leitura reduzida às questões formais, se mostra insuficiente.

A fotografia, além de representar uma cena ou cenário, mostra-se imprecisa na constituição de seus símbolos e valores. Ao mesmo tempo ela apresenta e cria diferentes leituras, pois quem observa impregna-lhe sentidos próprios de apreciação e decodificação. Desta forma, as imagens que transitam pelo nosso cotidiano, mostram-se escorregadias quando tentamos fixar significados em sua forma e intenção. Além do caráter subjetivo de apreciação, as imagens podem ser

⁶ Tradução da autora.

entendidas como objetos materiais, artefatos componentes da produção cultural de uma sociedade.

Ao relacionar cultura e sociedade, Giddens (2005, p. 38), afirma que cultura é “formas de vida dos membros de uma sociedade ou de grupos dentro da sociedade”, onde ela possibilita além do sentimento de identificação entre os membros, um conjunto de valores e normas que são regidos de acordo com o meio social. A sociedade, portanto, é organizada “em relações sociais estruturadas, de acordo com uma cultura” (GIDDENS, 2005, p. 38) onde fornecem a direção das inter-relações de convívio e limites. Logo, “nenhuma cultura poderia existir sem sociedades. Mas igualmente, nenhuma sociedade poderia existir sem cultura” (GIDDENS, 2005, p. 38). Entre os vários produtos dessa cultura, as representações visuais possibilitam, além da expressão, uma comunicação mediadora de referências e experiências entre os membros e a sociedade. Deste modo, para orientar este trabalho em relação à imagem como produto cultural, utilizaremos os conceitos da Cultura Visual desenvolvidos por Ulpiano Bezerra de Menezes no seu texto, *Fontes visuais, cultura visual, História Visual* (2003), onde o autor traça um pequeno panorama de como são trabalhadas as fontes visuais nas áreas das Ciências Humanas.

Para Menezes (2003), a cultura visual poderia ser considerada uma subcategoria da cultura material e “teria que ser estudada não como o conjunto de coisas e contextos materiais de que serve o homem na sua vida social, mas como a dimensão física, empírica, sensorial, corporal, da produção/reprodução social” e também como “mediação de significados e valores”⁷. Portanto, o visual não deve ser decodificado e entendido fora dessa cultura, ou seja, as imagens podem se constituir como evidências presentes e materiais, “como coisas que participam das relações sociais e, mais que isso, como *práticas materiais*.”⁸

Por conseguinte, Fernando Hernandez, outro autor que trabalha com esta temática, sugere que para entender a cultura visual devemos:

Em primeiro lugar, reconhecer que vivemos inundados de uma extraordinária variedade de imagens (e imaginários) visuais. Mas esse reconhecimento não nos leva a “lê-los”, a partir de uma decomposição analítico-compositiva do tipo formal (linhas, texturas, etc.). (...) Prestar atenção à compreensão da cultura visual implica aproximar-se de todas as imagens (sem os limites demarcados pelos critérios de um gosto mais ou

⁷ MENEZES, 2003.

⁸ Idem.

menos oficializado) e estudar a capacidade de todas as culturas para produzi-las no passado e no presente com a finalidade de conhecer seus significados e como afetam nossas “visões” sobre nós mesmos e sobre o universo visual que estamos imersos. (HERNANDEZ, 2000, p. 51).

Compreender que as imagens fotográficas impressas possibilitam uma aproximação com o passado como portadoras de intenções e desejos, nos assegura um olhar para a sociedade daquele tempo, representada neste caso, através dos periódicos ilustrados. Ao percebermos essa evidência, temos que levar em conta a característica intrínseca da fotografia, destarte, uma imagem técnica realizada para consumo específico de uma sociedade.

Como imagem de consumo, ela possui sua gênese reprodutível nos processos pré-fotográficos, onde a litogravura ocupava lugar de destaque no meio impresso. Segundo Fabris (1997), as “raízes do consumo fotográfico” já estão presentes na técnica litográfica, “que corresponde a uma série de demandas e exigências geradas pela Revolução Industrial, (...) a produção de imagens vê-se obrigada a pautar-se por novos requisitos: exatidão, rapidez de execução, baixo custo, reprodutibilidade”. (1997, p. 12) Devido as suas ordenadas operações técnicas para obtenção da imagem e através da sua infinita possibilidade de reprodução e exatidão, a fotografia caracteriza-se primeiramente como uma imagem técnica, que ao longo do tempo, sofreu diversas variações em suas funções na sociedade.

A aplicação da imagem fotográfica impressa em livros e jornais ocorre desde 1842⁹ em jornais europeus. Segundo Amar, “estas gravuras afastam-se frequentemente do original, reinterpretadas pela inclusão de personagens, veículos, nuvens no céu, preenchendo os vazios resultantes da técnica fotográfica” (2007, p. 47). Os textos escritos exerciam o predomínio na informação, assegurando a imagem como mera ilustração. De início, estas imagens (fotografias de imprensa) são transferidas do meio social para a aplicação no periódico, possuindo muitas vezes, outras utilizações particulares. Posteriormente, começa a se desenvolver a fotografia jornalística, “que se compreende como o resultado de uma prática que se adaptou às solicitações da imprensa ilustrada” (MICHELON, 2000, p.147) e que só irá se estabelecer plenamente no séc. XX. As imagens fotojornalísticas são

⁹Os autores, Heloíse Costa e Renato da Rodrigues da Silva (2004), indicam a data de 1880, justificando que “somente nas duas últimas décadas do século XIX tenha se tornado de fato viável do ponto de vista técnico e econômico” (p. 98), a impressão de fotografias em meio-tom.

vinculadas diretamente com reportagens escritas, deste modo, o fotógrafo se especializa em captar imagens no momento ou logo após os fatos acontecerem, porém passado o instante, torna-se impossível reconstruir as cenas de interesse jornalístico imediato.

A seleção do uso da imagem que possibilita a impressão em um periódico, geralmente tem como responsável, o editor da publicação. O processo é resultado de uma divisão de trabalho, onde podemos encontrar o fotógrafo, o gravador responsável em transferir a imagem do papel para o clichê de impressão, o diagramador, e por fim, o editor.

Talvez, a imagem fotográfica leve consigo um conjunto de significados particulares, porém quando contornada pela escrita, adquire outra relação a sua primeira, quando a fotografia se constituía como um corpo único. Assim, estando vinculada e diagramada a uma página escrita, sua representação passa a ser ponderada através de um discurso, onde o visual relaciona-se com o textual. Nesta relação, Kossoy (1983) afirma que:

Desde sempre as imagens foram vulneráveis às alterações de seus significados em função do título que recebem, dos textos que “ilustram”, das legendas que as acompanham, da forma como são paginadas, dos contrapontos que estabelecem quando diagramadas com outras fotos etc.(p. 54).

Essa expansão das imagens por meio das páginas impressas, percorre lugares além do seu destino habitual - álbum familiar e arquivos. Assim, as fotografias acabam impregnadas pela aspiração de serem vistas e de informarem um desejo ou mesmo, um ideário através do poder da visualidade. Desta maneira, os novos processos de reprodução fotomecânica expandem também as relações entre a comunicação humana. Freund (1983) *apud* Kossoy (1983) assegura que:

A fotografia abriu uma janela para o mundo. Os rostos dos personagens públicos, os acontecimentos que têm lugar no mesmo país e além das fronteiras se tornam familiares (...). A fotografia inaugura os *mass media* visuais quando o retrato individual se vê substituído pelo retrato coletivo”. (p. 888).

Através das colunas sociais, das notícias regionais, ou dos retratos impressos, os periódicos possibilitam uma maior identificação do leitor com o seu meio social perante um público maior do que o seu grupo rotineiro. Neste sentido, o historiador Benedict Anderson(1993) assinala que a imprensa periódica foi um

poderoso meio cultural para confortar uma idéia de comunidade entre amplos setores da população. Constituir-se como leitor de algumas destas formas literárias permitia criar um laço comum entre as pessoas desconhecidas e distantes. Anderson qualifica o periódico como “gênero do capitalismo impresso”, portanto, um instrumento fundamental para conformar as nações modernas e imaginárias como comunidades integradas homogêneas e com interesses comuns.

Nessa afirmativa, segundo Sandra M. Szir, os periódicos constituem-se como um dos “primeiros dispositivos que puseram ao alcance de um bom número de pessoas representações visuais que satisfaziam a curiosidade e o desejo de ver e possuir imagens¹⁰” (2009, p. 01). Além do interesse jornalístico, a imagem pode ser utilizada com outras intenções, representando visualmente um recorte de uma sociedade, desejos de comportamento, aspirações e anseios de outrem. Dentro dessa perspectiva, Mauad defende que:

A fotografia pode, por um lado, contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios, e, por outro, atuar como eficiente meio de controle social por meio da educação do olhar. (1994, p. 04).

Os periódicos se constituem como meios importantes sobre o controle da informação. São frutos de determinado contexto de produção cultural, possuem valor simbólico e podem atuar na formação de opiniões hegemônicas na sociedade. A perspectiva de educação através da linguagem visual, promovida pela associação entre fotografia e meios técnicos de produção, indica para os detentores do poder, um caminho para o controle social através da escolha das representações. O que acarretaria também, em controle sobre os domínios da memória. Sendo assim, entende-se a fotografia neste contexto como objeto de memória, que exerce influência importante nas ações de esquecer, lembrar e guardar, coexistido com a possibilidade de uma democratização do olhar, pois qualquer pessoa pode vir a possuir ou visualizar o exemplar onde estas foram publicadas.

As fotografias pertencentes aos periódicos, jornal *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas*, serão analisadas no *capítulo 3*. A leitura será balizada com o auxílio de tabelas, categorias e aporte teórico. Estas imagens aludem uma cidade passada, um pedaço do que foi Pelotas no início da década de 30. A possibilidade de uma aproximação com aquilo que foi, e que se deixou para trás, volta a surgir através de

¹⁰Tradução da autora.

um olhar distanciado, um olhar investigativo. Por conseguinte, o pesquisador dos documentos fotográficos acaba tendo o perfil de um verdadeiro investigador, aquele que passo a passo vai descobrindo novos signos, novas pistas e novos sentidos. A contextualização histórica será o próximo passo, onde situaremos a cidade Pelotas com acontecimentos locais, nacionais e internacionais, no período contemporâneo à pesquisa.

2. CONTEXTOS HISTÓRICOS: HISTÓRIA E IMPRENSA NO BRASIL

Neste capítulo veremos como se deu a formação da cidade Pelotas e quais os fatores históricos que a imprensa carregou consigo até a década de 30. A cidade viveu um percurso intenso, pleno de novidades e mudanças, fundado sobretudo, num amplo projeto de modernidade, que figurou em várias das instâncias sociais. À crise econômica mundial, que tem seu ápice no final da década de 1920, provocou consequências desalentadoras que se estenderam para além de uma década. A cidade resistiu com base na sua importância econômica no Estado. Nesse panorama, observou-se nas fontes pesquisadas, o comportamento dos meios impressos e de como se apresentaram perante o enfoque deste trabalho.

2.1 Contexto Histórico da Cidade de Pelotas na Década de 30

“A cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações.” (SPÓSITO, 1988, p. 12).¹¹

A partir desta reflexão, para situarmos temporalmente a pesquisa, precisamos relacionar a cidade de Pelotas com o contexto histórico vigente durante o período de 1931 a 1935 e, ao seu período anterior, pois os fatos presentes são decorrentes de um passado vivido e sentido, pela cidade e por seu espaço.

Localizada no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, a cidade de Pelotas teve seu surgimento relacionado diretamente com sua posição geográfica. Situada entre três cursos de água, Arroio Pelotas, canal São Gonçalo e o Santa Bárbara, a cidade - antiga Freguesia de São Francisco de Paula - utilizou-se dos

¹¹ Apud VIEIRA; PEREIRA; TONI 1994, p. 23.

recursos hídricos para fomentar a produção do charque¹². No início, o gado utilizado era procedente das Missões Jesuíticas. (MAGALHÃES, 1998, p. 9). Devido à mudança dos jesuítas para outras localidades do Prata (1641), o gado foi abandonado e passou a procriar-se abundantemente por todo território sulino, “ficando conhecida esta reserva de gado xucro como “Vacaria del Mar” (CONCEIÇÃO, 2009 p.05). O que despertou o interesse de mercado na região sul do país, primeiramente por causa da extração do couro, depois a carne.

Antes de 1779, no local da atual cidade, já haviam alguns povoados, mas o desenvolvimento urbano e econômico só veio ter uma importância mais significativa após a instalação das charqueadas. A Freguesia de São Francisco de Paula adquiriu esta menção em 1812, continuando dependente administrativamente da cidade de Rio Grande. Só em 1832, que a freguesia adquire *status* de vila e em 1835 passa a ser considerada município, chamando-se Pelotas.

A economia e o desenvolvimento da cidade alicerçaram suas bases na indústria saladeril e na mão-de-obra escrava; durante o período áureo a cidade chegou a possuir 35 charqueadas (VIEIRA; PEREIRA; TONI, 1994, p. 29). A produção do charque era um trabalho árduo e insalubre, além ser fundamental margear os cursos de água (para o escoamento do sangue e de restos), as charqueadas se encontravam distantes do perímetro urbano, devido principalmente ao mau cheiro que delas emanava. Como descreve Magalhães, “essa civilização se sustentava no suor do negro, na punição do escravo, na faca assassina, na degola do boi, no arroio tinto de sangue, no cheiro da carniça, nas mantas de carne sob o calor do sol” (1998, p. 14).

Outra característica que possibilitava este distanciamento da cidade era que, apenas nos meses quentes acontecia o “trabalho de enxerca”¹³ (MAGALHÃES, 1998, p. 11). Enquanto isso, no perímetro urbano, Pelotas se mostrava próspera e intensamente cultural. Já em 1834 existia o *Theatro 7 de Abril* e em 1875 inaugurava-se a *Bibliotheca Pública Pelotense*. No *Almanaque de Pelotas* de 1935 localizamos a fotografia da antiga fachada do *Theatro 7 de Abril*, como também o

¹² “O charque é o processo de salgar e secar a carne bovina em mantas ao sol. Esse era o principal produto utilizado na alimentação dos escravos no Brasil e em países que adotavam a escravatura.” (XAVIER, 2009, p.91).

¹³ Segundo o dicionário, <http://www.priberam.pt/DLPO/Default.aspx>, *enxercar* significa: “Retalhar e pôr a secar ou a defumar a carne das reses; charquear”.

projeto da futura fachada, que se apresenta até os dias atuais. Junto às imagens há também um texto em homenagem ao Centenário do teatro, sem autoria.



Figura 1 – “*Antiga Fachada do Theatro 7 de Abril*”, Fonte: *Almanaque de Pelotas*, 1935, acervo: Bibliotheca Pública Pelotense.

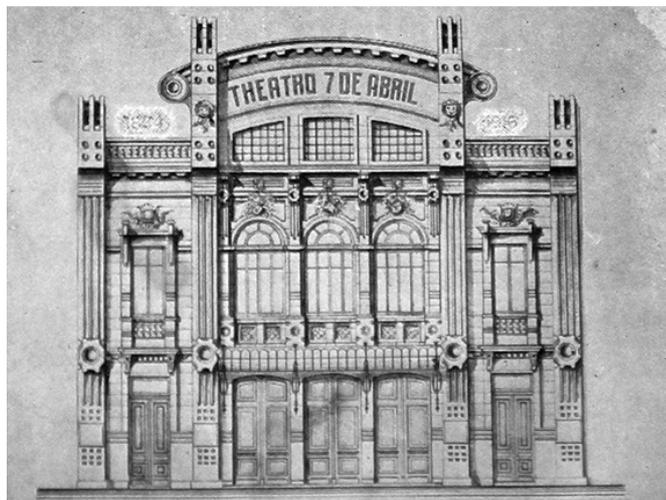


Figura 2 – “*Fachada atual, Planeada pelo architecto José Torrieri (Remodelação do Theatro em 1916)*”, Fonte: *Almanaque de Pelotas*, 1935, acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Como visto no exemplo das imagens do *theatro* (fig. 1, 2), o desejo da cidade se mostrar bela e cultural reafirma o que muitos autores asseguram, ou seja, devido à pujança econômica provida dos altos lucros da produção do charque, a população de mais alta renda buscava modos de vida condizentes com os padrões de distinção e bem viver das cidades modelares do País, sobretudo a capital, Rio de Janeiro. Nesse período, outros estudos registram que a vida cultural era muito intensa, “os contatos mantidos com o centro do país (Rio de Janeiro) e com a Europa (França), conferiram à população pelotense um destacado padrão literário e artístico, superando a capital da província neste aspecto”. (VIEIRA; PEREIRA; TONI, 1994, p. 27).

Contudo, “a charqueada não trouxe apenas riqueza, mas também o adensamento populacional de Pelotas, pois cada grande estabelecimento contava, pelo menos mais de cem pessoas” (CONCEIÇÃO, 2009. p. 7 citando ARRIADA, 1994). Não apenas em Pelotas, também em outras cidades brasileiras, se registrou um grande aumento populacional na virada do século XIX ao XX. Lorena Gill afirma que em 1891 no município já haviam 124 cortiços, “em consequência disso, ampliou-se a ocupação espacial da cidade, começando pela zona do Porto, mas alastrando-se em todos os sentidos” (2009, p. 45). Além de mudanças na economia, Pelotas crescia espacialmente. De acordo com a tabela populacional elucidada no texto *A Evolução Urbana de Pelotas: Um estudo metodológico*, em 1900 a população alcançava 43.881; em 1911, 62.701 e em 1940, 104.533 habitantes. (VIEIRA; PEREIRA; TONI, 1994, p. 29).

O progresso imanente, fundado na exploração de mão-de-obra escrava, fez com que se criasse em Pelotas um estilo de vida urbana no qual muitos foram os melhoramentos buscados pela sociedade local. Em 1873, a título de exemplo, havia como transporte público, os bondes puxados pela tração animal. Logo, no início do século XX, mais precisamente em 1915, surgiu o bonde elétrico que percorria as principais partes da cidade. Em 1913, a cidade passa a possuir o serviço de esgoto. Oficializando o desejo de cidade moderna e cosmopolita, decorrente do avante progressista sentido e vivido no século XIX, se concretiza em 1912 o serviço de luz elétrica, com a *CIA de Força e Luz*¹⁴. Num exemplo posterior, no *Almanaque de Pelotas* de 1934, juntamente com outras fotografias sobre os melhoramentos

¹⁴ Para saber mais, consultar VIEIRA; PEREIRA; TONI, 1994.

municipais. Destaca-se a imagem abaixo, na qual é possível visualizar o ato inaugural da nova iluminação para a cidade.



Figura 3 – “Os melhoramentos de Pelotas – O prefeito, Coronel Joaquim Assunção, no ato de inaugurar a nova iluminação da Avenida Bento Gonçalves”, Fonte: *Almanaque de Pelotas*, 1934, acervo da Bibliotheca Pública de Pelotense.

A possibilidade da iluminação elétrica noturna proporcionou um maior período de permanência e sociabilidade nas ruas. Sobre este assunto, destacando como padrões modernos as melhorias públicas por meio da viabilização do bem viver e do convívio entre os transeuntes, Michelin afirma:

A iluminação pública não era apenas um fato de utilidade, mas uma condição indispensável ao convívio civilizado, ao viver elegante que se impunha à cidade progressista. Os elementos da modernidade davam assim e no seu conjunto um aspecto de cenário ao espaço compartilhado pelo cidadão e ampliavam o tempo útil da experiência moderna, trazendo à rua, às praças e aos jardins públicos, aqueles a quem o ócio de uma vida menos laboriosa permitia o desfrute da noite urbana iluminada pela nova tecnologia. (2001, p.20).

Estes melhoramentos, provavelmente beneficiavam alguns setores da população mais do que outros, o tempo disponível para ser um cidadão contemplativo de uma bela e nova cidade pode ser entendido como apanágio de poucos.

Por conseguinte, em 1906, criava-se na cidade um banco com seu nome e com base econômica local, o *Banco Pelotense*. Em 1917, formava-se com capital local, o *Frigorífico Rio-Grandense*, entretanto, passa ser adquirido em 1921 por capital internacional (VIEIRA; PEREIRA; TONI, 1994, p. 29), chamando-se então, *Frigorífico Anglo*. A cidade já avistava uma crise econômica desde a Abolição da Escravatura. Os movimentos abolicionistas ganharam força em 1884, quando os escravos ganharam a liberdade, em troca de serviços prestados para seus senhores por um período de pelo menos cinco anos. Sobre este assunto, para os autores, Vieira, Pereira e Toni:

A alforria concedida aos negros não modificou o caráter do empreendimento nas charqueadas, tendo em vista que “o senhor de escravo não conseguiu transformar-se no empresário capitalista, por demais preso à concepção escravocrata” (1994, p. 28, citando Cruz 1984, p. 318).

Além disso, “o charque, neste período, está em plena decadência. Se no período áureo das charqueadas chegou a se contar 35 instalações, agora observa-se que em 1899 havia apenas 18 e, logo, em 1922, eram apenas 7.” (VIEIRA; PEREIRA; TONI, 1994, p. 29). O sistema que regia a economia do município pautado em um único produto estava atrasado em relação ao capitalismo emergente das grandes cidades. Era preciso uma nova dinâmica administrativa.

O Brasil se encontrava na Primeira República, delimitada pelos anos de 1889 e 1930. Neste período político, predominava o monopólio das oligarquias das cidades do sudeste, que empregavam um regime agroexportador onde se utilizavam das reservas nacionais e do poder político para o estabelecimento no mercado internacional do principal produto de exportação brasileiro, o café. (PESAVENTO, 1980). O domínio econômico e político que estas oligarquias exerciam no contexto nacional prejudicavam o restante da nação que necessitava de apoio, nas mais diversas áreas, principalmente estando vigente um período pós I Guerra Mundial de recessão econômica.

No Rio Grande do Sul, fazia necessária uma intervenção na economia por parte do governo federal que dispusesse de subsídios financeiros para a principal atividade desenvolvida no estado, a indústria da carne. O processo do charque já estava defasado à algum tempo, e logo após a instalação de fábricas de carne resfriada, o produto se mostrava inferior e de menor qualidade ao outro. O novo

sistema que estava aos poucos adquirindo forma na nação, o capitalismo, não favorecia o antigo sistema de produção arcaica do charque.

A Primeira República foi vivenciada no estado do Rio Grande do Sul sob a forte influência do positivismo. Com aspiração de criar uma ciência da sociedade com base nas mesmas leis e princípios das ciências da natureza, Auguste Comte (1798-1857) pretendia explicar os fenômenos sociais. A observação, a experimentação e a comparação eram os métodos aplicados às ciências naturais que também deveriam ser observados para análise das sociedades. Para o autor, a humanidade havia evoluído através de três fases, a teológica, a metafísica e finalmente a positiva (OUTHWAITE, et al, 1996). No Rio Grande do Sul os preceitos positivistas tiveram grande repercussão na política, tendo entre seus defensores figuras como a de Júlio de Castilhos (ISMÉRIO, 1995) e Borges de Medeiros. Segundo Clarisse Ismério (1995), “a moral, a rigidez, o autoritarismo e a disciplina eram os pontos que uniam os [...] tipos de Positivismo, fundindo-os em um único objetivo: organizar a sociedade através de uma moral conservadora” (p. 17). Entretanto, segundo Pesavento (1985), a inflexibilidade do governo vigente em contornar a crise, este fundamentado nos preceitos positivistas, levou com que a:

[...] classe dominante fora do poder considerasse insuportável o domínio republicano no estado. Assim, passaram a exigir do governo Borges de Medeiros que se empenhasse numa política de defesa exclusiva da pecuária. Nesse momento de crise, Borges optou pela continuidade da política econômica de “desenvolvimento global” da economia gaúcha. Rapidamente a crise extrapolou os limites do econômico e alcançou o plano político. A parcela oposicionista da classe dominante arregimentou-se sob a liderança de Assis Brasil, e foi às armas na Revolução de 1923.(1985, p.85).

Devido a fraudes na eleição de 1922, elegendo pela 5^o vez, Borges de Medeiros, os opositores “tomaram em armas contra o governo estadual, através de uma série de levantes regionais”, exigindo a “derrubada de Borges do poder como também a revisão da constituição estadual de inspiração positivista.” (PESAVENTO, 1985, p. 86). Em 1923, através do *Pacto de Pedras Altas*, essas exigências foram atendidas, elegendo para o governo estadual em 1928, Getúlio Vargas.

No Estado, a classe dominante - constituída pelos criadores, estancieiros e charqueadores - se encontrava descontente com o antigo governo estadual e com os processos da economia café-com-leite recorrentes no governo federal. Como novo governador, a figura de Getúlio, possibilitou uma união das classes dominantes

que posteriormente, formaram o levante político armado que foi chamado, Revolução de 1930. Em breves palavras, Pesavento resume:

A Revolução de 30 é produto, por um lado, da falência do modelo agroexportador enquanto forma de acumulação de capital e, por outro, da reação das oligarquias periféricas que, associadas à insatisfação das camadas médias urbanas e ao exército, puseram em xeque a hegemonia do grupo cafeeiro.(1985, p. 53).

Portanto, as soluções econômicas tomadas pelo governo federal vigente, privilegiando apenas a produção do café na região sudeste, gerou custos a toda nação, provocando descontentamento perante as oligarquias produtoras para o mercado interno. Sobretudo, para os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, que em 3 de novembro de 1930 partem armados para o Rio de Janeiro fazendo a Revolução e legitimando como presidente do governo provisório, Getúlio Vargas. Inicia-se o período conhecido como República Nova (1930 a 1937).

A respeito da Revolução, no *Almanaque de Pelotas* de 1931 verificamos ampla cobertura jornalística sobre o evento: o artigo, “O Brasil de Pé!, A cruzada da *Alliana Libera!*”¹⁵ (sem autoria); “Para Frente!”, trecho ilustrado de exaltação ao novo governante, no início da publicação; e também, quatro imagens sobre o evento. No Jornal *A Alvorada*, também existe menção ao acontecimento, mas nenhuma imagem. Neste momento, visualizaremos a ilustração, *Para a frente!*, em que Getúlio Vargas, no primeiro plano da imagem, aparece imponente montado em seu cavalo branco, olhando fixamente para o espectador, com o gado pastando ao fundo. A imagem centralizada acompanha moldura decorativa e texto em itálico:

¹⁵ Reportagem do *Almanaque de Pelotas*, 1931.

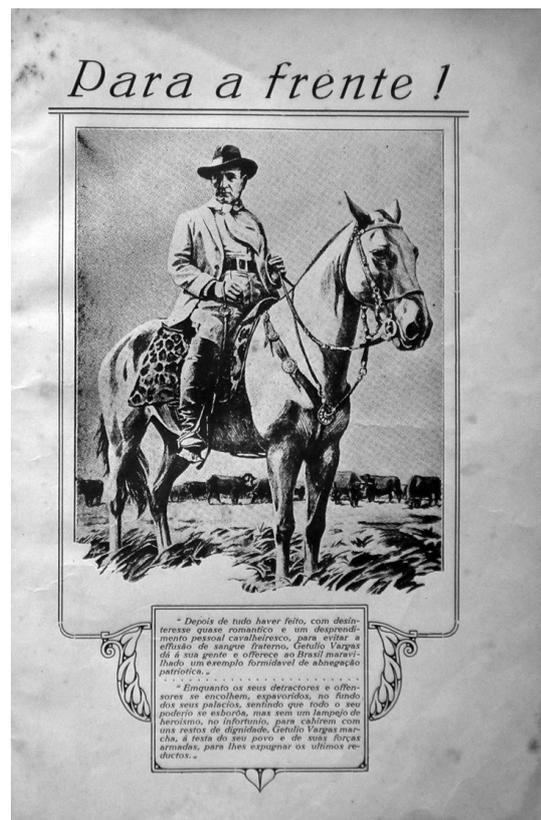


Figura 4 – “*Para a frente!*”, Fonte: *Almanaque de Pelotas*, 1931, acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Ainda na intenção de fazer um panorama nacional sobre este período, observa-se que em 1932 acontece um levante contra o governo provisório, a Revolução Constitucionalista. Em 1933 temos a Constituinte¹⁶ e logo após, a Constituição de 1934¹⁷. A Revolução de 1932 se caracterizou com um movimento constitucionalista em torno de uma causa a favor da reconstitucionalização do país, onde uma parte da classe dominante gaúcha aliada a São Paulo se rebelou contra as medidas centralizadoras do governo federal, pois pretendia à “hegemonia política do país ou desejava, no pior dos casos, resguardar a independência do poder da oligarquia regional frente ao Centro.” (PESAVENTO, 1985, p. 108). No Rio Grande do Sul, o interventor Flores da Cunha, que hesitava inicialmente, apoiou Vargas

¹⁶ O “período de funcionamento da Constituinte; em outras palavras implicava uma verdadeira condução do processo constitucional por parte do chefe do governo provisório” (GOMES, 1996, p. 27).

¹⁷ “A carta Constitucional apresentou inovações como o voto universal direto e secreto, responsabilidade dos ministros de Estado perante a Assembléia, mas por outro lado continha dispositivos que delegavam grandes poderes ao Executivo como a intervenção federal nos negócios estaduais. [...] A Constituição de 1934 teve duração efêmera, visto que no ano de 1935 foi decretada a Lei de Segurança Nacional que foi o mecanismo utilizado pelo governo para ‘conter’ os excessos dos grupos de oposição”. (SOSA, 2007, p. 97).

enviando tropas contra São Paulo. Como resultado de todo o processo, a vitória foi para o governo de Vargas, que assim, fortificou ainda mais seu poder. Neste caso, também encontramos amplo destaque no *Almanaque de Pelotas* de 1933, possuindo artigo intitulado, “A Vida Política no Rio Grande: A revolução de Outubro e o levante de S. Paulo – Os partidos políticos do Rio Grande – Flores da Cunha e a vitória – A fundação do PRL – O Congresso – Documentos para a História”¹⁸, e cinco fotografias. A imagem a seguir mostra o então prefeito da cidade de Pelotas em 1932, Augusto Simões Lopes, saudando o 4º Batalhão da Brigada Militar após seu regresso da Revolução de S. Paulo:



Figura 5 – “A Revolução de S. Paulo: O Prefeito dr. Augusto Simões Lopes saudando, em nome da Cidade o 4º Batalhão da Brigada Militar, em seu regresso de S. Paulo.”, Fonte: *Almanaque de Pelotas*, 1933, acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

No plano governamental, Getúlio Vargas não altera só o grupo detentor do poder em escala nacional, mas também, os objetivos e metas traçados para o país. Vargas que permaneceria no cargo até 1945, tinha como meta de governo a industrialização nacional, a homogeneização cultural, a exaltação do trabalho e do civismo. Assim, a Revolução de 1930 põe fim em uma tradição nacional do Estado Oligárquico, que tinha a economia baseada na exportação de produtos agrários, alterando para um Estado Corporativo, conduzindo um novo sistema capitalista que favorecia a burguesia emergente. (COSTA; RECONDO, 1997, p. 09). O Estado do Rio Grande do Sul, após a revolução de 1930, adapta-se a esta nova proposta econômica, privilegiando o sistema capitalista e a classe burguesa. (PESAVENTO, 1980, p. 76).

¹⁸ Reportagem do *Almanaque de Pelotas*, 1933.

O período que seguiu teve como principal força política no Brasil, a figura de Getúlio Vargas, e foi crucial para sociedade brasileira, como também, para o Rio Grande do Sul. Na cidade de Pelotas, o início da década de 1930 trouxe consigo inúmeras transformações socioeconômicas, motivadas por mudanças mundiais e nacionais, como a crise econômica da década de 20, a queda da bolsa de valores de Nova York em 1929 e a Revolução de 1930.

Em Pelotas, como já mencionado, predominava a economia subsidiária da agropecuária do charque. Dois eram os grupos dominantes na cidade, a aristocracia “ligada à estância e à charqueada” e a burguesia emergente, “composta de comerciantes e industriais” (COSTA; RECONDO, 1997). Os fatores sócio-econômicos e étnicos pelotenses eram diferenciados dos grandes centros nacionais (São Paulo e Rio de Janeiro) e segundo Beatriz Ana Loner, citada no texto de Santos (2003, p. 58), a cidade se distinguia pela:

Utilização da mão-de-obra dos ex-escravos e seus descendentes na industrialização da cidade, ao contrário do Rio de Janeiro e São Paulo, que se utilizaram do imigrante. Outro dado diferenciador de Pelotas em relação àquelas cidades é a predominância dos operários negros na diretoria de várias entidades classistas. Ao que parece, no Rio de Janeiro e São Paulo, este predomínio era restrito às organizações vinculadas aos trabalhadores do porto.

Reafirmando este episódio, Cohen observa que “a sociedade republicana não absorveu a população negra recém-libertada; nas cidades e nos campos, a presença do trabalhador imigrante deixava poucas oportunidades de trabalho para grande parte desse contingente.” (2008, p. 119). Talvez este diferencial tenha repercutido em Pelotas nas diversas organizações negras da cidade, como também em um grande movimento operário que se via estampado nas páginas do *A Alvorada*. Inclusive, pode se pensar que a inserção do negro no mercado de trabalho assalariado, tenha proporcionado a aproximação de uma parte significativa dessa comunidade com os meios técnicos tipográficos de produção, para logo, fundarem seu jornal.

São essas diferenças que irão, posteriormente, suscitar formas alternativas de convívio social perante certos grupos que fazem parte de uma cidade, mas que muitas vezes, não se encontram representados nela. Assim, investigar a ocorrência dessas mudanças sociais frente à adoção de novos ideais e maneiras de

sociabilidade nos dá a oportunidade de conhecer outra parte da cidade, aquela que não se mostra tão evidente, e muito menos, legitimada pelo poder vigente.

Em um pequeno intervalo de tempo, 1931 a 1935, a cidade contou com 4 intendentes, João Py Crespo (1928), Augusto Simões Lopes (1932), Joaquim Assumpção Júnior (1933) e Sílvio Barbendo (1934). Este recorte temporal passa a ser significativo para a cidade por representar o declínio financeiro de uma economia antes em ascensão, marcado pela falência do Banco Pelotense no ano de 1931.

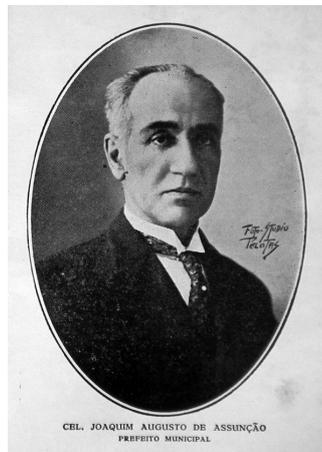


Figura 6, 7, 8 – Respectivamente: “Dr. João Py Crespo”, *Almanaque de Pelotas*, 1933; “Joaquim Augusto de Assunção, Prefeito Municipal”, *Almanaque de Pelotas*, 1934; “Dr. Sílvio Barbendo”, jornal *A Alvorada*, 18/08/1935. Todos, acervo da Bibliotheca Pública de Pelotas.

Durante duas décadas e meia esteve presente no seio da sociedade Pelotense um modelo de pujança e de progresso. O Banco Pelotense encerra suas atividades colocando um ponto final ao um período abundante da cidade, devido ao crescente declínio econômico e social. Conforme a autora Beatriz Ana Loner:

Essa falência teve suas origens na crise internacional de 1929, na criação do Banco do Rio Grande do Sul (e na retirada de dinheiro da primeira para a segunda instituição, por parte do governo), na falência do Banco Popular e também na grande crise da pecuária. (...) Portanto, foi uma década extremamente difícil para a região, de aperto econômico e fechamento de várias possibilidades antes existentes em termos industriais. (1999, p. 389).

Em 05 de janeiro de 1931, os jornais pelotenses, anunciam o encerramento das atividades bancárias e suspensão do expediente¹⁹. Em sua pesquisa, Francisca Ferreira Michelin fala brevemente sobre o fato:

¹⁹ Jornal *Opinião Pública*, 05/01/1931.

O banco sucumbiu levando esperanças e gerando misérias irreparáveis, pessoais, mas também sociais. No âmbito municipal, o fechamento deste banco, assinala o início de uma era funesta, [...] que coincide como a derrocada de uma série de projetos e investimentos sobre os quais vivia o sonho da modernidade tão próxima, tão tangível, tão segura. (2001, p. 484).

Segundo propõe Michelin (2001), a cidade de Pelotas, nas fotografias impressas pesquisadas, representava-se, no período de 1913 a 1930, em uma progressiva enunciação moderna, através de um modo de viver inerente as suas produções sociais, econômicas e culturais. Deste modo, devido à cidade ter como atividade predominante “a propriedade da terra, altamente concentrada, a criação de gado de forma extensiva”, somando-se “a falta de investimentos em melhorias na produção e circulação dos produtos derivados” (SANTOS, 2003, p.76), a cidade caminhava para uma estagnação econômica, com consequências desalentadoras em relação a sua prosperidade econômica e social.

Tendo vivido momentos importantes e progressistas, agora a cidade se encontrava em declínio lento e continuado. Os autores, Vieira, Pereira e Toni, observam que este período representa:

[...] a passagem de um passado rico, que refletiu toda esta riqueza nas formas sócio-espaciais existentes, para um período de incertezas de investimentos, quando não de nostalgia e contemplação. Pelotas começa a vivenciar a dinâmica de novos tempos, sem ter sido preparada para isso” (1994, p. 30).

É neste contexto que a pesquisa se situa, é nessa Pelotas do passado que iremos perceber como as imagens impressas nos periódicos, jornal *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas*, representam uma cidade que acaba de sofrer uma grande perda e que ainda vive de desejos modernos.

2.2 História da Imprensa no Brasil

“A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado.” (MARTINS, LUCA, 2008, p. 8).

A imprensa no Brasil surge tardiamente em relação a outros países da América Latina. Somente com a vinda da Família Real Portuguesa em 1808, assegurando a condição do Brasil como sede da monarquia, a imprensa vem se desenvolver oficialmente, ao lado de outras medidas, como por exemplo, a fundação do Banco do Brasil e a abertura dos portos. A imprensa oficial recebeu o nome de *Impressão Régia*. Durante sua existência promovia diversos tipos de impressos, não prestando serviços apenas para o governo.

Ao fazer um levantamento histórico sobre “os primeiros passos da palavra impressa” no Brasil, Marco Morel, afirma que o órgão oficial do governo também desenvolveu “ampla e complexa atividade tipográfica, tornando-se a primeira editora a funcionar em território brasileiro” (2008, p. 31). Além disso, o surgimento da imprensa periódica no Brasil não se estabeleceu em um “vazio cultural, mas em meio a uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes”, ou seja, a imprensa periódica pretendia, “marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais” (MOREL, 2008, p. 25). No entanto, se estabelecia em um país incipiente, longe do desenvolvimento urbano e comunicacional já praticado na Europa e em outros países da América, como por exemplo, a primeira folha nos Estados Unidos, *The Public Occurrences*, publicada em 1690 na cidade de Boston. Destarte, a imprensa se constituiu em um governo distante de formas democráticas e cosmopolitas, porém a prática se promoveu intensa já nos seus primeiros anos, possuindo uma grande variedade de títulos periódicos nacionais.

No Brasil, antes de 1808, foram encontrados alguns folhetins e algumas folhas impressas, como também jornais do exterior e obra de autores nascidos em terras brasileiras. Contudo, as tentativas de estabelecimento de tipografias no território nacional eram proibidas pelas autoridades portuguesas e, os impressos que

circulavam eram submetidos à censura prévia pelo poder civil, Ordinário e Desembargo do Paço, e pelo eclesial, Santo Ofício. (MOREL, 2008).

O primeiro jornal impresso e editado em território brasileiro foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, dirigida por Frei José Tibúrcio da Rocha, em 10 de setembro de 1808 e tinha como característica, quatro páginas nas quais se relatavam os atos oficiais, notícias a respeito dos príncipes europeus e sobre a família real. Mas, o primeiro jornal criado por um brasileiro aconteceu meses antes, mais precisamente em Londres, em 1º de junho de 1808, por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça, denominado *Correio Brasiliense ou Armazém Literário*; jornal opositor ao governo vigente, que atuou sem descontinuidade até 1822. Sobre este fato, dentre os pesquisadores e jornalistas, ocorre um impasse sobre qual seria a data oficial do primeiro jornal brasileiro, dado irrelevante se considerarmos que ambos são significativos num país incipiente em tal prática à época.

Embora sendo feito na Inglaterra o *Correio Brasiliense*, tinha caráter oposicionista e crítico, onde discutia em suas páginas os problemas da Colônia, circulando amplamente pelo território brasileiro. (MARTINS, LUCA, 2008).

A seguir, imagens dos primeiros jornais brasileiros.

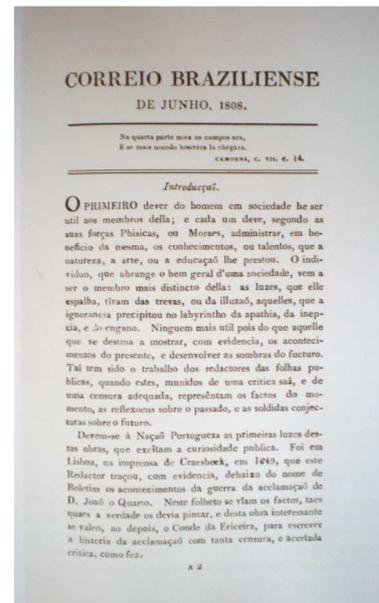
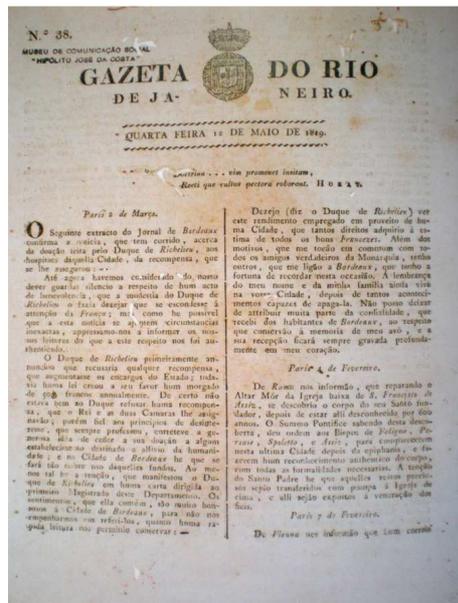


Figura 9, 10 – *Gazeta do Rio de Janeiro*, 12/05/1819 e *Correio Braziliense*, 06/1808. Fonte: MIRANDA, LEITE, 2008.

Após o retorno do rei Dom João VI para Portugal em 1821, acontece uma série de debates políticos em torno das leis aplicadas no Brasil pela coroa portuguesa, logo, começando os processos para a Independência do Brasil, onde os periódicos irão contribuir enormemente para esse feito. Segundo Lustosa, “a campanha dos jornais brasileiros contra as medidas das Cortes foi a primeira grande ação da imprensa brasileira”, foi o grande apoio para os deputados defenderem “a unidade e autonomia do Brasil”. (apud PACCOLA, 2004, p. 4). Porém, muitos jornais e jornalistas acabaram sendo censurados e perseguidos, pois muitos queriam que o Brasil se tornasse realmente livre, ou seja, que se institísse um governo republicano. Assim ocorreu um leve dissonar na imprensa nacional, só se recuperando em 1826. Sobre este assunto, Paccola afirma:

Somente em 1826, com a Assembléia Legislativa, surgiram as condições para o renascimento da imprensa no Brasil, que se alastrou por todas as províncias. Os jornais refletiam os debates políticos que se dividiam entre conservadores e liberais, entre monarquistas e republicanos. (2004, p. 5).

Por conseguinte, as principais características da imprensa brasileira durante o período monárquico foram os textos opinativos, políticos e alguns literários – geralmente escritos por pessoas ligadas a cargos públicos - onde estabeleceram a produção em uma “indústria” de caráter artesanal, devido principalmente à falta de prelos e da dificuldade ao acesso à fabricação do papel. No cenário político, todas as ações dos partidos existentes, Conservador ou Liberal, condicionados a interesses da classe dominante, e vinculados a grupos familiares, se faziam representar através de um discurso conservador, demarcando “posições, ambições e lutas” (MARTINS, 2008, p.48). Vale lembrar que neste período, a estrutura social do país se constituía por uma grande diferença social, de um lado encontramos os senhores donos de terras e pertencentes à corte, e do outro, os escravos, como também, um pequena classe de profissionais liberais (CARNEIRO, 1999). Assim podemos supor, apesar da grande variedade de impressos, que apenas um pequeno número de habitantes se constituía como público leitor.

Com a antecipação da maioria e coroação de D. Pedro II (1840), o regime monárquico se reestruturou, modificando lentamente o caráter da imprensa nacional. No início do 2º Reinado, os assuntos políticos perderam força e os textos passam adquirir um caráter mais literário. Há também uma diminuição no número de títulos, consolidando os jornais mais estáveis. O desenvolvimento de novos modelos

impressos, como revistas, almanaques e jornais caricatos, começam a florescer. Podemos destacar *Lanterna Mágica* (1844), uma das primeiras ilustradas e a publicação “de um dos primeiros almanaques, o *Almanaque Laemmert* (1844), contendo informações úteis para os diversificados usos e gostos.” (MARTINS, 2008, p. 56).

As ilustrações começam a surgir possibilitando um melhoramento no padrão gráfico nas publicações, como também, um maior chamariz para o público, que nesta época, ainda era na sua maioria, analfabeto. A primeira fotografia impressa no Brasil adveio em 1878 no jornal *O Besouro*, fundado no mesmo ano por Rafael Bordalho Pinheiro, “crítico, mordaz e inspirado” que produzia “desenhos satíricos de alta qualidade” e que no mês de julho publicou as imagens que “retratava crianças abatidas pela seca no Nordeste”, produzidas por outro jornalista, José do Patrocínio, “então redator do jornal *Gazeta de Notícias*” (MARTINS, 2008, p. 66).

José do Patrocínio, mulato, de origem humilde e portador do diploma da Escola de Farmácia do Rio de Janeiro, se destacou no meio impresso por ser um grande defensor abolicionista. Segundo Martins, “tornou-se articulista famoso em todo o país, conhecido como Tigre da Abolição. Foi proprietário da *Gazeta da Tarde*, dirigiu a *Cidade do Rio*, que havia fundado, de onde saudou a Abolição em 13 de maio de 1888.” (2008, p. 61). Sua figura emblemática era muito utilizada no Jornal *A Alvorada*, representado como um grande abolicionista. Durante o período desta pesquisa, seu retrato foi vinculado diversas vezes, em momentos como símbolo da luta contra o preconceito aos negros. Segue seu retrato impresso no Jornal *A Alvorada*:



Figura 11 – “O grande abolicionista José do Patrocínio”, Fonte: *A Alvorada*, Pelotas, 05/05/1932.

Na primeira semana do mês de maio de 1932, quando o jornal comemorava em edição ampliada, aparece publicado juntamente com o retrato, um texto de autoria de José do Patrocínio. O texto carregado de recursos poéticos louva o dia da Abolição dos Escravos em 1885; podemos ler abaixo um pequeno trecho:

[...] Pomba da esperança, ave sagrada, entra pela Alma da Pátria, entra, doce e caridosa moça coroada, mãe piedosa dos escravos, sacratíssima bemfeitora de um milhão de negros! Agora sim – o Iris da paz – o arco da aliança, pôde brilhar no céu puríssimo da América, unindo-o em doce confraternização ao mundo livre, porque nós também o somos ... nós os brasileiros! Tocamos no Ararat da liberdade – podemos entrar na comunhão dos povos. (José do Patrocínio, *Depois do Diluvio*, *A Alvorada*, 05/05/1932).

Os movimentos abolicionistas permeavam todo o período anterior à Proclamação da República (1889), os propagandistas utilizavam dos recursos da retórica, “mesclada pela literatura romântica e pela oratória bacharelesca”, levando a “causa da abolição para a imprensa, reconhecida como a mais popular das campanhas até então desfraldadas no país” (MARTINS, 2008, p. 74). A causa defendida por muitos republicanos, “envolveu representantes da elite, das camadas médias urbanas, do funcionalismo público, do segmento estudantil, parte da Igreja e agentes emblemáticos da população negra” (MARTINS, 2008, p. 74). Entre os principais representantes destacamos, Luiz da Gama, José do Patrocínio, André Rebouças, Castro Alves e Joaquim Nabuco.

Após a Proclamação da República em 1889, aconteceram mudanças estruturais no meio de produção dos impressos, devido principalmente “à ascensão

burguesa, ao avanço das relações capitalistas” (SODRÉ, 1999, p. 275) e contrariamente ao que se imagina, a censura começou a ser mais atuante com as manifestações impressas contra o regime republicano, onde acabaram sofrendo certas repreensões perante os sucessivos governos da Primeira República (1889 – 1930). Nesta assertiva, Maria de Lourdes Eleutério ao abordar “a imprensa a serviço do progresso” afirma que “em contraposição à liberdade de expressão que distinguiu o Império, a República, desde os seus primórdios, evidenciou sua sanha repressora em vários episódios contra a liberdade de expressão.” (2008, p. 85).

Aos poucos a imprensa artesanal passa para o perfil empresarial e industrial, modificando seus pontos de interesse, direcionando as publicações para um público geral e mais diversificado, atendendo novas camadas sociais. Neste período, o país se encontrava em pleno crescimento urbano, com investimento na alfabetização, e com diversas outras medidas modernizadoras, Martins e Luca sobre este fato relatam que:

[...] a chegada do século XX se impôs com seu cortejo sedutor de novidades prontamente trazidas para a criação da grande imprensa e a ampliação do parque gráfico. Luz elétrica, telefone, cinematógrafo, bondes elétricos, automóvel, máquina de escrever, zepelins, além de estruturas de ferro pré-fabricadas que resultam em edificações de impacto na paisagem e no maquinário gráfico agilizado, otimizaram uma imprensa que se pretendia missionária na pregação do Brasil. (2008, p. 11).

Todas as mudanças acabam por diversificar os processos gráficos, melhorando em muitos casos a qualidade de impressão e o barateamento dos custos. As ilustrações passam a adquirir destaque nas publicações, se mostrando diversificadas, podendo se apresentarem como, charge, caricatura, arabescos decorativos, formatação variada e imagens fotográficas. Mas ainda, devido a uma indústria incipiente, muitos impressos que queriam inovar e se destacar no meio social mandavam imprimir seus exemplares em outros países, como é o caso da revista *Kosmos* (1904 - 1909), que era impressa em Buenos Aires. Sobre este assunto, Eleutério observa que, “foram tempos de expansão da grande imprensa, com impresso de vários matizes políticos, muitos de expressão reivindicatória, periodicidade variada, segmentação enriquecida e pluralidade temática” (2008, p. 86).

Em relação às mudanças ocorridas no início do século XX em âmbito nacional, Luca observa que:

É preciso ter presente que o período em apreço foi marcado pelo final da escravidão, instauração do regime republicano e seu ideal de reformar o ensino e disseminar o letramento, prosperidade trazida pelo café, crescimento dos centros urbanos e do setor de serviços, [...] extensão da malha ferroviária, entrada de grandes levas de imigrantes e início de um primeiro surto industrial, circunstâncias que, a um só tempo, favoreciam e demandavam a circulação da informação. (2008, p. 150).

Portanto, no início do século XX com as mudanças políticas e socioculturais, vieram outras formas de impressos. Acontece uma expansão nas publicações ilustradas, desde revistas de variedades, satíricas e caricatas, agrícolas, de esporte, femininas; como também, a imprensa passa a ser campo ideológico de lutas políticas e sociais, exemplo disso, é a imprensa operária, que começa a figurar desde 1890, e a imprensa negra, que iremos ver mais detalhadamente quando analisarmos o jornal *A Alvorada*.

A partir do governo de Getúlio Vargas o avanço operário é contido, segundo Benjamin Abdala, o estado como “interventor, apaziguador e controlador [...] não poupou esforços para promover reformas e leis que vinham ao encontro das reivindicações dos trabalhadores” (1988, p. 33). Além disso, após 1935 “a censura e o aparato de controle dos meios de comunicação tornaram-se mais rigorosos; a instauração da Lei de Segurança Nacional impôs o cerceamento à expressão do pensamento e as perseguições políticas se tornaram rotina.” (COHEN, 2008, p. 128). Porém, o governo “inovou ao criar órgãos específicos destinados à propaganda e ao controle da informação” (LUCA, 2008, p. 170). Antes do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foram criadas outras divisões, em 1931 existia o Departamento Oficial de Publicidade (DOP) “substituído em 1934 pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC)”. (LUCA, 2008, p. 170).

No âmbito sociocultural, a década de 1930 foi marcada pela participação de intelectuais das mais diversas matrizes ideológicas no governo. Cultura e política caminharam juntas por uma redefinição do país, com a meta principal de redesenhar a identidade nacional. O crescimento da nação promovido por novos modelos governamentais e econômicos, sugere um desejo nacional de progresso e união centralizadora, pelo menos, estas idéias se mostravam convergentes entre os representantes oficiais. No Rio Grande do Sul, veremos que nesse momento, o Estado estará na pauta dos atos revolucionários e se mostrará rico na grande quantidade de manifestações impressas.

2.2.1 – A imprensa no Rio Grande do Sul

Desde seu surgimento, a imprensa trouxe consigo as funções de opinar e informar; planou por diversas áreas de conhecimento, propagou ideais, atuou como meio pedagógico, interagiu com os meios literários e culturais, atuou como meio político-partidário e ajudou na formação de opiniões. Podemos pensar a imprensa como uma forma de escrita capaz de informar sobre os acontecimentos de maneira imediata, refletindo assim, formas de pensar e agir da sociedade que representa. As várias manifestações impressas, como jornais, periódicos, folhetins, revistas e etc; mantiveram um objetivo em comum: informar algo sobre determinada perspectiva. Neste sentido, para fins contextuais, abordaremos brevemente a atuação da imprensa no Rio Grande do Sul.

O primeiro jornal impresso no estado foi o *Diário de Porto Alegre* em 1827, sua criação teve o apoio do presidente da província, o brigadeiro Salvador José Maciel, e os assuntos vinculados iam da ordem corriqueira até publicações oficiais. Suas atividades encerraram em 1828, sendo substituído pelo *O Constitucional Rio-Grandense* (MIRANDA; LEITE, 2008, p. 40). A seguir, imagens dos primeiros jornais produzidos no Rio Grande do Sul:

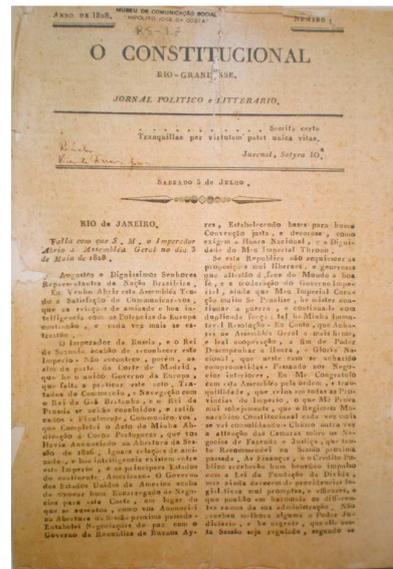


Figura 12, 13 – *Diario de Porto Alegre*, 25/09/1827 e *O Constitucional Rio-Grandense*, 05/07/1928. Fonte: MIRANDA, LEITE, 2008.

Em comparação com a imprensa brasileira, que inicia suas operações oficiais em 1808, a Província de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, começou tardiamente seu desenvolvimento na indústria tipográfica. Segundo Alves, no estado gaúcho, “as origens da imprensa estiveram ligados à formação do Estado Nacional Brasileiro e aos confrontos políticos estabelecidos durante esse processo”. (1995, p. 11). O seu surgimento pode ser entendido também, como resultante do decreto de Dom Pedro I, que extingue a censura, fazendo surgir a partir daí, boa parte da imprensa nas províncias (HOHLFELDT, RAUSCH, 2006, p. 2)²⁰.

A imprensa do Estado se destacou na publicação de livros desde o seu início, como exemplo, já em 1834 temos a publicação do livro, *Poesias oferecida às senhoras rio-grandenses*, de Delfina Benigna da Cunha (1719 – 1857). Além disso, outro fator de destaque, foi a produção de impressos realizados por imigrantes desde 1836, como é o caso do jornal *O Colono Alemão*, editado por Hermmann Von Salisch em língua alemã (MARTINS, 2008, p. 58, 71).

Sobre as condições materiais para a realização da imprensa periódica no século XIX na região sul do estado, podemos ressaltar, a dificuldade de instalação para as redações. Muitas delas não possuíam prelo, necessitando levar material até uma tipografia. As tarefas, da produção à circulação - criação da notícia, impressão, revisão e distribuição –, muitas vezes não eram divididas, e sim, praticadas pela mesma pessoa (REVERBEL, 1957 apud ALVES 1995). Outros fatores que dificultaram a implantação da imprensa no Estado foram os custos para obtenção da matéria-prima, o pagamento de mão de obra especializada e as altas taxas de analfabetismo, diminuindo assim, a abrangência do acesso ao jornal (ALVES, 1995), só superada posteriormente com o uso da ilustração.

Portanto, nos primeiros anos a imprensa se apresenta precária e pouco qualificada, logo após, surge um período intenso, anterior à Revolução Farroupilha, que culminará em diversas publicações político-partidárias, instigando as disputas. Contudo, esta imprensa incipiente tinha dificuldades para circular e sustentar um desenvolvimento permanente. Sobre o debate político promovido nos jornais, Sosa observa que:

²⁰ Sobre este assunto, os autores fazem referências aos textos de SODRÉ, 1977 e VIANNA, 1977.

No Rio Grande do Sul o jornalismo político-partidário é contemporâneo da Revolução Farroupilha e suas relações com o centro do poder. No final do século XIX, com a Revolução Federalista, os jornais passaram a refletir as posições com relação a esse movimento. Pica-paus e maragatos confrontavam-se também através das páginas dos jornais.” (2007, p. 23).

Por conseguinte, Hohlfeldt e Rausch afirmam que:

O desenvolvimento da imprensa no Rio Grande do Sul, na passagem do século XIX para XX, está intimamente vinculado a dois fatores: a luta político-partidária que se desenrola na província, inclusive com sangrentas consequências, como a Revolução de 1893; e o aporte de novas tecnologias que vão interferir diretamente na transformação da imprensa estritamente partidária em uma imprensa industrial, passando-se de uma produção artesanal para uma impressão absolutamente mecanizada. (2006, p. 1).

Acabados, por momento, os conflitos políticos e armados, ainda no século XIX, surge o jornal *Correio do Povo* (1895), lançando mão de melhoramentos técnicos e administrativos com caráter empresarial, inaugurando o formato moderno e “propalando uma postura independente diante dos conflitos partidários que ainda se faziam presentes” (ALVES, 2000, p. 30).

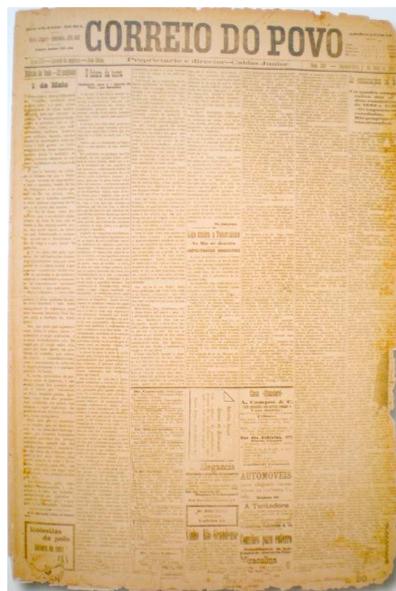


Figura 14 – *Correio do Povo*, Fonte: Fonte: MIRANDA, LEITE, 2008.

O período demarca também o surgimento de outros tipos de impressos, como as revistas literárias, publicações caricatas e/ou ilustradas, e a imprensa operária, como exemplo, destacamos as revistas: *Revista do Paternon Literário* (1869 – 1879), *A Revista do Globo*, *Kodak* (1912 – 1914), *Mascara* (1918), entre outras. Porém, mesmo diversificando o mercado e aproximando-se muitas vezes do

modelo noticioso, não foram completamente extintos os jornais partidários que “além de divulgarem seus princípios ideológicos”, atendiam determinadas demandas de público (HOHLFELDT, RAUSCH, 2006, p. 5).

A efetivação de periódicos a partir do século XIX possibilitou através do barateamento dos meios de produção, da concentração populacional no meio urbano e da facilidade de distribuição - causada principalmente pelo desenvolvimento no Brasil, dos serviços de Correios e Telégrafos – um favorecimento para que um número cada vez maior de publicações surgisse nas mais diferentes regiões geográficas (SODRÉ, 1999).

No estado do Rio Grande do Sul, além da capital Porto Alegre, se fez importante a cidade Pelotas pela quantidade e variedade de jornais e outros tipos de periódicos impressos, principalmente, entre os séculos XIX e metade do século XX (NEVES, 2005). As publicações, entre elas, as de circulação diária ou semanal, tornaram-se comuns na cidade, onde os periódicos testemunharam e registraram grandes acontecimentos em suas páginas.

Comparada à capital da Província, Pelotas iniciou a prática impressa com atraso, apenas no ano de 1851 surge o primeiro jornal na cidade, *O Pelotense*, que circulou de 7 de novembro de 1851 a 21 de março de 1855 (MAGALHÃES, 1993, p. 244). Seu criador, o português Cândido Augusto de Melo já havia fundado outros jornais no estado e segundo Magalhães (1993, p. 244), o fato da imprensa ter aparecimento tardio em Pelotas, “comparativamente a Porto Alegre e Rio Grande”, há, certamente, a explicação na demora da consolidação do núcleo urbano que foi posterior as outras cidades.

Para Loner (1999), em sua pesquisa sobre os jornais diários pelotenses na República Velha, o desejo constante da cidade de Pelotas em estar “a par de todas as novidades, não só industriais, mas também artísticas e culturais, pode ser sentida através do extraordinário florescimento de sua imprensa, durante o período imperial e republicano” (1998, p. 6). Por conseguinte, a autora observa, que “além dos jornais diários, centenas de outros surgiram, a partir da segunda metade do século XIX, especialmente jornais de pequeno porte, extremamente diferenciados quanto a seu conteúdo, tiragem e periodicidade.” (LONER, 1998, p. 6). Na pesquisa referida, Loner faz uma relação dos jornais com periodicidade diária, durante o período de 1889 a 1930. A fim de elucidar este trabalho, transcrevemos a relação dos impressos:

Correio Mercantil (1875); A Pátria (1886); Nacional (1889); Gazeta da Manhã/ Gazeta da Tarde (1890 – 1891); Diário Popular (1890); Tribuna Federal (1892); A Opinião Pública (1896); A Tribuna (1911); A Reação (1912); O Rebate (1914); O Dia (1916); Jornal da Manhã (1922); O Libertador (1924), além de A Reforma (1906 – 1911). (1998, p. 6).

Dentre os jornais pelotenses, *O Correio Mercantil* (1875 – 1915, 1929 – 1932) possuiu como proprietários, nomes de destaque na sociedade, entre os mais conhecidos, Antonio Joaquim Dias, Augusto Simões Lopes - intendente da cidade em 1932 – e João Simões Lopes Neto – jornalista e um dos principais escritores literários de Pelotas. Já o *Diário Popular*, fundado em 1890, ainda em circulação; durante muito tempo será o jornal oficial do Partido Republicano Rio-Grandense e inovará ao abandonar o número de 4 páginas diárias (LONER, 1998). Outro merecedor de destaque é o jornal *A Opinião Pública* (1896 – 1962); Loner observa que o jornal:

[...] apresenta-se como um dos principais órgãos a serem investigados, justamente pelas mudanças que apresenta e as alterações que provoca no 'status quo' da cidade, quanto muda de posição política ou apresenta inovações na linha editorial. (1998, p. 15).

A autora refere-se ao fato do jornal permitir a difusão de qualquer idéia em suas páginas; bastava possuir “dinheiro e um projeto a veicular” (LONER, 1998, p. 14), como também o perfil do jornal, que ao longo de sua trajetória, possuiu diversos diretores e proprietários.

Além desses, é interessante mencionar outros impressos, como “*A Pena* (1884) jornal literário de Luiz Carlos Massot, Guilherme Echenique e José Calero”, que circulou durante o período de seis meses, “já que seu objetivo era a emancipação antecipada dos escravos, que se verificou efetivamente em 1884” (MAGALHÃES, 1993, p. 249) e *A Ventarola* (1887 – 1890), jornal humorístico e ilustrado, de propriedade de Eduardo Chapon.

A Ventarola, jornal caricato sucessor de *O Cabrion* (1879 – 1889) se mostrou como um periódico altamente ilustrado e, “desde seu primeiro ano de circulação, [...] manifestou suas convicções contrárias ao ‘regime’ monárquico e, em várias ocasiões estamparia a figura da mulher como analogia ao anseio pela mudança da forma de governo” (ALVES, 2007, p. 51). É interessante ressaltar que a impressão deste jornal era feita primeiramente na “tipografia do jornal *A Pátria* e, mais tarde, na do *Excelsior*”. Contudo, “a parte ilustrada ficava a cargo da Litografia Parisiense, a qual também pertencia o proprietário da folha” (ALVES, 2007, p. 48).

Para terminar este breve apanhado sobre as realizações impressas no Rio Grande do Sul e na cidade de Pelotas, finalizaremos com os impressos ilustrados pelotenses. A primeira fotografia impressa vinculada em jornais na cidade, segundo Francisca Ferreira Michelin (2001), data de 1º de janeiro de 1901 e foi obtida através do processo de off-set. Neste período o periódico que possuísse tal tecnologia garantia adjetivos “de bem equipado, atual, alinhado com a imprensa do país” (MICHELON, 2001, p. 5).

Em 1922, o *Álbum de Pelotas* comemora o centenário da Independência do Brasil, promovido pelo comércio local, com apresentação luxuosa. O impresso possuía um grande número de imagens fotográficas e seus assuntos eram referentes à cidade (MICHELON, SCHWONKE, 2008). Já a *Ilustração Pelotense*, revista ilustrada, foi uma publicação que privilegiou a imagem fotográfica em relação a outros tipos de ilustração, como a gravura e os desenhos. Para Michelin, “a importância dessa revista para a história da cidade encontra-se, em parte, na documentação visual ditada pelas fotos nela impressas”, foram observados, “moda, comportamento, valores, tipos de beleza, saúde e gosto adequados ao momento político dominante”, assim a revista foi uma “intersecção entre desejos sociais e possibilidades da indústria do entretenimento” (2008, p. 60).

O estudo sobre este assunto não se esgota nesta pequena contextualização, os periódicos pelotenses se mostram com significativa importância para o momento em que a cidade se encontrava, pois a imprensa atrelada a todo este contexto pode esboçar uma possível leitura do passado através de suas páginas. Além disso, as imagens pertencentes aos impressos se mostraram particularmente detentoras de significados próprios, de desejos latentes e de anseios comuns.

Na medida em que distinguimos a imprensa como portadora de poder representativo e como formadora de opinião, entendemos que internamente a este processo, está implícito o domínio da memória, constituindo-se como controle sobre as representações e podendo exercer um exercício de exclusão passivo a partir de interesses vigentes ou pretendidos. A dominação deste poder como estratégia de construção do conhecimento é definidor de uma história de criação e perpetuação de valores e identidades, assim, o que foi vinculado a um periódico desempenha um processo seletivo, por um lado fragmentação, e por outro, uma memória sendo impressa.

Neste sentido, Pollack (1989), defende uma memória construída também pelos silêncios e esquecimentos, paralelos aos discursos políticos hegemônicos, observando concorrência de possíveis memórias dominantes oficiais e memórias subterrâneas, estas últimas, percebidas como uma espécie de memória marginal, que se encontram muitas vezes paralelas e latentes às memórias oficiais. Por conseguinte, Halbwachs (1990), ao analisar o fenômeno social da memória coletiva, defende que ela pode ser elaborada através das influências de um grupo pertencente a uma sociedade, justapondo uma construção plural de memórias individuais, grupais e coletivas, sendo representadas muitas vezes através da subjetividade. Portanto, o meio impresso se mostra capaz de 'guardar' certas memórias, cumprindo o papel de registro sobre um momento passado.

O fato dos públicos desses periódicos serem diversos entre si e contrastantes, não significa que as imagens não traduzam as mesmas expectativas de progresso e de auto-valorização. As fontes são divergentes, mas encontramos pontos de convergência quando tratamos na quantidade de imagens presentes e abundantes nos dois periódicos. Sugere-se assim, uma possível proposição de semelhança no uso das funções imagéticas através da fotografia impressa.

Os dados indicam que o meio impresso na cidade de Pelotas conformava um caminho para a desejada representação imagética que aquela sociedade pretendia fazer de si mesma, tanto nos retratos, como nas paisagens urbanas. O refletir sobre nosso passado, através das imagens que possibilitam uma interpretação além da sua vinculação inicial ao suporte, nos proporciona uma saída para decodificar as intenções dominantes, como também suporte de legitimação de uma identidade e de desejos de progresso através de seus cidadãos.

Sugere-se, ainda, que a representação proposta pelas fotografias impressas valorizava os aspectos de progresso conforme uma visualidade construída intencionalmente pelos suportes ao qual a imagem era vinculada. A relação destas imagens com a memória também indicam um princípio de lembrar o que era escolhido para ser lembrado, porque a informação guardada no tempo e no espaço é aquela que se revela ao espectador. A partir de tais sugestões, aprofundaremos o estudo com as fontes escolhidas e esmiuçaremos suas características formais e ontológicas.

3 – APRESENTAÇÕES, ANÁLISE DOS DADOS, TABELAS E LEITURAS

3.1 – Apresentações do jornal *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas*

Até o momento foram vistos alguns percursos significativos da história da imprensa durante seu processo constante de desenvolvimento, paralelo às questões históricas, políticas, econômicas e culturais. A imprensa, percebida como fonte histórica está sujeita a inúmeras interpretações, dependendo da compreensão do leitor, como também, do responsável pela mesma, que seleciona o material a ser impresso, retirando os fatos do cotidiano e sistematizando-os consoante ao meio social a que pertence. Desta maneira, podemos entender o processo de construção da informação como fruto da expressão de sujeitos e/ou grupos, nos quais as estratégias de representação se mostram ativas e determinantes na realização de um produto cultural, neste caso, os periódicos, jornal *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas*.

A pesquisa em relação à coleta de dados de fonte primária restringiu-se geograficamente à cidade de Pelotas, no entanto, uma busca mais ampla pelo estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre, na PUC-RS, pode se encontrar a completa a coleção dos *Almanaques de Pelotas*, como também, na cidade do Rio de Janeiro, onde é sabida a presença de vários volumes do jornal *A Alvorada*, na Biblioteca Nacional. Os exemplares pesquisados em Pelotas estão em dois ambientes diferentes no mesmo edifício da Bibliotheca Pública Pelotense. O jornal *A Alvorada* pertence ao CDOV (Centro de Documentação e Obras Raras) e o *Almanaque de Pelotas* encontra-se na sala denominada Arquivo Histórico; ambos no segundo piso do edifício da Instituição.

Tratando-se de fontes muito importantes para o conhecimento da cidade naquele período, fazem-se neste trabalho, alguns apontamentos sobre a localização e disponibilização dessas fontes. No momento em que se realizou esta pesquisa, o CDOV, era um espaço dividido por prateleiras de ferro e mesas. Durante todo o horário destinado para consulta, as janelas encontravam-se abertas, sem controle

da temperatura e da umidade. O mesmo local é utilizado pelo pesquisador para consulta e se esse julgar necessário obter cópia dos exemplares; a instituição possibilita ao consulente realizar fotografia mediante pagamento de uma taxa por imagem. A acessibilidade para a pesquisa é livre, de consulta local, e o pesquisador entra em contato direto com o exemplar original, pois a Bibliotheca Pública Pelotense ainda não possui arquivo digital disponível para as consultas.

Na sala do Arquivo Histórico o espaço apresentado é reduzido para pesquisa local, mas não é negado acesso ao pesquisador. As condições físicas são as mesmas do CDOV, onde há prateleiras de ferro e mesas, mas com um diferencial: muitos dos documentos se encontram em caixas-arquivo “poliondas” e os exemplares do *Almanaque* possuem capa avulsas de papel cartonado para a proteção. Novamente o pesquisador entra em contato com o exemplar original e se necessitar cópia deverá realizar no local com o auxílio das monitoras e contribuir financeiramente. Em ambas as salas, exige-se para manuseio do exemplar original, o uso de luvas descartáveis que podem ser adquiridas nas dependências da Bibliotheca.

3.3.1 O *Almanaque de Pelotas*

“Sabem que o Tempo é, desde que nasceu, um velho de barbas brancas. Os poetas não lhe dão outro nome: o velho Tempo. Ninguém o pintou de outra maneira. [...] O Tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão-somente os dias, as semanas, os meses e os anos. Um dia, ao amanhecer, toda a terra viu cair do céu uma chuva de folhetos; creram a princípio que era geada de nova espécie, depois, vendo que não, correram todos assustados; afinal, um mais animoso pegou de um dos folhetos, outros fizeram a mesma coisa, leram e entenderam. O almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía. Assim toda a terra possuiu, no mesmo instante, os primeiros almanaques.” (ASSIS, 2001, p. 25, 26 e 27²¹)

Machado de Assis ao descrever a estória de “Como se Inventaram os Almanagues”, atribui ao personagem “Tempo” a responsabilidade pela criação dos mesmos. O “velho barbudo” pretendia conquistar a “Esperança” que negava-lhe o pedido de namoro por ser muito jovem. No intuito de provar-lhe por escrito que os

²¹ In: MEYER, Marlyse. (Org.) **Do Almanak aos Almanagues**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

anos de sua mocidade passariam; deu início ao folhetim como prova sucessiva do registro de tempo em relação ao decorrer dos dias. E assim, ao final, quando “Esperança” já se encontrava velha, os dois continuaram produzindo juntos os almanaques; o “Tempo” imprimindo-os e a “Esperança” atando-os com uma fita verde.

A imaginação do contista e escritor nos alerta a perceber o “Tempo” e a “Esperança”, como dois princípios intrínsecos ao gênero almanaque. O primeiro, dividido em folhas ao longo do exemplar, e a esperança, por outro lado, compreendida como algo que está em espera, futuro escrito antes mesmo de o momento acontecer, narrado através de previsões da lua, de conselhos relativos a como plantar e da lembrança antecipada dos dias a serem comemorados. Nesse sentido, o almanaque mesmo fragmentado pela consulta diária, acaba criando uma unidade e o ano passa a ser “armazenado” em um livro, sentido como um objeto comum e único, devido a sua constante utilidade. Não obstante, Jean-François Botrel (2001) ao retomar duas definições de Lodovica Braidá e de Vera Casa Nova, observa que “[...] o caráter anual e único desse bem comum a tanta gente, torna o almanaque um objeto notável. Porque ele é ao mesmo tempo ‘guia’ e ‘semiologia do tempo’”.

Os almanaques tiveram lugar comum no universo impresso há muito tempo. No Brasil circulavam antes do primeiro jornal brasileiro e participaram do processo de constituição da nação, alcançando os lugares mais distantes do território nacional, “numa integração de domínios rurais e urbanos, transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação efetiva de repertórios” (FERREIRA, 2001, p. 20). Assim, acompanhando ou favorecendo as transformações crescentes, os almanaques ofereceram informações necessárias ao convívio de uma comunidade através dos conteúdos impressos em suas páginas, desde aulas de história e ciência, contos literários, notícias regionais, matérias de entretenimento, entre outras; configurando-se como espécie de testemunha (BOTREL, 2001, p. 18).

A grande variedade de formatos foi também, um dos pontos significativos para a expansão dos almanaques, os mais comuns foram os de caráter comercial e popular, muitos distribuídos gratuitamente em farmácias, outros, porém, requintados, comemorativos, astrológicos e até mesmo, almanaques de cordel, realizados ainda hoje no Nordeste (FERREIRA, 2001, p. 19).

Auto proclamado como propagador dos progressos da cidade de Pelotas, o *Almanaque de Pelotas*²², se constituiu como um dos principais meios impressos ilustrados da cidade nos primeiros anos do século XX. Apesar de ter uma única publicação anual, o *Almanaque* possibilitava a consulta diária durante todo o ano, pois nele se encontravam calendários - geral, agrícola e religioso -, fases da lua, *memorandum*, propagandas e informações diversas. Segundo Cohen:

O gênero almanaque, de larga tradição na cultura ocidental – já introduzido no Brasil desde o Império – cumpria papel fundamental na divulgação do conhecimento para público amplo, constituindo ao mesmo tempo veículo de disseminação de padrões culturais, valores e códigos sociais. Em princípio, o almanaque seria instrumento de consulta de extrema utilidade, na medida em que continha grande número de informações práticas – desde o horário dos trens até tabelas de pesos e medidas. (2008, 109)

O *Almanaque de Pelotas* possuía uma grande popularidade devido a sua variedade de assuntos nas reportagens - religiosos, políticos, sociais, costumes e curiosidades – e muitas ilustrações com fotografias impressas. Foi impresso entre os anos de 1913 a 1935 e tinha como seu principal editor o Capitão Florentino Paradedá, que assumiu a direção em 1917 e segundo as autoras Francisca F. Michelon e Raquel S. Schwonke (2008), o seu principal objetivo foi registrar o progresso da cidade de Pelotas²³. Durante a sua existência, o tamanho do *Almanaque* sofreu poucas modificações, medindo em torno de 23x16 cm, contudo, o número de páginas varia conforme o ano.

No período delimitado pela pesquisa, foram encontrados 8 exemplares do *Almanaque* na Bibliotheca Pública Pelotense. O acervo possui exemplares repetidos, facilitando a comparação e análise das fontes, já que o *Almanaque* muitas vezes não possuía páginas numeradas. Segue tabela sobre o número de páginas/ano e referência ao acervo/número de exemplares existentes na Bibliotheca:

²² Somente a partir da edição de 1932 que o *Almanaque de Pelotas* adquire esta forma denominativa, anteriormente o periódico se chamava *Almanach de Pelotas*.

²³ A afirmação, neste caso, provém da pesquisa realizada pelas autoras, porém nas edições pesquisadas entre 1931 a 1935, o *Almanaque de Pelotas*, através de seus editoriais também se autodenomina como propagador do progresso da cidade.

Tabela 1 - Acervo *Almanaque de Pelotas*, Bibliotheca Pública Pelotense

	Nº de exemplares	Nº de pág. por ano ²⁴
1913	1	147
1914	1	246
1915	3	261
1916	0	-
1917	2	269
1918	2	265
1919	2	299
1920	1	333
1921	4	317
1922	3	313
1923	1	367
1924	2	304
1925	1	300
1926	3	269
1927	1	226
1928	2	231
1929	2	214
1930	2	219
1931	1	188
1932	2	188
1933	2	166
1934	2	181
1935	1	168
Total	41 exemplares	-

Para a presente pesquisa, apenas as edições compreendidas entre os anos de 1931 a 1935 foram contextualizadas e analisadas; mas para se ter uma compreensão detalhada sobre o *Almanaque de Pelotas*, foram verificados todos os volumes existentes no arquivo da Bibliotheca Pública Pelotense. Como mostra a tabela 1, com exceção ao ano de 1916, há um período (1919 a 1925) em que o periódico se apresentava com um número maior de páginas, porém seu último exemplar, se aproxima em número de páginas ao primeiro. O total de exemplares encontrados somam 41, entre eles, 19 edições repetidas.

²⁴ Número aproximado é difícil afirmar, devido algumas páginas não possuírem numeração.

O número de páginas exato é impreciso, pois várias não possuem numeração, especialmente aquelas que possuem imagens (desenhos e fotografias), dificultando a contagem geral. Verifica-se também, que essas páginas são de material diferente do corpo geral do periódico, compostas com papel superior (em gramatura e cor), que nos dias atuais, se encontram em melhor estado de conservação em relação ao restante das páginas do exemplar. Essas folhas anexadas, apresentam a maioria das imagens, sendo muito difícil encontrar fotografias no corpo do texto, com algumas exceções. As que se encontram diagramadas dentro do texto são explicitamente de qualidade inferior aquelas que possuem página exclusiva. A preferência pelas imagens em folhas anexas deve-se supostamente à dificuldade para se executar uma fotografia junto ao material tipográfico, como também, pela má qualidade do processo vigente responsável pela impressão do periódico.

As capas, entre 1931 a 1935 se mostraram diversificadas, não possuindo um padrão gráfico. Das cinco capas, em três, encontramos ilustrações providas de fotografias (1931, 1932, 1935), nas outras duas restantes, apenas criação gráfica. As imagens da capa, não figuram na contagem das fotografias impressas dentro das categorias desenvolvidas no capítulo 3, pois são imagens resultantes das manipulações técnicas que transformam a imagem fotográfica em gravura colorida. Um exemplo desta diferença, entre gravura e fotografia, foi encontrado no exemplar do *Almanaque* de 1932. Na capa, temos a gravura do Cristo Redentor do Rio de Janeiro, já no interior do volume, encontramos a imagem fotográfica matricial.

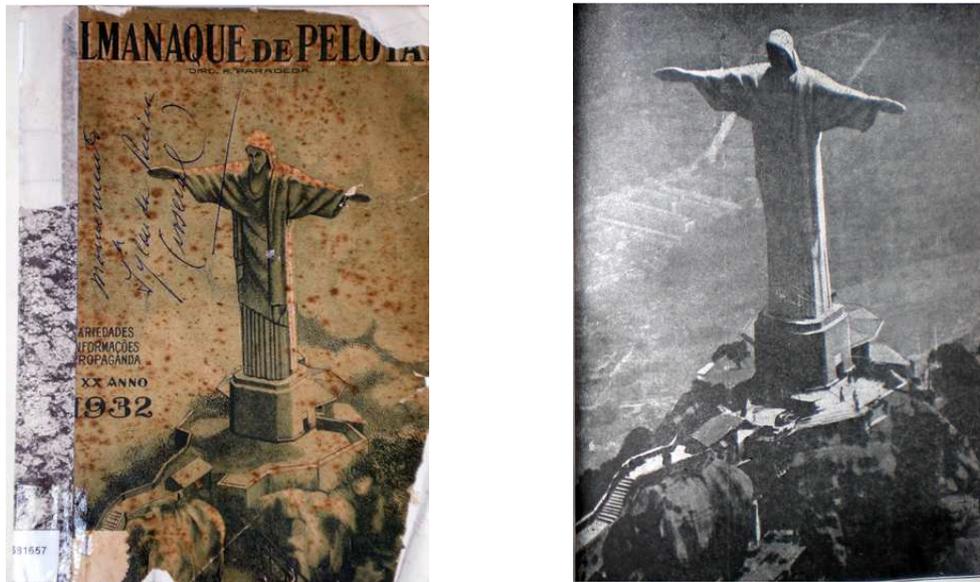


Figura 15, 16 – Capa do *Almanaque de Pelotas*, 1932; Fotografia, “Cristo Reina no Coração do Brasil”, *Almanaque de Pelotas*, 1932, acervo Bibliotheca Pública Pelotense

Podemos observar que a ilustração da capa foi desenvolvida a partir da imagem ao lado; a composição é quase a mesma, porém enquanto na fotografia o Cristo ocupa quase todo o espaço, o mesmo na gravura, se apresenta um pouco menor, criando assim, espaços vazios para a inserção de caracteres gráficos. Nota-se também, que a figura do Cristo na gravura está mais delineada e com maior contraste; é visível a simplificação de certos detalhes perante a imagem original.

Por conseguinte, nas capas dos anos de 1931 e 1935 observaram-se similaridades formais e ideológicas, no uso das cores da bandeira do estado do Rio Grande do Sul, nas montagens gráficas entre fotografia, desenho e texto, e nos objetos principais da composição que se encontram centralizados.

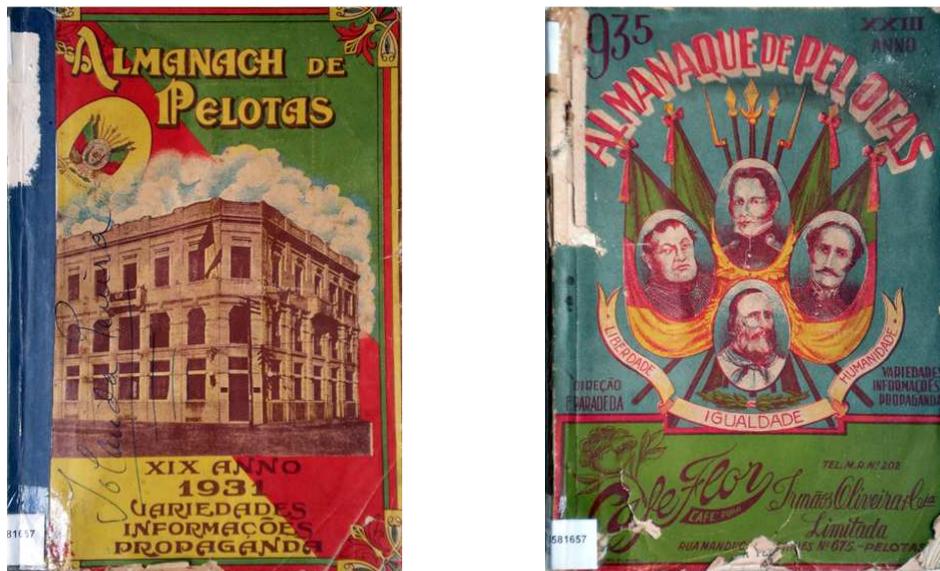


Figura 17, 18 - Capa *Almanaque de Pelotas*, 1931; Capa *Almanaque de Pelotas*, 1935; acervo Bibliotheca Pública Pelotense

Tais similaridades podem ser analisadas pelos referenciais ideológicos de exaltação ao progresso da cidade, a cultura gaúcha, a glorificação da “República de Piratiny” e aos preceitos positivistas. Neste caso, foram encontradas referências no editorial do *Almanaque de 1935* e, no conteúdo dominante dos artigos escritos sobre estes temas, no *Almanaque de 1931*.

No editorial de 1935 há referências ao centenário da cidade de Pelotas, e à “epopéia” gaúcha farroupilha (1835 a 1845); ambas ganhando no exemplar, diversos artigos: “*Pelotas, Cidade, após 100 anos: Seus Administradores e Progresso*”, “*Centenário do Theatro 7 de Abril*”, “*O Jockey Club, Ressurgimento do ‘turf’ em Pelotas*”, “*Pelotas – Farroupilha*”, “*A morte de Anita Garibaldi*”, entre outros. Abaixo pequeno trecho do editorial:

[...] Este anno será particularmente grato aos pelotenses, pois, em 27 de Julho, decorrerá o centenário de Pelotas, visto que foi nessa data do anno de 1835 que a Assembléa Provincial concedeu-lhe os merecidos foros de cidade. Coincide o centenário de Pelotas com o da gloriosa Republica de Piratiny, que vae ter em todo o Estado, notadamente na capital, commemorações condignas de tão brilhante epopéia. (*Almanaque de Pelotas*, 1935, Bibliotheca Pública Pelotense).

No exemplar do *Almanaque de 1931*, o conteúdo de toda a publicação faz referência a, “cruzada da Alliança Liberal” encabeçada por Getúlio Vargas, aos melhoramentos da cidade, artigos republicanos e fatos da Revolução. Podemos

destacar: “*O Brasil de Pé!*, *A cruzada da Aliança Liberal*”, “*Alma heróica dos Pampas*”, “*Factos e episódios da Revolução*”, “*Rio Grande – Lenço Vermelho*”, “*A Hydraulica Municipal*”, “*Saudação à Yolanda Pereira*”, “*Calçamento de Pelotas*”, entre outros.

Na imagem da capa de 1935 (figura 18) vê-se a montagem de retratos dos líderes farrapos ladeados por uma faixa escrita com os preceitos, “liberdade, igualdade e humanidade”, que se relacionam diretamente ao positivismo vigente no Rio Grande Sul. Além da ilustração e dos dados informativos, nota-se a presença de publicidade na capa do volume, caso corrente nos exemplares 1933, 1934 e 1935.

Já na publicação de 1931, encontramos várias menções à Revolução de São Paulo de 1930. Na capa, o prédio da filial do Banco do Estado do Rio Grande do Sul em Pelotas, criado pelo ex-governador do estado - então presidente da nação -, pode vir a simbolizar uma idéia de construção sólida, calcada sobre a bandeira do estado, na qual a montagem fotográfica se mantém recortada de seu entorno, representando unicamente o prédio sob a bandeira.

Neste exemplar especificamente, há uma exceção perante a abordagem metodológica deste trabalho. Em contato com algumas imagens do *Almanaque de Pelotas* de 1931 do acervo da PUC-RS, foram descobertas outras três imagens²⁵ que não estão presentes no *Almanaque* pertencente à Bibliotheca Pública Pelotense. Duas imagens são do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, e a outra, mostra um estabelecimento comercial. Entretanto, por não termos acesso a todo o exemplar de 1931, situado em Porto Alegre, apenas visualizaremos a imagem faltante do Banco do Estado, por estar relacionada com a capa do *Almanaque*:

²⁵ Estas imagens não foram incluídas na contagem geral do número de fotografias.



Figura 19 – “Banco do Rio Grande do Sul, O lindo edifício da filial em Pelotas”, *Almanaque de Pelotas*, 1931; acervo PUC-RS

Nos exemplares dos anos de 1933 e 1934 as ilustrações gráficas privilegiam o texto escrito. No *Almanaque* de 1931, a composição é geométrica (quadriculada) e colorida, incluindo a presença de propaganda; os textos foram distribuídos na parte superior da página. Na capa de 1934, foram utilizadas poucas cores, tons de verde, preto e branco, e o destaque fica a cargo da exibição do título principal, que se encontra na diagonal dando a impressão de movimento, principalmente por causa dos elementos gráficos inseridos no texto; nota-se também, anúncio publicitário.

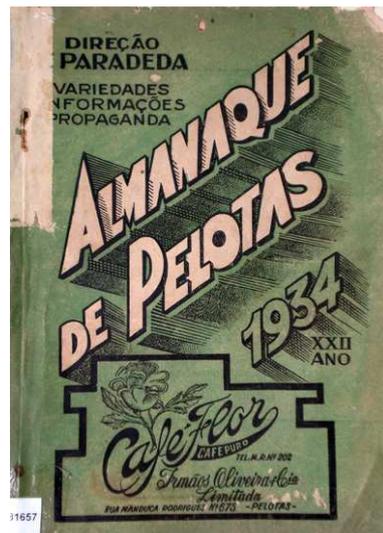


Figura 20, 21 – Capa *Almanaque de Pelotas*, 1933; Capa *Almanaque de Pelotas*, 1934; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Na parte interna, o *Almanaque* era dividido em seções, nem sempre bem delimitadas. Geralmente no início, havia uma reportagem especial, ilustrada ao longo do periódico com imagens fotográficas e em alguns casos, possuía a numeração em algarismos romanos. Entre a reportagem inicial, o editorial e seção de calendários, era comum encontrar algumas propagandas, sendo uma para cada página, muitas também com fotografias e outras, ilustradas com desenhos ou arabescos. Nos editoriais, na parte superior, encontramos o título e o ano da publicação, neles o diretor, F. Paradedda apresentava o *Almanaque* relatando muitas vezes as dificuldades financeiras em manter uma publicação daquele gênero, sempre mencionando a cidade e seu progresso eminente.

Na seção do *Calendário*, dividido em 12 meses, havia padronização no modelo formal de diagramação. No canto superior esquerdo, a cada mês, vinculava-se uma ilustração geralmente diferente; ao lado, o calendário geral, dividido em semanas; na parte inferior a esquerda, o calendário cristão, com os dias dos santos; e a direita, o calendário agrícola. Encontrava-se também uma espécie de rodapé, onde eram publicados textos diversos. Terminado os meses, a próxima seção era a *Variedades e Propaganda*, parte diversificada de artigos, intercalada por propagandas no início, meio e fim.

Em síntese, podemos dividir as seções do *Almanaque de Pelotas* em três: a primeira como a reportagem de destaque; a segunda, contendo editorial e os calendários; e a última, mais extensa, possuindo uma série de artigos, poemas, fotografias e projetos. As propagandas percorrem todo o exemplar, não usufruindo de uma parte específica. Segue alguns exemplos das seções:

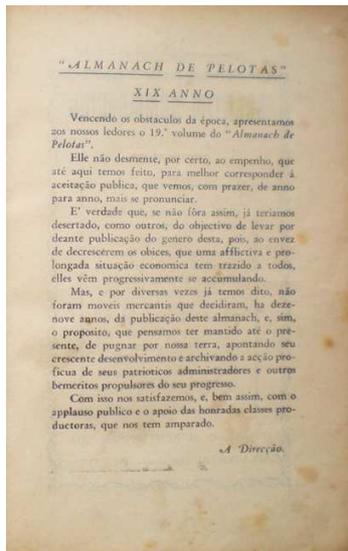


Figura 22, 23 – Editorial *Almanaque de Pelotas*, 1931; Propaganda *Fabrica Flor*, *Irmãos Oliveira & C. Ltda*, *Almanaque de Pelotas*, 1933; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

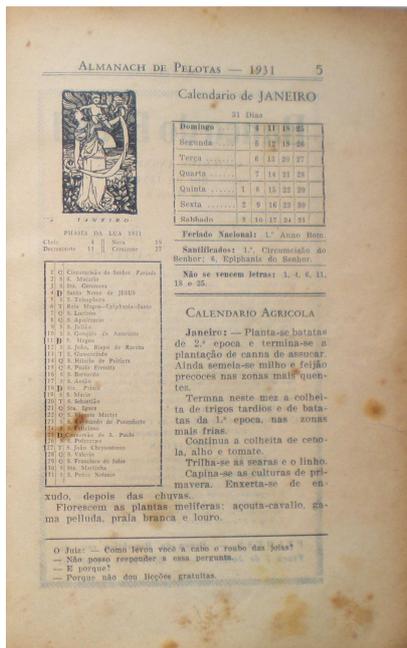


Figura 24, 25 – Seção do Calendário - Janeiro, *Almanaque de Pelotas*, 1931; Detalhe da ilustração da seção do Calendário - Janeiro, *Almanaque de Pelotas*, 1931; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

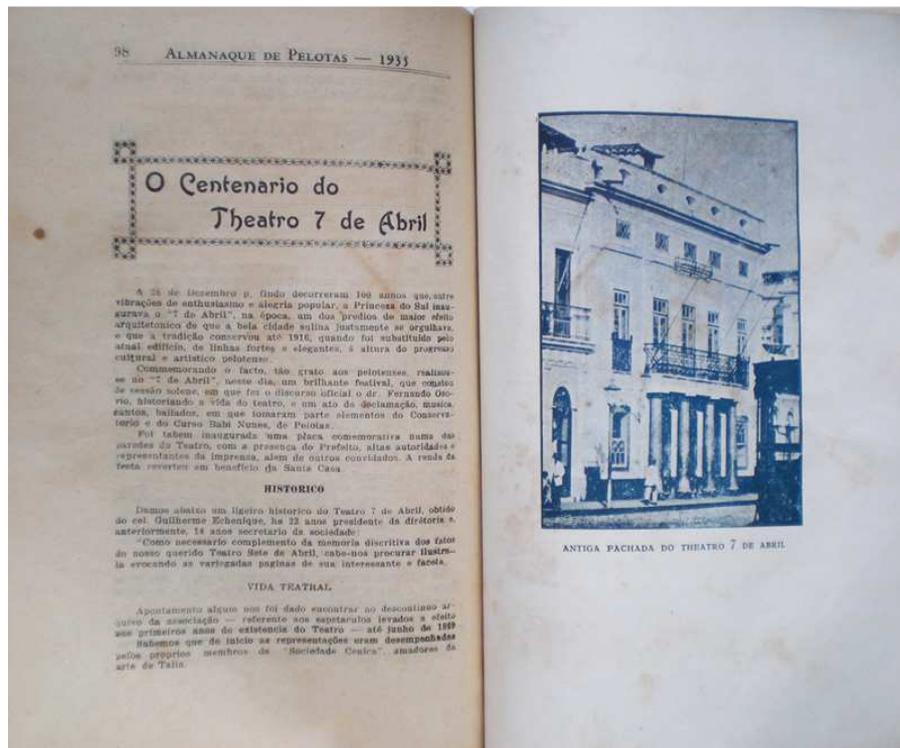


Figura 26 – Páginas da seção *Varietades e Propaganda*, *Almanaque de Pelotas*, 1931; acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

A figura 26 apresenta modelo padrão de como foram distribuídas as páginas escritas e as ilustrativas. Na maioria das vezes, o título do artigo recebe tratamento gráfico diferenciado do restante do texto, no entanto, as imagens pertencentes às folhas sem numeração, não seguem um padrão, podem ou não, estarem próximas das reportagens que fazem referência. Percebe-se também, pela figura 26, a diferença da qualidade do papel, mencionado anteriormente.

Foram sistematizados os índices de todos os *Almanaques* (1931 – 1935), divididos em título da matéria e página. Como o enfoque desta análise são as imagens, a opção foi por colocar estas informações no Apêndice C.

3.3.2 O jornal *A Alvorada*

Somente 19 anos após Abolição da Escravidão no Brasil, surgiu em Pelotas o jornal *A Alvorada*. O semanário, liderado por um grupo de intelectuais negros, auto proclamado em seu editorial como: “Periodico Litterario, Noticioso e Crítico”, difundia idéias para a mobilização educacional da população negra e lutava pelas

desigualdades entre brancos e negros. Também considerado órgão representante da Frente Negra Pelotense, assumiu o papel de ser um jornal da comunidade negra²⁶ e operária, apresentando notícias diversas, notas sociais, avisos, divulgação de eventos, propagandas, artigos educativos e opinativos. Entre seus fundadores e colaboradores, destacaram-se os irmãos, Durval e Juvenal Penny, Antonio Baobad, Juvenal Augusto da Silva, Armando Vargas, Rodolfo Xavier, Dário Nunes, Humberto Freitas e José Penny (filho de Juvenal Penny).

A realidade impressa no semanário era organizada através de referenciais ideológicos, onde os integrantes engajavam-se: “contra o preconceito racial e a discriminação social reinantes na sociedade pelotense, (...) uma sociedade muito segmentada social e racialmente” (SANTOS, 2003, p. 20). O jornal utilizava-se amplamente da fotografia em suas páginas, as imagens encontram-se distribuídas no corpo do exemplar, e muitas se repetem ao longo do período estudado.

Os irmãos Durval e Juvenal Penny, “trabalhavam como gráficos nas oficinas do jornal *O Arauto*, onde, após o expediente, começaram a organizar o pequeno jornal que se chamava *A Alvorada*” (SANTOS, 2009, p. 8). Fundado em 05 de maio de 1907, o jornal circulou até o ano de 1965, tendo sofrido, no entanto, algumas interrupções. A primeira delas ocorre em 1910; o jornal volta a circular de 1931 a 1937, quando é fechado por conta de políticas repressivas praticadas pelo Estado Novo e a nova reaparição só ocorre em 1946 até 1965 (MELLO, 1992, p. 05). O semanário circulava em Pelotas e por todo o Estado²⁷, possuindo correspondentes em diversas cidades, como Bagé, Jaguarão, Rio Grande²⁸, Pedras Altas, Cacimbinhas, Cerrito e Porto Alegre. Em 1932, somente para Jaguarão, eram enviados 100 exemplares, sobre responsabilidade de Marcelino Costa, o correspondente do jornal naquela cidade.

²⁶ Para definir comunidade negra, empregaremos o mesmo ponto de vista aplicado pelo autor José Antônio dos Santos, baseado em Maria Lúcia Montes (Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e ideologia, 1996), que para determinar um conceito sobre comunidade negra, aproximou-se do conceito de grupo social, que para o autor se caracteriza como “uma identidade étnica comum ou pela ‘identidade de um grupo que se diferencia dos outros por um conjunto de características étnicas e que tem formas de cultura, costumes, valores, etc., que lhe são próprios’ (MONTES, 1996, p. 47 – 75)”. Assim, como Santos (2003), utilizaremos o conceito de identidade étnica ou etnicidade.

²⁷ Segundo o próprio jornal: “A Alvorada é o semanário de maior circulação no Estado”. *A Alvorada*, 07/05/1933.

²⁸ Encontrado à venda na Tabacaria Lages. *A Alvorada*, 13/12/1931.



Figura 27, 28 – Capa, *A Alvorada*, 01/11/1931; Capa, *A Alvorada*, 06/12/1931; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Poderíamos classificar o *A Alvorada* como um periódico da chamada “imprensa negra”, que segundo Bastide (1951, apud Santos 2003, p. 81) “é a imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação dos fatos relativos à classe de cor”, por conseguinte, “são jornais que foram publicados, a partir do início deste século, com a intenção explícita de ocupar o espaço deixado pelos jornais diários, na medida que os negros não se viam representados nestes” (SANTOS, 2003, p. 82), porém, para José Antônio dos Santos, responsável por uma ampla e detalhada análise do periódico em questão²⁹, esta caracterização é “muito reducionista” (2003, p. 82), para a imprensa negra paulista, como também para o periódico *A Alvorada*. Assim, Santos observa:

[...] o jornal *A Alvorada* pode ser definido como fazendo parte da “imprensa de opinião”, pois era uma pequena empresa, com pouco capital investido e circulação direcionada, para um segmento da população. A gestão administrativa era improvisada e primava por opiniões políticas apaixonadas. Dirigindo para um público específico, o jornalismo era considerado, por aqueles que escreviam, quase um sacerdócio, exercido com opiniões bem definidas no sentido de influenciar a vida cotidiana dos seus leitores (2003, p. 97).

Nessa assertiva, Loner, ressalta que o jornal “se constituiu num notável exemplo da capacidade de luta e de organização dos negros pelotenses. [...] o papel organizativo das suas várias associações” (2003, p. 13) foi reforçado mutuamente; inclusive, a orientação de todo o periódico se destinava além da comunidade negra,

²⁹ SANTOS, José Antônio. *Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907 – 1957)*, Pelotas: Ed. Universitária, 2003, v.7.

abrangendo a classe operária. Deste modo, “*A Alvorada* constituiu-se [...] num jornal operário” (LONER, 2003, p. 13).

A criação de um jornal formado por um público específico, que procuravam reconhecimento social, como também, lutavam através do meio impresso para obtenção de seus direitos, não foi um caso isolado da cidade de Pelotas. Ainda no século XIX encontramos jornais representativos da comunidade negra, alguns exemplos: “*O Treze de Maio* (1888), *A Pátria* (1889), *A Redenção* (1899)” (GOMES, 2005, p. 28); no estado do Rio Grande do Sul: “*O Exemplo* (Porto Alegre, 1892 – 1930), *A Cruzada* (Pelotas, 1905 - ?), *A Navalha* (Santana do Livramento, 1931 - ?), *A Revolta* (Bagé, 1925 - ?) e *A Hora* (Rio Grande, 1917 – 1934)” (SANTOS, 2003, p. 98), e entre os mais conhecidos, já no século XX, *O Clarim da Alvorada* (1924 – 1940), no estado de São Paulo.

Segundo Cohen, o *Clarim da Alvorada* “teve longa duração para os padrões da época, [...] ainda que de forma irregular” (2008, p. 120). Partindo-se desta constatação, e em referência a esses tipos de impressos que traziam muito pouco tempo de periodicidade, pois “os meios de sustentação econômica eram parcos e muitas vezes dependiam unicamente do idealismo de alguns” (COHEN, 2008, p. 120), podemos ressaltar o jornal *A Alvorada* como um caso raro de duração, que se caracterizou “provavelmente como o periódico da ‘imprensa negra’ brasileira de maior longevidade do país.” (SANTOS, 2003).

Outro fato interessante, relacionado a longevidade do periódico, surge ao pensarmos sobre o papel desempenhado pelo público leitor desse veículo. Podemos supor que a aceitação pela comunidade foi determinante na sua continuidade, pois são os leitores que escolhem aquilo que irão ler e o que continuarão a consumir, assim, acabam legitimando ou negando uma produção cultural. Portanto, para além dos esforços de seus proprietários em manter o *A Alvorada* em circulação, é preciso considerar que estes não atingiriam seus objetivos, se o mesmo não fosse lido.

Interessante ressaltar também, que desde 1907 até 1946, Juvenal Penny, foi o dono do jornal, vendendo-o³⁰ apenas em 1946 para Rubens Lima. Segundo Santos, “no decorrer desses trinta e nove anos ele (Juvenal) pagou as contas do periódico que até esta data, ao que parece, dava mais prejuízo do que lucro” (2009,

³⁰ Conforme Santos, Juvenal vendeu o nome do jornal, amplamente conhecido na sociedade pelotense, e também “alguns tipos gráficos do cabeçalho do semanário, pois as próprias oficinas adquiridas no correr dos anos, já haviam sido vendidas” (2003, p. 95).

p.8). Isso nos leva a pensar que, além de ser um jornal desenvolvido para a comunidade negra e operária, com o intuito de educar, informar e orientar as novas gerações, o *A Alvorada* era a produção cultural de um personagem singular, que acreditava no poder representativo que a imprensa poderia exercer, perante seu público leitor e sua comunidade geral.

Os exemplares do jornal *A Alvorada* se encontram no CDOV, encadernados em dois volumes, contendo o nº de publicações completas entre os anos de 1931 a 1935, num total de 204 edições. As dimensões do jornal são de 30x20 cm e normalmente, o jornal apresenta 8 páginas semanais, sendo exceção, a primeira semana de maio de todos os anos pesquisados³¹.

Justamente por ser um jornal constante e periódico, gerando assim um grande número de exemplares, foram verificados somente os pertencentes a sua nova fase, que se inicia no mês de novembro de 1931 a 1937. Excepcionalmente, a Bibliotheca Pública Pelotense possuiu em seu acervo apenas os exemplares do período que vai de 1931 até 1935, como verificados na coleta de dados. Segue abaixo tabela 2 referente ao nº de exemplares classificados por mês e ano:

Tabela 2 - Nº de exemplares por mês e ano, no acervo CDOV, Jornal *A Alvorada*

	Jan.	Fev.	Mar.	Abril	Maio ³²	Jun.	Jul.	Ago	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
1931	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	4	9
1932	5	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	48
1933	5	4	4	4	4	4	5	4	4	5	4	4	51
1934	4	4	4	3	4	4	5	4	5	4	4	4	49
1935	4	4	5	2	3 ³³	4	4	4	5	4	4	4	47
Total de exemplares													204
Total de edições													205

Como exemplificado pela tabela 2, os números das edições do jornal *A Alvorada* seguem uma continuidade em relação as suas publicações. No ano de 1931, no mês de novembro, o jornal inicia a sua nova fase. No mês de maio de

³¹ As edições da primeira semana do mês de maio, durante os cinco anos pesquisados, apresentam um número bem maior de páginas, em média de 20 páginas. Em 1932: 26 páginas; em 1933: 18 páginas; em 1934: 22 páginas e em 1935: 16 páginas.

³² A nova fase do Jornal *A Alvorada* começa em novembro de 1931, por isso não existem exemplares antes desta data.

³³ Nesse mês, encontram-se duas edições (nº 3 e 4) em um mesmo exemplar.

todos os anos as edições possuem maior número de páginas e em maio de 1935, existem 3 volumes, mas 4 edições; pois encontram-se duas no mesmo exemplar. Sendo assim, o total de exemplares durante os cinco anos pesquisados é de 204, com 205 edições.

Em termos de composição gráfica, o jornal apresentava em sua capa, o mesmo cabeçalho durante todo o período, modificando-se apenas, os nomes dos redatores e os colaboradores. O cabeçalho continha as seguintes informações: ano, cidade, data, número, título, menção a “nova phase” e a descrição do perfil jornalístico (Periodico Litterario, Noticioso e Crítico), colaboradores, proprietário e diretor. A fonte utilizada para a escrita do título apresenta contornos rígidos, no entanto, seu interior era preenchido por espécies de arabescos bem trabalhados, resultando em um conjunto harmonioso e de uma leveza romântica, fazendo relação direta com a ilustração no canto superior esquerdo. A ilustração ladeada também por arabescos, mostra como figura principal, uma mulher branca, segurando a cortina e olhando através de uma janela para o horizonte. Para Santos,

O ícone da mulher branca que abre a janela e mostra o horizonte aos negros pode ter algum significado como representativo da elite pelotense que, ao mesmo tempo que ‘cedia’ algumas garantias sociais, como foi o caso da ‘abolição’ antecipada, indicava o caminho a ser trilhado, o modelo de comportamento social a ser seguido (2003, p. 100).

No entanto, a imagem pode também fazer menção à princesa Isabel, responsável pela assinatura da ‘Lei Áurea’ que ao mostrar o horizonte, mostra o caminho livre para se percorrer, talvez entendido como o caminho da luz do conhecimento, da instrução; tão difundida pelo jornal. Neste sentido, reiterado nas palavras de Armando Vargas, “um espírito sem luz, é um tropeço à civilização e a educação da humanidade”.³⁴

³⁴ VARGAS, Armando. **Mais uma etapa Vencida**, Jornal *A Alvorada*, 05/05/1932.



Figura 29 – detalhe do cabeçalho, *A Alvorada*, 06/12/1931; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

O jornal era dividido em três colunas, que muitas vezes, não seguiam padrão predominante, principalmente quando havia poemas, imagens e propagandas com formatos diversos. Durante o período da pesquisa, foram encontradas diversas seções, algumas mais duradouras que outras, mas seria inviável fazermos um levantamento geral, pois o objeto de nosso trabalho são imagens impressas no periódico e não o periódico em si. Privilegiamos assim, as legendas e textos a que as imagens são vinculadas. Entre as várias, algumas se destacaram ao longo do recorte temporal, “A Alvorada – Social”, “A Alvorada - No Palco e na Tela”, “A Alvorada – no Esporte”, “A Alvorada – Necrologia”, “Gosto e não gosto, mas do que??”, “Horas Vagas”, “Campanha Pró-educação” “Pesquei”, “Cavei e Descobri...”, “Imprensa”, “Pagina Feminina”, “Vida Social”, entre outras.

A ALVORADA

Pesquei

Cigarros especiais
Fumos excelentes
Artigos para fumantes

A MELINDROSA

Casa Pelos preços
procurada Pelos artigos
Peio trato

Hem de, para
fornos, grada de
fornos e artigos de
para que...
A Alvorada...
Hem de, para
fornos, grada de
fornos e artigos de
para que...
A Alvorada...
Hem de, para
fornos, grada de
fornos e artigos de
para que...
A Alvorada...

de, para
fornos, grada de
fornos e artigos de
para que...
A Alvorada...
de, para
fornos, grada de
fornos e artigos de
para que...
A Alvorada...

de, para
fornos, grada de
fornos e artigos de
para que...
A Alvorada...
de, para
fornos, grada de
fornos e artigos de
para que...
A Alvorada...

A ALVORADA

EXPEDIENTE
A ALVORADA

A Alvorada

E a sua MISS

GUARANY

Como a Alvorada e sua...
No respectivo...
Para os senhores...
O nome...
No mesmo...
Para os senhores...
O nome...
No mesmo...
Para os senhores...
O nome...
No mesmo...

A Alvorada - Social

ASSISTENCIAS

Fornas e fôrças...

AVISO

As novas...
Fornas de...
O Proprietário e Diretor

Figura 30, 31 – Coluna Pesquei e propaganda, *A Alvorada*, 01/11/1931; folha interna com expediente, notícias, coluna “A Alvorada - Na Tela e no Cinema” e “A Alvorada – Social”, *A Alvorada*, 15/11/1931; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Nas figuras acima, podemos observar a seção *Pesquei*, de autoria do *Dr. Pescadinha*, que se constituía basicamente por fofocas da sociedade; a imagem ao lado (fig. 31), mostra-se como um exemplo comum das páginas internas, que neste caso, apresenta o Expediente, propagandas, a seção “A Alvorada – Social” e “A Alvorada – Na Tela e no Cinema”, um aviso no canto inferior direito, sobre os pagamentos que deveriam ser feitos apenas para o proprietário e o diretor, não havendo cobrador; e uma enquete: “Quem deve ser a ‘Miss A Alvorada’?”

Havia também, dentro do exemplar do *A Alvorada*, outras folhas, que seriam dos correspondentes do jornal em outras cidades, como por exemplo, “A Gazetinha” em Capão do Leão³⁵, “O Jaguareense” em Jaguarão, “O Portoalegrense” em Porto Alegre, “Correio Elegante, suplemento de Bagé” em Bagé; todas com periodicidade irregular. Na próxima página, exemplo do *Correio Elegante*:

³⁵ Nesta data, Capão do Leão ainda pertencia ao município de Pelotas.



Figura 32 – Correio Elegante, Suplemento de Bagé, A Alvorada, 05/05/1935; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Na capa dos exemplares do *A Alvorada*, geralmente havia uma reportagem especial, destacada por grandes títulos e às vezes, ilustradas com fotografias. Porém nem sempre a reportagem ocupava toda a página, em alguns casos, era ladeada por outros artigos e poemas. No interior, o expediente normalmente era impresso na segunda página do exemplar. Nele verificamos que o jornal poderia ser adquirido através de assinaturas adiantadas, por ano 10\$00, por semestre, 5\$000; por mês, 1\$000; ou exemplares avulsos, \$200, encontrados à venda nas Mensagerias do Mercado Público³⁶.

³⁶ Para fazer uma comparação, um chapéu de lã naquela época custava 10\$000³⁶. *A Alvorada*, 08/11/1931.



Figura 33, 34 – Exemplo do expediente, *A Alvorada*, 29/11/1931; exemplo do “Quando Negro”, *A Alvorada*, 05/05/1935; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Para os assinantes inadimplentes, existiam avisos constantes ameaçando divulgarem os nomes dos devedores no “Quadro Negro”. Ainda neste campo informativo, encontramos o endereço do jornal, Rua Paysandú, n. 678, telefone MR 1261, onde estava situada a redação e a oficina tipográfica, que além da produção do jornal, realizava outros tipos de impressão, caso observado muitas vezes nos anúncios de livros e da própria tipografia, vinculados no periódico.

3.2 Análise dos dados

Apresentações realizadas, inicia-se o estudo comparativo das fotografias entre os dois periódicos, estabelecendo pontos comuns e pontos de divergência, tentando descobrir quais as representações visuais da cidade.

Ao se trabalhar com imagens, o pesquisador necessita estar ciente das dificuldades interpretativas que este objeto suscita. Além de estar munido de uma metodologia específica, o pesquisador carrega consigo, vivências calcadas sobre suas experiências culturais e pessoais, geradoras de lembranças e esquecimentos. O exercício da memória sobre as fotografias pode ser compreendido através de uma

definição que *Ecleia Bosi* faz em seu texto *Memória-sonho e memória-trabalho*, quando aborda sobre a impossibilidade de reviver o passado, e que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (p. 17, 1987). Assim, a memória individual alicerçada pela sociedade em que o indivíduo se encontra, juntamente com expressões culturais vivenciadas, pode interferir na ação da análise e posterior interpretação do conteúdo das imagens.

A vulnerabilidade das imagens e a leitura póstuma que se faz delas, podem ilustrar uma ficção documental, percebida como uma ilusão que deslocaria a interpretação, para uma abordagem subjetiva através da memória do leitor, tendo como resultado, um reflexo da sociedade do tempo presente. Através do recorte temporal, da escolha das fontes e da estrutura metodológica definida, ocorre o reconhecimento das imagens como documento, possibilitando distinguir na fotografia seu valor de testemunho sobre a existência de um possível passado. Portanto, o pesquisador necessita certa imparcialidade dos possíveis fatores externos.

Neste sentido, poderíamos trabalhar apenas analisando a linguagem formal do exemplar, constatando um padrão de leitura acessível àqueles que dominam os fundamentos da linguagem visual. Porém a interpretação pretendida neste trabalho, careceu para a análise das imagens, de uma metodologia rigorosa, balizada entre categorias e recortes temáticos, pela qual se procurou anular as supostas leituras subjetivas ao entrar em contato com o material.

As fotografias impressas nos periódicos, jornal *A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas* durante o período de 1931 a 1935 foram analisadas em seu conjunto e divididas em grupos para uma análise quantitativa inicial, para logo após, se estabeleceram categorias de ordem qualitativa, a partir das propriedades da imagem e da sua vinculação ao texto e ao seu contexto histórico. Portanto, após a conclusão das classificações formais, perante a exibição das mesmas em seus suportes, as fotografias impressas foram relacionadas com o contexto no qual estavam inseridas. Buscou-se, nessas relações, os sentidos que as imagens poderiam ter na sociedade pelotense do período; considerando questões políticas, identitárias, como também, ideológicas.

As imagens presentes no *Almanaque de Pelotas* se encontram em três diagramações distintas: presentes em propagandas, ilustrativas dentro da própria matéria e, em folhas anexas às reportagens, que geralmente pertenciam aos

assuntos de destaque. No jornal *A Alvorada*, as imagens fotográficas possuem um padrão em sua diagramação, em quase todos os casos, apresentam o mesmo tamanho, diferenciando-se apenas no formato das imagens (retangular ou oval), possuindo como predomínio das representações, os retratos que podem ou não estarem vinculados a reportagens.

Para a verificação dos dados, foram realizadas tabelas que dividem uma contagem de acordo com o tipo da vinculação da imagem, destarte, por categorias que ajudam na interpretação da análise qualitativa. Através da catalogação das imagens referentes ao período pesquisado, constituiu-se uma série de fotografias compondo um corpo de 247 imagens no total. Logo, as tabelas conseguintes, possuem as categorias: *Fotografias com Pessoas, Fotografias Retratos Individuais, Fotografias de Grupo, Fotografias com Negros/Negras, Fotografia com Mulheres, Fotografias Imagens da Cidade e Fotografias Publicitárias*. Deste modo, estas classificações estabeleceram bases fundamentais para o cruzamento de dados, realizações de tabelas em porcentagem – para uma melhor interpretação -, como também, sugeriram outros desdobramentos, como *Fotografias Publicitárias* divididas em: *Imagens da Cidade, Retratos Individuais e Diversos*.

3.2.1 Tabela 3 - Contagem Geral do Número de Fotografias

Inicialmente, procurou-se fazer a contagem geral do número de fotografias impressas nos dois periódicos, para certificar-se o conjunto completo de imagens que seria analisado. No período compreendido entre 1931 a 1935, o *Almanaque de Pelotas* contém 83 imagens fotográficas impressas e o jornal *A Alvorada* 164 imagens (tab. 3). Essas fotografias apresentam-se de formas variadas, desde a sua diagramação na página, na sua vinculação em relação às reportagens, com também, nos retratos individuais ou coletivos, vistas de paisagens e cenas do cotidiano.

Fonte: <i>Almanaque de Pelotas</i>		Fonte: <i>Jornal A Alvorada</i>	
Ano	Total	Ano	Total
1931	15	1931 ³⁷	10
1932	22	1932	37
1933	16	1933	32
1934	17	1934	37
1935	13	1935	48
Nºtotal de fotografias:	83	Nºtotal de fotografias:	164

Outro dado que podemos observar na tabela acima, é que, para o periódico *Almanaque de Pelotas* acontece um decréscimo no número de fotografias do ano de 1935 em relação ao jornal *A Alvorada*, que neste ano supera sua média, chegando a 48 fotografias anuais. Porém, se levarmos em conta a relação da periodicidade, o *Almanaque de Pelotas*, por se tratar de uma publicação anual, têm um número significativo de fotografias, mas ainda assim, o jornal *A Alvorada* apresenta mais imagens impressas. Após esta primeira contagem, foi necessário dividir as fotografias em categorias temáticas, para verificar quais as representações nas fontes arroladas e como estas se diferenciam quando comparadas entre si.

3.2.2 Tabela 4 - Classificação Geral, nºfotografia s com pessoas

A tabela nº4, estabelece cinco categorias; a primeira, *Fotografias com Pessoas*, faz uma contagem geral das fotografias que possuem a presença da figura humana, podendo ser retratos individuais, coletivos e imagens de paisagens em que se percebem pessoas. A segunda categoria, *Fotografias Retratos Individuais*, torna-se mais específica, privilegiando apenas os retratos individuais, por conseguinte, a terceira categoria, *Fotografia Retratos de Grupo*, abarca apenas fotografias que possuem duas ou mais pessoas representadas nas imagens. De uma maneira crescente, as categorias vão se especializando em, *Fotografias com Negros/Negras* e *Fotografias com Mulheres*.

³⁷ Neste ano, o jornal *A Alvorada* inicia sua nova fase em 1º de novembro.

Para melhor entendimento, abaixo um fluxograma da tabela nº 4:

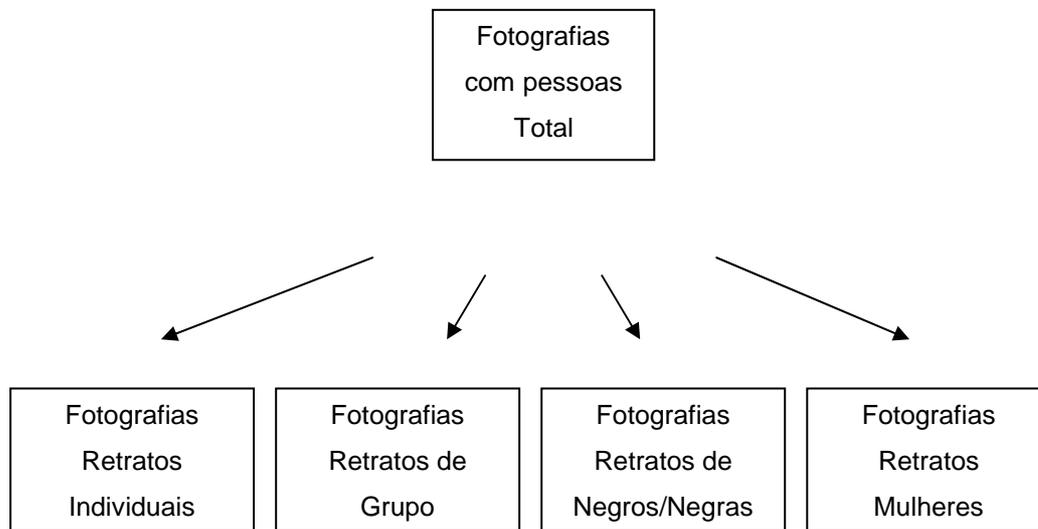


Tabela 4 – Classificação Geral, nº fotografias com pessoas	Fonte: Almanaque de Pelotas					
	1931	1932	1933	1934	1935	total
Fotografias com pessoas	11	15	13	11	11	61
Fotografias retratos individuais	7	7	5	5	5	29
Fotografias retratos grupos	4	8	8	6	6	32
Fotografias com negros/negras	1?	2	3	1	1	8
Fotografias com mulheres	2	2	2	4	1	11

Tabela 4 – Classificação Geral, nº fotografias com pessoas	Fonte: Jornal A Alvorada					
	1931	1932	1933	1934	1935	total
Fotografias com pessoas	10	36	31	37	48	162
Fotografias retratos individuais	8	33	29	36	46	152
Fotografias retratos grupos	2	3	2	1	2	10
Fotografias com negros/negras	8	19	27	28	45	127
Fotografias com mulheres	3	7	11	17	31	69

Para facilitar a interpretação dos dados, se construiu uma tabela com os valores em porcentagem, que aborda o total de imagens fotográficas impressas nos dois periódicos nos cinco anos investigados, divididas da mesma forma que a tabela 4:

Tabela 4.1 – Classificação Geral, % fotografias com pessoas	Fonte: Almanaque de Pelotas
Fotografias com pessoas	73,50%
Fotografias retratos individuais	47,55%
Fotografias retratos grupos	52,46%
Fotografias com negros/negras	13,12%
Fotografias com mulheres	18,04%

Tabela 4.1 – Classificação Geral, % fotografias com pessoas	Fonte: Jornal A Alvorada
Fotografias com pessoas	98,79%
Fotografias retratos individuais	93,83 %
Fotografias retratos grupos	6,18%
Fotografias com negros/negras	78,40%
Fotografias com mulheres	42,60%

A partir das tabelas (tabela 4 e 4.1), constatou-se que no *Almanaque de Pelotas* entre as 83 fotografias totais, 61 delas possuem a presença de pessoas, ou seja, 73,50% das imagens fotográficas impressas. Enquanto no *A Alvorada*, das 164 fotografias totais, 162, possuem pessoas, por conseguinte, 98,79%. Com estes números, podemos ter uma visão mais detalhada pela preferência das imagens que foram impressas, porém, esta classificação - *Retratos com Pessoas* - se mostra muito generalizada, pois qualquer imagem que possua figura identificada com uma pessoa foi contabilizada e em muitas destas imagens, não é impossível distinguir características mais específicas, como gênero, etnia e outros. Assim, procurou-se aumentar o número de categorias para, *Retratos Individuais*, *Retratos de Grupo*, *Retratos com Negros/Negras* e *Retratos de Mulheres*.

Para a categoria, *Retratos com Negros/Negras*, é importante ressaltar que a escolha se deu através da pigmentação da pele. Importante deixar claro que justamente por não se tratar de um trabalho específico sobre etnicidade, esta categoria, pode adquirir outras leituras e outros enfoques, mas têm por base as próprias auto definições das personagens do jornal *A Alvorada*, que se identificavam como negros. No entanto, haviam divergências internas entre a própria comunidade negra em relação aos graus variados de coloração da pele (SANTOS, 2003, p.99).

Na categoria, *Retratos Individuais*, no *Almanaque* encontramos 29 fotografias (47,55%), porém, muitas são vinculadas às propagandas, ao contrário do que acontece no *A Alvorada*, onde os retratos individuais, são o ponto de destaque da publicação, alcançando um total de 152 imagens, num predomínio de 93,83% das fotografias impressas em todos os volumes pesquisados. É necessário salientar,

que a análise desta categoria só estará completa com as sub-categorias desenvolvidas nas tabelas seguintes (tabela 5 e 6).

Na categoria *Retratos de Grupo*, foram encontrados também pontos divergentes, enquanto no *Almanaque* há 32 imagens em todo o período, no jornal *A Alvorada*, o número contabilizado alcançou apenas 10 imagens. Estes dados vistos através da porcentagem ilustram melhor a diferença entre as publicações: *Almanaque de Pelotas*, 52, 46%; jornal *A Alvorada*, 6,18%. Este fato pode ser interpretado a partir do tipo de reportagem vinculada nos exemplares. No *Almanaque de Pelotas*, a maioria das reportagens eram sobre o progresso da cidade de Pelotas, relacionadas muitas vezes, aos investimentos municipais, e também, homenagens aos líderes gaúchos atuantes da Revolução Farroupilha à Revolução de São Paulo. Assim, o que se mostrava eram fotografias que ilustravam estas novidades e conquistas, como retratos dos idealizadores e imagens das melhorias modernas.

Na categoria, *Retratos com Negros/Negras*, no *Almanaque de Pelotas* encontraram-se 08 imagens, durante os cinco anos pesquisados. Para o jornal *A Alvorada*, poderíamos inverter esta categoria, ao invés de contarmos o número de fotografias com negros/negras, contaríamos o número de fotografias com brancos, porém para se manter um padrão optamos por não inverter a análise, pois ao final, os resultados serão os mesmos. Deste modo, dos 162 retratos com pessoas, 127 são retratos de negros/negras, conseqüentemente, os 35 restantes são de pessoas brancas. Neste ponto, o jornal *A Alvorada* possuía 21,60% de retratos com pessoas brancas; em contraposição, no *Almanaque*, apenas 13,12% são retratos em que encontramos a presença de *negros/negras*, que em nenhum caso, representavam a pessoa *negra* em evidência.

Para finalizar este item, a categoria *Retratos com Mulheres*, se mostrou mais igualitária no semanário *A Alvorada*, com 42,60% de fotografias com a presença de mulheres, no qual, os retratos vinculados estão no mesmo padrão informativo e representativo das imagens de homens. No *Almanaque de Pelotas*, 18,04% são imagens com mulheres, porém, as mulheres aparecem acompanhadas em fotos de grupo, apenas observando a cena, não se constituindo como personagem principal. Há exceção nos casos, de propaganda, nos quais elas atestam os efeitos positivos de determinado produto farmacêutico, e também, nas reportagens sobre Yolanda Pereira, Miss Universo do ano de 1931, representante da cidade de Pelotas.

3.2.3 -Tabela 5 – Fotografias da cidade e tabela 6 – Fotografias na publicidade

Para continuar a análise das imagens impressas nos periódicos, foi necessário, criar novas tabelas que abordassem a presença das imagens em outras situações, como nas propagandas publicitárias e nas reproduções da cidade. Abaixo, podemos verificar na tabela nº 5, a categoria, *Imagens da Cidade*, que corresponde às fotografias em que a cidade de Pelotas aparece representada, essas podendo ter a presença de pessoas ou não. Logo depois, encontramos a tabela nº 6, na qual, são classificadas as imagens impressas vinculadas à publicidade, dividindo em *Imagens da Cidade*, *Retratos Individuais* e *Diversos*.

Partindo-se destas verificações, podemos estabelecer pontos de análise qualitativa, divergentes e convergentes, entre algumas imagens e sua presença efetiva nos periódicos.

Tabela 5 – Classificação Geral, nº de fotografia - cidade						
Fonte:	Fonte: <i>Almanaque de Pelotas</i>					
Ano	1931	1932	1933	1934	1935	total
Fotografias cidade de Pelotas	4	12	8	5	5	34

Tabela 5 – Classificação Geral, nº de fotografia - cidade						
Fonte:	Jornal <i>A Alvorada</i>					
Ano	1931	1932	1933	1934	1935	total
Fotografias cidade de Pelotas	0	1	0	0	0	1

Tabela 6 – Classificação Geral, nº de fotografia - publicidade						
Fonte:	<i>Almanaque de Pelotas</i>					
Ano	1931	1932	1933	1934	1935	total
Propagandas - cidade	4	4	2	2	1	13
Propagandas – retratos individuais	5	3	4	3	1	16
Diversas	1	0	0	0	1	2

Tabela 6 – Classificação Geral, nº de fotografia - publicidade						
Fonte:	Jornal <i>A Alvorada</i>					
Ano	1931	1932	1933	1934	1935	total
Propagandas - cidade	0	0	0	0	0	0
Propagandas – retratos individuais	0	2	1	9	22	34
Diversas	0	1	1	0	0	2

Como podemos observar nas tabelas (tab. 5 e 6), foi encontrada apenas uma fotografia da cidade de Pelotas, figurando entre as 164 imagens totais presentes no semanário, *A Alvorada*. Este dado certifica a não representação do espaço urbano pelo jornal. Porém, no *Almanaque de Pelotas*, são percebidas 34 fotografias que mostram o espaço público, chegando a 40,97% das representações fotográficas no total.

Importante neste item esclarecer o processo de classificação. Todas as imagens contabilizadas foram as que possuíam de alguma forma vistas do espaço público, ou seja, frente de edifícios, ruas, árvores, calçadas, etc. Muitas imagens sobre os melhoramentos públicos encontradas no *Almanaque de Pelotas*, não foram contabilizadas, devido ao fato de serem fotografias de ambientes internos, como exemplo, as fotografias do Albergue Noturno (*Almanaque de Pelotas*, 1934), onde encontramos imagens dos quartos e das instalações do estabelecimento. Portanto, as imagens da cidade de Pelotas no *Almanaque* possuem o predomínio das representações das fotográficas impressas.

Por conseguinte, os retratos individuais são a preferência das imagens fotográficas impressas no *A Alvorada*, mesmo que muitas delas estejam vinculadas a propagandas; dos 152 retratos individuais, 34 pertencem a anúncios publicitários, alcançando 22,37% das imagens. Os retratos individuais no *A Alvorada* se apresentam como: vinculados a reportagens memorialistas; figurantes na coluna social, representado as rainhas (carnaval, clubes e jornais), aniversários, necrologia; pertencentes a anúncios publicitários; e em alguns poucos casos, vinculados a notícias.

No *Almanaque de Pelotas* acontece o contrário, o predomínio dos retratos individuais ocorre em propagandas, entre as 29 fotografias em propagandas e o total de retratos com pessoas contabilizados (61), os anúncios publicitários são responsáveis por 55,18% das fotografias de retratos individuais. Deste modo, no *Almanaque de Pelotas*, mesmo que o número de retratos com pessoas prevaleça, eles têm mais evidência na forma de retratos de grupo e, não de retratos individuais, pois, a maioria desses últimos, estão vinculados a campanhas publicitárias; se configurando como meras ilustrações, geralmente não estabelecendo vínculo com reportagens ou assuntos relevantes. Sendo assim, todo o destaque dado às imagens da cidade assume relevância significativa, principalmente por se apresentarem em preferência, nas páginas especiais.

Partindo-se da relação dos cidadãos com sua produção de bens culturais, as imagens fotográficas impressas nos periódicos se mostram detentoras de um poder implícito ao meio de sua divulgação. A partir da agora, faremos algumas leituras sobre imagens convergentes, divergentes e aquelas que se destacaram por serem singulares.

3.3 Leituras das imagens

Após a constatação dos dados levantados, foi possível visualizar mais claramente os pontos de análise das categorias através das tabelas. Poderíamos dividir as categorias em duas temáticas principais, *Retratos de pessoas* e *Retratos da Cidade*, porém cada temática proposta se destacou com qualidades específicas, assim, foi desenvolvido cada item separadamente. Partindo-se do princípio que cada imagem enquadra-se em alguma categoria, detalhou-se o perfil predominante e/ou singular que os grupos de imagens suscitaram.

3.3.1 – Retratos Individuais

A categoria, *Retratos Individuais*, foi subdividida conforme as especificidades notadas nos periódicos pesquisados, *retratos individuais*, vinculados como parte significativa do exemplar e, *retratos individuais*, presentes nas propagandas. No primeiro caso, os periódicos investigados apresentam divergências no grau de intensidade ao utilizarem as representações.

Os retratos individuais presentes no *Almanaque de Pelotas* (29 fotografias), geralmente representam líderes políticos, desde prefeitos municipais a personagens ilustres da elite social pelotense. Essas fotografias das personalidades figuram entre matérias sobre seus feitos ou seus estabelecimentos comerciais. Foram encontrados, também, alguns retratos memorialistas, sobre os filhos da “Princesa do Sul”, que além de serem expoentes no meio social riograndese, muitas vezes eram colaboradores do *Almanaque*. A seguir dois exemplos destas representações:



Figura 35 – “O JUBILEO do ‘CLUB COMMERCIAL’, O Sr. Dr. Francisco Simões, que presidiu as pomposas festas do jubileo do ‘Club Commercial’, e seu presidente, merecidamente reeleito”, *Almanaque de Pelotas*, 1932; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

No retrato acima, pertencente à reportagem, “Um acontecimento social, O jubileo do Club Commercial”, s/autoria³⁸, visualizamos o Sr. Francisco Simões, então presidente do “Club Commercial”. No artigo encontramos referência ao evento social “de mais relevo, no ano findo”³⁹, e homenagem do *Almanaque* aos fundadores e ao presidente da associação. Sobre o retratado, o autor assinalava-o como: “distinto conterrâneo e ilustre e humanitário medico Sr. Francisco Simões, do número dos pelotenses mais ciosos do renome e da grandeza de sua terra.”⁴⁰ Nota-se também, uma assinatura na imagem, “Brisol”, podendo ser do fotógrafo ou do gravurista, pois em alguns casos, foram encontradas duas assinaturas na mesma imagem, deste modo, se supõe que uma delas seja do fotógrafo e outra do responsável pela criação do clichê de impressão. A figura 35 é um exemplo do padrão visto para os retratos individuais durante os cinco anos pesquisados: formato oval e impressão nas folhas anexadas.

Na próxima imagem, tem-se exemplificado o outro modelo, menos presente, a fotografia impressa junto ao texto que ilustra. Percebe-se a diferença da qualidade da impressão, quando esta se apresenta no corpo do exemplar.

³⁸ *Almanaque de Pelotas*, 1932, p. 138.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

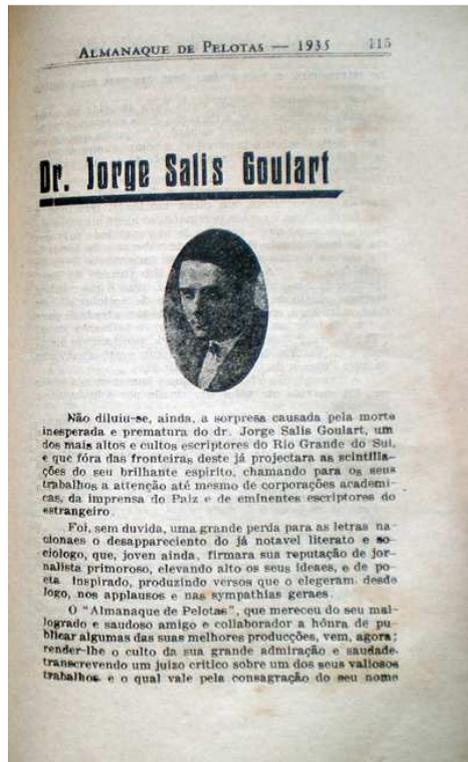


Figura 36, 37 – “Dr. Jorge Salis Goulart”, *Almanaque de Pelotas*, 1935, detalhe da figura 36; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Nestas imagens (figura 36, 37), a fotografia, figura impressa junto à reportagem. O artigo possui caráter memorialista, descrevendo o pesar sobre a morte prematura do Dr. Jorge Salis Goulart, “um dos mais altos e cultos escriptores do Rio Grande do sul”⁴¹, “amigo e colaborador” da publicação⁴².

Perante os exemplos assinalados, e através de todo o material analisado, podemos observar que os retratos não estão ausentes, mas em menor quantidade em relação às imagens dos espaços públicos. Florentino Paradedda nos seus editoriais, sempre deixou claro a intenção principal do *Almanaque de Pelotas*, divulgar o progresso da cidade e, neste sentido, nada mais representativo do que imagens destas melhorias urbanas e dos personagens mais significativos. Nesta assertiva, na mesma ocorrência que os almanaques paulistas, Oliveira observa que:

Produzidos de modo geral por indivíduos extremamente comprometidos com a vida social, os Almanaxes se propõem a informar sobre as características da vida social e econômica das localidades registrando, muitas vezes com indisfarçável tom ufanista, o cotidiano das cidades do interior paulista. Ao lado de apontar o que de novo acontecia no município, faz parte do estilo dessas publicações um inventário de quem é quem no

⁴¹ *Almanaque de Pelotas*, 1935, p. 115.

⁴² Idem.

cenário social e econômico das localidades, arrolando os nomes dos titulares de negócios, instituições e apontando os responsáveis por empreendimentos, de natureza privada ou coletiva, que marcaram a vida local em dado momento. (2001, p. 23)

Entretanto, nesta categoria, o jornal *A Alvorada* se mostra predominante. Os retratos individuais localizados no semanário (152 fotografias) podem ser divididos em três tipos: os atrelados aos artigos, os presentes nas notas sociais e os vinculados às propagandas. Neste caso, os retratos individuais possuem duas formas, formato oval ou retangular, e o cenário com fundo indefinido, sugere que sejam retratos feitos em estúdio. Os representados aparecem geralmente de busto e sempre muito bem vestidos, desde jovens, homens e mulheres. É importante lembrar que um retrato, ainda mais aquele produzido em estúdios, atende a certa demanda simbólica. O retratado deseja ser visto de determinada maneira e, portanto, se apresenta daquela forma específica. Figurino, acessórios, cenário, iluminação e pose, são os elementos utilizados nessa representação para criar uma personagem que pode só existir para aquele retrato (MICHELON, 2006). Outro fato observado é que apesar do grande número de retratos impressos, ao longo dos cinco anos pesquisados, muitos deles se repetem, principalmente quando representam os proprietários, os colaboradores, as rainhas e os ícones da luta pela abolição da escravidão, como é o caso dos retratos de José do Patrocínio (figura 11).

Sobre estas constatações, podemos supor que através dos retratos individuais no *A Alvorada*, repetidos constantemente através dos anos, a intenção dos responsáveis pela publicação possa ser a de reconhecimento social pela comunidade negra em que estão inseridos, como também, ao meio mais amplo abarcando toda a sociedade pelotense. Neste sentido, Santos observa que:

O que definia o reconhecimento de um indivíduo pela comunidade negra como parte do seu conjunto era a circulação desse indivíduo no seu meio e o posicionamento político no sentido de que assumia a sua negritude. [...] Nesse sentido, o *A Alvorada* assumia um papel de destaque, pois, além de divulgar as alegrias (festas de aniversário, esportivas, religiosas, casamentos, torneios de futebol, bailes comemorativos) e tristezas (mortes, acidentes, doenças, brigas, roubos, desavenças conjugais) dos homens e mulheres que compunham aquela comunidade, era o lugar onde as pessoas viam-se representadas, valorizadas, onde os nomes, e algumas vezes fotos, eram tornados públicos (2003, p. 42).

Destarte, as imagens detentoras de um poder representativo, reafirmam constantemente a presença de um grupo perante uma cidade diversa, e

potencializam um desejo de formação de uma comunidade igualitária e democrática, alcançado na maneira como se fazem ver nas fotografias. Para ilustrar esta assertiva, abaixo os principais retratos publicados durante o período de 1931 a 1935, que não figuraram na categoria *publicidade*:

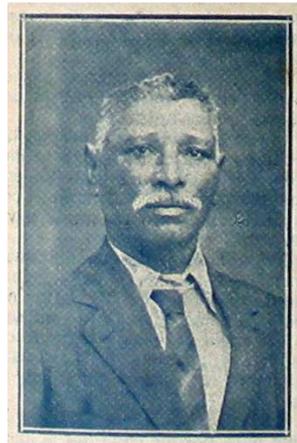


Figura 38, 39, 40, 41– “O sr. Juvenal Moreno Penny, fundador e proprietário d’A Alvorada”, *A Alvorada*, 01/11/1931; “O sr. Dr. Durval Moreno Penny, também fundador d’ A Alvorada”, *A Alvorada*, 05/05/1932; “Rodolfo Xavier” *A Alvorada*, 05/05/1932; “Flávia Gomes dos Santos (Bidú), a vencedora do Concurso para ‘Miss A Alvorada’, que sabbado, no Coliseu, receberá a faixa”, *A Alvorada*, 05/05/1932; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Estes retratos, como outros não visualizados neste momento, percorreram repetidamente, todo o período pesquisado, às vezes, vinculados aos artigos escritos pelos retratados, e outras, nas colunas sociais, quando havia aniversários ou homenagens. Os primeiros ilustrados, Juvenal Penny (figura 38) e Durval Penny (figura 39), foram personagens importantes para a realização do semanário. Durval Penny, segundo Santos:

[...]fez parte desde muito jovem de inúmeras associações da comunidade negra pelotense, [...], formou-se por correspondência em Medicina no *Instituto Nacional de Ciências do Rio de Janeiro* em 1914. Ele possuía farmácia e consultório médico no centro da cidade de Pelotas, onde era considerado ‘médico da pobreza’. Segundo seu filho, Durval foi o primeiro negro a ter carro na cidade, o que facilitava o deslocamento até o terceiro distrito do Capão do Leão, local que possuía outra farmácia, pois na cidade de Pelotas os clientes brancos eram escassos (2009,p. 8).

Seu irmão, Juvenal Penny:

[...] dono do *A Alvorada* de 1907 a 1946, [...] foi presidente da *S. B. União Operária* no ano de 1933, [...], e do clube carnavalesco *Está Tudo Certo*, [...], era também dono da *Fábrica de Fogos São Veríssimo* em nome da qual viajava constantemente pela região de Pelotas para ‘armar as peças pyrotécnicas’, ocasiões em que aproveitava para rever amigos, cobrar as mensalidades do jornal e divulgar as lutas empreendidas por meio do semanário. (SANTOS, 2009, p. 9)

Além de irmãos, tinham em comum, o fato de terem estudado nos cursos noturnos da Bibliotheca Pública Pelotense, juntamente com Rodolfo Xavier (figura 40), outro colaborador do jornal. Esses cursos noturnos visavam à alfabetização da instrução primária para homens adultos e crianças pobres; a iniciativa da elite pelotense tinha o intuito de “disciplinar, de inculcar normas e valores referentes à necessidade do trabalho como forma de combater o ócio e a ‘vagabundagem”” (SANTOS, citando, *Correio Mercantil*, Pelotas, 10/04/1884).

Portanto, “para atingir o projeto da elite de moralizar parte do *povo* (imigrantes, operários e pobres em geral), inculcava-lhes o amor ao trabalho e aos estudos, buscando atingir o progresso da cidade” (PERES, 1995, p. 51), deste modo, os irmãos foram “beneficiados” por esta iniciativa do progresso perseguido pela cidade no início do século. A educação fazia parte do objetivo da cidade em alcançar o *status* de moderna e, por conseguinte, no semanário a educação era entendida como “principal arma dos negros na defesa dos seus direitos à cidadania plena, pois que a cidadania estaria incompleta sem a instrução, principal meio de se informarem sobre seus direitos e defendê-los” (SANTOS, 2003, p. 135).

A figura 40 mostra o Sr. Rodolfo Xavier, colunista constante durante todo o período analisado. Líder operário, exerceu a profissão de pedreiro, foi incorporado às tropas federalistas em 1891 e participou de diversas diretorias classistas operárias. (ALVES, 2005, p. 13) Em seus artigos, se mostrava defensor das causas da comunidade negra e operária, além de ser o articulista de maior erudição; foi membro do Conselho Consultivo da *Frente Negra Pelotense* e “realizou palestras

com conteúdos socialistas na União Operária de Pelotas na década de 1910 [...], sendo candidato a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro em 1934” (ALVES, 2005, p. 14).

Diferentemente dos outros retratos ilustrados nesse trabalho, a figura 41 é uma mulher, menina e miss. Sua fotografia foi constantemente publicada em igual e/ou maior grau que algumas figuras masculinas, Flavia Gomes dos Santos apareceu oito vezes, durante os cinco anos analisados. Filha de um colaborador do semanário, Francisco Santos – artista, cenógrafo, compositor e um dos primeiros cineastas do Brasil –, a pequena *Miss A Alvorada* alcançou o título pela venda de mais de 4.000 cupons (SANTOS, 2003, p. 102). Sua imagem teve grande evidência nas representações fotográficas impressas, foi exibida como vencedora do concurso de miss, participava das notas sociais, e também, em reportagens ilustradas a seu respeito e sobre sua educação, pois “com 11 anos de idade e matriculada no 4º ano do “Colegio Elementar Felix da Cunha” nos últimos exames que prestou para promoção ao 5º ano foi aprovada com Distinção”⁴³.

Levando em conta o grande número de analfabetos existentes nas primeiras décadas do século XX, e o descaso para com a educação feminina, Flavia Gomes dos Santos, pode ser considerada um modelo, que reunia em todas as suas qualidades os objetivos pretendidos pelo semanário, referentes à educação, às conquistas do espaço público e às condições de igualdade perante à sociedade. Talvez sua imagem simbolizasse a liberdade adquirida para com os “homens de cor”, ou ainda, pudesse ser traduzida na forma de uma alegoria: uma menina, representando a comunidade, traçando seu futuro nas linhas do desenvolvimento igualitário e progressista. Portanto, a reiteração de seu retrato ao longo dos anos, sugere valores que se desejavam veicular e afirmar: sua imagem oferecia um ícone de um modelo de mulher que determinada sociedade poderia produzir, ideal na beleza, no moral e civilidade do grupo ao qual estava associada.

⁴³ *A Alvorada*, 07/01/1934, p. 4.

3.3.2 – Retratos de Grupo

Como verificados nas tabelas, os *retratos de grupo* divergiam em número significativo de representações entre os periódicos estudados. No *Almanaque de Pelotas*, 52, 46% das fotografias possuem mais de uma pessoa retrata. Este fato pode ser interpretado pelo tipo da reportagem vinculada nos exemplares, ou seja, no *Almanaque*, a maioria das reportagens eram sobre o progresso da cidade de Pelotas, como mencionado anteriormente. Assim, o que se mostrava eram fotografias que ilustrassem estas novidades e conquistas, como retratos dos idealizadores e imagens das melhorias modernas.

A figura 42 exemplifica essas observações; a fotografia registra o momento em que a prefeitura assina a contratação de serviços, através da Secretaria das Obras Públicas do Estado, para realização das obras no Porto de Pelotas. Representantes da imprensa também se fazem presentes, e todas as pessoas retratadas, posam para o fotógrafo. Os homens fotografados possuem uma vestimenta elegante e social; em cima da mesa, observa-se papéis e o livro onde possivelmente registraram o evento. A imagem participa do artigo, “Pelotas resurge”⁴⁴ [sic], autoria de F. Paradedá, que descreve as novas iniciativas privadas e públicas para a superação da crise enfrentada por toda a sociedade brasileira, ressaltando: “é preciso aos pelotenses retomar o ritmo do trabalho, abruptamente interrompido”⁴⁵.

⁴⁴ *Almanaque de Pelotas*, 1934, p. 45.

⁴⁵ Idem.



Figura 42 – “Uma velha aspiração de Pelotas, [...]”⁴⁶, *Almanaque de Pelotas*, 1934; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Por conseguinte, no *A Alvorada*, muitas reportagens possuíam enfoque memorialista, histórias sobre os feitos dos antigos líderes abolicionistas, notícias relacionadas ao preconceito vigente da sociedade pelotense, e pequenas notas sociais. Podemos supor que além da comunidade negra não ser ver representada nas imagens da cidade, talvez ela não quisesse expor o espaço público no jornal, ou porque não se identificava nele, ou porque se sentia excluída dele; mesmo passados muitos anos da Abolição da Escravidão. Santos (2003) mencionando Della Vecchia (1999) a esse respeito, que observa que:

[...] a segregação dos negros pelotenses não se restringia apenas a lugares públicos fechados (cinemas, cafés e teatros). Entendia-se também aos lugares públicos abertos, como ruas, jardins e praças. Conforme relatos orais, em muitos locais públicos eram proibidos de permanecerem e, nas calçadas da cidade, tinham que ceder espaço para os brancos circularem (2003, p. 87)

Talvez por esse motivo, *A Alvorada*, deixava a exclusividade do meio impresso apenas para os pertencentes e simpatizantes das causas negras e operárias. Assim o jornal adquiriria uma unidade forte e combatente, legitimando suas causas e ideologias, na escolha de suas representações, reiterando o agente social no retrato individual. Deste modo, os retratos de grupo, na maioria dos casos, figuravam entre eventos esportivos, como mostra a figura a seguir.

⁴⁶ [...] o secretário das obras pública do Estado, os contratantes das obras do Porto de Pelotas e representantes da imprensa, após a assinatura do contrato.



Figura 43 – “Ecos de um concurso”⁴⁷, *A Alvorada*, 15/11/1931; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

A imagem (fig. 43) em formato paisagem e no ambiente externo, apresenta 19 homens; alguns vestidos com roupas apropriadas para jogar, outros de ternos e gravata e um com vestimenta militar. A pose é um típico exemplo de fotografia esportiva, não são reveladas outras informações, pois não contém o nome de seus retratados e nem nota escrita.

3.3.3 – Retratos Negros/Negras

Nesta categoria, para os retratos do jornal *A Alvorada* foram contabilizados o retratos de pessoas *brancas*, todavia, no *Almanaque de Pelotas*, a categoria permaneceu igual.

No *Almanaque de Pelotas*, a presença de pessoas *negras* se deu de forma inexpressiva. Foram localizadas oito imagens, porém em nenhum dos casos, eram a figura de destaque, inclusive, em muitas imagens, a pessoa *negra* se encontrava inserida num grupo de pessoas. As fotografias foram geralmente vinculadas a reportagens sobre acontecimentos populares, estando a população *negra*, excluída

⁴⁷ “Ecos de um concurso, O primeiro quadro do S. C. Juvenil, que em um concurso de sympathia organizado por este semanário em 1922, entre os clubs filiados á Liga José do Patrocínio, obteve estrondosa maioria de votos, entre os demais concorrentes. No primeiro plano vêem-se os principais próceres do Juvenil.” *A Alvorada*, 15/11/1931.

de atos solenes, administrativos e políticos, quando estes não pretendiam feitos populares. Fato observado, por exemplo, na figura 42 (do item acima).

No artigo, “Pelotas resurge”⁴⁸, autoria de Florentino Paradedá, acompanhado de diversas fotografias sobre as melhorias urbanas, encontramos a imagem mais significativa desta categoria (figura 44).



Figura 44 – “A cerimônia da entrega do terreno, doado pela Prefeitura, para a Vila Operária ‘Flores da Cunha’, *Almanaque de Pelotas*, 1934; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

A imagem acima, no formato paisagem, foi realizada em ambiente externo, porém, não é possível visualizar nenhuma paisagem ou espaço urbano. A fotografia mostra “a cerimônia de entrega do terreno doado pela Prefeitura a Vila Operária Flores da Cunha”, presenciada por diversas pessoas, entre elas, diversas pessoas *negras* e crianças, muitas indiferentes para a câmera; enquanto o prefeito ao alto de uma base posa para o fotógrafo. Observa-se também, uma assinatura na imagem, nesse caso, do fotógrafo Robles. O que se realçou na imagem, foi justamente o grande número de pessoas *negras* retratadas, motivo pelo qual pode estar diretamente relacionado com o caráter do evento.

No jornal *A Alvorada*, a presença de pessoas *brancas* nos retratos alcançou 35 fotografias, vinculadas geralmente em notas sociais e propagandas. Em alguns casos, o retratado era o homenageado pelo artigo que ilustrava, como exemplo, a reportagem de 05 de março de 1933, em que Rainha do Carnaval de Pelotas, Senhorinha Auzendia Pinheiro, recebe homenagem pelo semanário:

⁴⁸ *Almanaque de Pelotas*, 1934.

'A Alvorada' como semanário humilde, mas popular, infama-se, em prestar esta singela porém sincera homenagem a graciosa soberana, como prova de sua estima á eleita do povo pelontense e apresentamos nossos cumprimentos pela merecida vitoria. (*A Alvorada*, 05/03/1933).



Figura 45 – “Senhorinha Auzendia Pinheiro”, *A Alvorada*, 05/03/1933; acervo Bibliotheca Pública de Pelotas.

Ainda na mesma reportagem, o jornal mencionava a visita que fez a casa da rainha, a fim de saber quais os planejamentos para o seu reinado, não a encontrando, conversaram com seu pai, felizes com a resposta, noticiaram este caso:

[...] a mesma iria a sede de todos os cordões, clubes e sociedades bailantes, levar seu pleito de amizade e democracia carnavalesca, [...] mais uma vêz cumprimentamo-la pela feliz iniciativa e demonstração de que é possuidora do verdadeiro espírito de democracia e educação (*A Alvorada*, 05/05/1933).

Outra homenagem localizada no semanário, *A Alvorada*, foi ao Prefeito municipal, Sr. Dr. Silvio Barbeno. Na coluna, o semanário parabenizava o Prefeito por seu aniversário e também, elogiava a sua administração progressista (figura 8).

E para as pessoas *brancas*, que não possuíam destaque social e mesmo assim figuravam no semanário, tem-se o princípio de que a pessoa deveria estar inserida no círculo desta comunidade, como também simpatizar com causas e ideais pretendidos pelo semanário. Como o predomínio das imagens no *A Alvorada* são os retratos individuais, procurou-se neste item, as fotografias singulares, em que as

peças brancas aparecem representadas. No item 3.3.1 temos um maior aprofundamento das imagens de retratos de *negros/negras*.

Nessas e outras ocorrências, percebe-se o ideal pretendido pelo jornal, em fazer equivaler em valor a sua comunidade com a *branca* e, para tanto, muitas vezes, utilizando-se dos mesmos padrões de julgamento e beleza que o meio social elitista pelotense elegia como modelo a ser perseguido. Principalmente nas notas sociais, a auto definição de ser *negro*, gerava contradições. Nesse sentido, Santos observa que:

A recusa em se definir ou ser chamado de *negro* era uma constante nestas colunas. As pessoas não gostavam de identificar-se com uma denominação que, criada na relação com os brancos no passado, vinha carregada de preconceitos e estereótipos negativos. Com um meio de comunicação próprio, os pelotenses que fundaram o *A Alvorada* procuravam criar uma representação coletiva positiva entre si. (2003, p. 102).

Por conseguinte, ainda nas afirmações de Santos:

[...] o branco parecia ser a medida para todas as coisas, mesmo aqueles intelectuais negros que criticavam a postura dos seus irmãos de cor faziam-se muitas vezes a partir do ponto de vista branco, hegemônico naquela sociedade. Muitos negros assumiam o modelo branco ou ficavam em dúvida sobre o que seriam. (2003, p. 140)

Entretanto, não compete a esta pesquisa detalhar ou afirmar esclarecimentos sobre questões étnicas, somente analisar as fotografias impressas, verificando o que apresentam e quais seus objetivos intrínsecos.

3.3.4 – Retratos com Mulheres

As situações em que os retratos de mulheres são publicados no jornal *A Alvorada*, são sempre aquelas de cunho social, como concursos, aniversários, notas sociais e casamentos. Outro elemento interessante é que, apesar de se tratar de um veículo de informação voltado para comunidade negra, existem fotografias também de mulheres brancas, como atrizes e a rainha do carnaval da cidade de Pelotas.

Através da análise das fotografias e dos textos que as acompanham, podemos perceber que são publicadas, ano após ano, as mesmas imagens, das mesmas pessoas, em situações distintas. Na verdade, apesar do número expressivo de 69 retratos femininos, eles apresentam somente 20 mulheres, cujas imagens são

repetidas em razão de festas, comemorações, mudanças de título e visitas à redação do jornal. Portanto, as mulheres retratadas, na verdade são poucas, o que pode significar dificuldades no acesso de tal serviço, ou a restrição de aparição a um grupo bastante específico. Neste caso, foi encontrado um pequeno texto no exemplar do *A Alvorada* de 05/05/1932, intitulado: “A ignorância é a mãe de todos os vícios” de autoria de Juvenal Penny, no artigo descrito abaixo, observa-se:

Deixamos de publicar no presente número, muitos retratos de senhorinhas, de nosso meio social, pelo motivo de acharem alguns srs. paes e parentes que não ficava bem. Quanto é triste ter-se tantas escolas e ver-se tantas pessoas ignorantes. Oh! raça de Patrocínio, precisa cultivar-se, para dares o cultivo aos vossos filhos! (*A Alvorada*, 05/05/1932; acervo Bibliotheca Pública de Pelotas).

O autor desta pequena crítica, não mede palavras ao relatar o motivo pelo qual, muitas “senhorinhas” não publicaram seus retratos no semanário. Essa descoberta explica a pequena variedade dos retratos femininos, pois naquela comunidade, em alguns casos, os retratos de mulheres impressos no semanário não eram bem vistos. Isso reforça a constatação de que as mulheres negras presentes nas fotografias estão sempre vinculadas a figuras masculinas, às vezes são filhas, outras noivas e, em muitos casos, rainhas de alguma associação.

A figura 46 é um dos vários modelos de retratos individuais de mulheres distribuídos por todo o jornal, durante o período investigado. Podemos observar que a modelo está centralizada na fotografia de formato oval, com fundo escuro. A imagem se encontra próxima à margem superior e logo abaixo a legenda; “SILVERINHA FLORES”. Ao lado da imagem constatamos um texto intitulado “Homenagem” que se refere diretamente à retratada: “É mesmo uma flor, que desabrocha para a vida e para o amor. Silverinha é a atual soberana do veterano C. C. Depois da Chuva. Além de outras vitórias, conquistou nossa simpatia” (*A Alvorada*, 5 de maio de 1935).



Figura 46 - "SILVERINHA FLORES", *A Alvorada*, 05/05/1935; acervo Bibliotheca Pública de Pelotense

A imagem desta mulher, que posa e se mostra para uma sociedade através das páginas de um periódico, sugere confiança e segurança. Nela, além de sua vestimenta formosa, podemos perceber a presença de colar e brincos, como também, o uso do cabelo curto e levemente ondulado, de acordo com a moda da época vigente. Sua imagem vinculada ao texto, ganha eloquência quando reafirma suas qualidades físicas, como também, sociais, pois as palavras "soberana" e "outras vitórias", denotam certo prestígio e presença constante em eventos sociais. A eleição por parte dos redatores indica também que esta mulher pertence a certo convívio social onde a presença dos mesmos se faz sentir.

Outros exemplos desses retratos de mulheres no jornal *A Alvorada*, seguem:



Figura 47, 48, 49 – “A graciosa senhorinha Odette M. dos Santos, ‘Miss G. S. Vencedor’”, *A Alvorada*, 13.12/1931; “Senhorinha Aracy Nunes Amaral, que no Concurso para ‘Miss A Alvorada’ obteve o segundo lugar”, *A Alvorada*, 05/05/1932 “Senhorinha Deusdisse Furtado, representante do nosso collega ‘A Hora’, do Rio Grande, [...]”⁴⁹, *A Alvorada*, 05/05/1932;; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Posando em estúdios sobre fundo escuro, as três apresentam semelhanças estéticas no tipo de penteado e ornamento de pescoço, todas parecem fazer uso de pérolas. As duas primeiras têm o olhar direcionado para o espectador, enquanto que a última, observa um ponto fora do quadro.

No caso dos retratos femininos, o que se percebe é a intenção de destacar um tipo muito específico de mulher, ressaltado pelo uso de ornamentos, pelas feições e poses solenes. Uma possível idealização desses retratos pode sugerir um modelo a ser perseguido no dia-a-dia por todas aquelas que também pretendessem em algum momento ocupar aquele lugar de destaque. Assim, o uso de certas roupas, jóias e a adoção de uma postura passam a fazer parte do cotidiano das leitoras do jornal, através da assimilação das imagens fotográficas ali representadas.

Já os retratos de mulheres, no *Almanaque de Pelotas*, não adquirem em nenhum momento evidência na publicação, a não ser quando estes ocupam seu lugar em anúncios publicitários. Nenhum retrato individual de mulher foi encontrado nos anos pesquisados vinculado a reportagens e notícias.

No *Almanaque de 1931*, foi localizada uma notícia opinativa sobre a verdadeira beleza feminina, intitulada, “Os Prelios da Belleza, De como a ‘Princesa do Sul’ deu a mulher mais bella do Universo”, sem autoria, esta matéria referia-se a Yolanda Pereira, eleita Miss Universo no ano de 1930, representante da cidade de

⁴⁹ [...]que sabbado, no Coliseu fará a imposição da faixa symbolica de ‘Miss A Alvorada’, á intelligente e graciosa menina Flavia Gomes dos Santos, (Bidú).

Pelotas. O tom do artigo se mostra opinativo em suas descrições do que seria a verdadeira beleza do Brasil, abaixo alguns trechos do texto, para melhor ilustrar esta afirmação:

Os concursos de beleza não são, como muitos julgam, um passatempo mundano, uma frivolidade apenas creada para o galanteio e para a graça. Não; elles têm um fim mais elevado e distincto, mais nobre, qual o do aperfeiçoamento, do apuro das raças. Assim, pois, o valor plástico desta ou daquela representante mais estylisada nesses torneios é sempre uma demonstração expoencial do typo racial de sua própria gente. [...] seu triunfo foi de todo justo, e os pelotenses, com sua preferência, demonstraram não somente asserto, como um alto senso do que é a belleza.

O autor ao escrever que estes concursos aperfeiçoariam a “raça” e demonstrariam o “expoencial do typo racial de sua propria gente”, estabelece que o modelo de beleza é aquele que predomina nas representações ali encontradas, ou seja, a “raça” e a “própria gente”, seriam os personagens *brancos*, os cidadãos pelotenses pertencentes à elite branca. Neste sentido, assim como o *A Alvorada* possuía a sua miss, o *Almanaque* também se via representado através de Yolanda Pereira, “a mais bela entre todas”, legitimada por um júri internacional. Através desse exemplo, fica evidenciado o ideal de beleza que se pretendia alcançar por uma cidade progressista e moderna.

Porém, mesmo o *Almanaque* tendo sua “representante”, ela não figurou na reportagem, observou-se apenas as fotografias do corpo de jurados, apresentadas em formato de mosaico, uma composição fotográfica com os retratos individuais. Segue ilustração:



Figura 50 – “O Jury Internacional que conferiu o título de “Miss Universo” á Yolanda Pereira”, Almanaque de Pelotas, 1931; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Mesmo a reportagem sendo sobre uma mulher em evidência, ela não aparece representada. Apesar disso, localizou-se seu retrato individual em uma propaganda no mesmo exemplar do periódico. Nela, Yolanda Pereira expressa gratidão ao “Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho”, que devido ao seu “optimo resultado obtido” na cura de uma tosse pertinaz, ela envia-lhe sua “photographia” como forma de agradecimento. A propaganda foi impressa também nos anos de 1932 e 1933. Segue-se imagem do anúncio:



Figura 51 – “Xarope Creosotado Composto de Carlos Coelho, Yolanda Pereira”, *Almanaque de Pelotas*, 1931; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Yolanda Pereira volta a aparecer no *Almanaque de Pelotas* de 1932, vinculada a reportagem, “O Tributo da cidade”, sem autoria. O artigo faz referência ao marco memorial inaugurado pelo órgão municipal em homenagem a Miss Universo. Segue um trecho da reportagem:

Com a expressiva e alevantada homenagem do Poder Publico, a que se associaram instituições e associações representativas locais, decretando a criação de um Roseiral na mais linda praça da Cidade, ou melhor dito, no coração da Terra Natal, e nele permitindo fosse erguido um Marco que, assinalando, perpetuasse tão belos triunfos, encerrou-se o ciclo das retumbantes e merecidas loas elevadas á Yolanda Pereira, no decurso daqueles prélios memoráveis de Beleza, em que ela se cobriu de glorias, glorificando Pelotas, o Rio Grande e o Brasil.

Neste evento coberto pela matéria do *Almanaque*, figura a fotografia do ato solene da inauguração do “Roseiral Yolanda Pereira”, na qual encontramos o representante da comissão promotora da homenagem, o acadêmico Lucena; o tenente Arthur Hameister, representante do Prefeito do Município; Guiomar Naves, Yolanda Pereira, Dr. Francisco Simões e a Rainha da Primavera, Senhorinha Lacy Soares.



Figura 52 – “Inauguração da coluna comemorativa no ‘Roseiral Yolanda Pereira’, *Almanaque de Pelotas*, 1932; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Na figura 52, a fotografia é apresentada no formato paisagem, em um ambiente externo do espaço público da cidade, onde os retratados posam para o fotógrafo. As mulheres, elegantemente vestidas, se encontram ladeadas pelos homens descritos anteriormente e ao fundo verifica-se uma grande quantidade de observadores. Essa imagem é representativa do padrão observado no *Almanaque*, sobre a categoria *Retratos com Mulheres*, onde elas muitas vezes se apresentam como espectadoras de determinado evento e acompanhadas pela figura masculina.

3.3.5 – Imagens da Cidade

A categoria, *Imagens da Cidade*, se mostra predominante nas fotografias encontradas no *Almanaque de Pelotas*. Além das 34 imagens contabilizadas, onde o espaço público aparece, outras também fazem referência à cidade, caso encontrando nas que ilustram reportagens como: “Patriotismo e Filantropia, A jornada do Outubro e comissão de auxílios às famílias dos combatentes”⁵⁰, com imagens das salas dos armazéns de distribuição de viveres; “Patronato Agrícola ‘Visconde da Graça’”⁵¹, onde possui fotografias externas e internas das instalações; “Pelotas ressurgue”⁵², mostrando o momento da assinatura dos contratantes para as

⁵⁰ *Almanaque de Pelotas*, 1932, p. 92.

⁵¹ *Almanaque de Pelotas*, 1934, p. 78.

⁵² *Almanaque de Pelotas*, 1934, p. 72.

obras do porto de Pelotas (figura 42); entre outras. Assim, a cidade era representada através de atos solenes e vistas urbanas proeminentes.

As imagens presentes no *Almanaque de Pelotas* se apresentam em três diagramações distintas: em propagandas, ilustrativas dentro da própria matéria e em folhas anexas as reportagens, sendo estas últimas, geralmente pertencentes aos assuntos de destaque. Nelas, podemos observar a ênfase em representar as construções arquitetônicas, com enquadramento no formato paisagem e grande profundidade de campo com todas as distâncias definidas, possibilitando uma ampla visão de toda a edificação. Os discursos empregados nas reportagens, evidenciam o programa proposto pelo periódico divulgado em seus editoriais, de propagar os progressos de Pelotas e consagrar momentos históricos da política rio-grandense, através de seus “patrióticos administradores e outros beneméritos propulsores do seu progresso”⁵³.



Figura 53 - "O moderno edifício da 'Fabrica de Chapéus Pelotense'", *Almanaque de Pelotas*, 1932; acervo Bibliotheca Pública Pelotense

Na figura 53, além da ampla tomada fotográfica, possibilitando visualizar toda a edificação, nota-se a presença de várias pessoas à frente do edifício, sugerindo uma possível relevância para a quantidade de pessoas, formando um grupo homogêneo, não sendo possível averiguar quem são os sujeitos retratados, possivelmente, os funcionários da fábrica. O texto que acompanha a imagem, “Um

⁵³ *Almanaque de Pelotas*, 1931.

Jubileo Industrial, A Fabrica de Chapéos Pelotense”⁵⁴, sem autoria, conta a história do cinquentenário da indústria, que desde 1881 estava em atividade e que durante um certo tempo, foi propriedade da C. G. Rheingantz ,e naquela data, pertencia à Companhia de União Fabril. Como mostra a própria legenda e enunciação da fotografia, a indústria da cidade de Pelotas se mostrava triunfante e moderna.

No caso da reportagem acima, ela acompanhava além da fotografia visualizada, a imagem da antiga fábrica. Esse modo de autenticar o progresso comparando, o novo com o velho, foi localizado também em outras passagens. Na próxima figura, observamos esta estratégia:

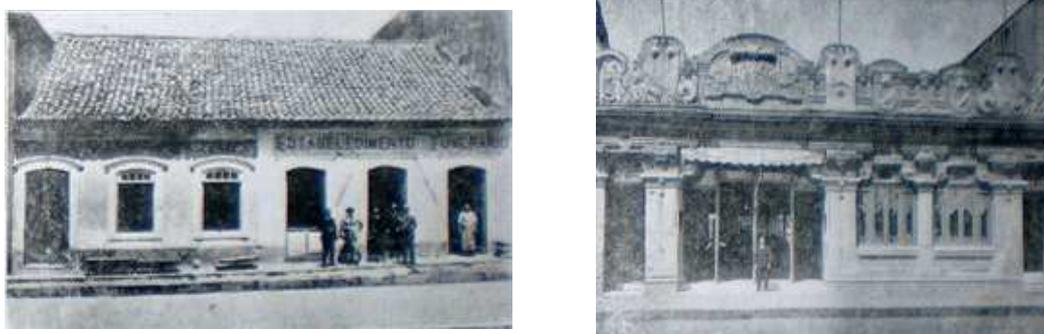


Figura 54, 55 – “A primitiva sede da ‘CASA MOREIRA LOPES’, *Almanaque de Pelotas*, 1932; “O moderno edifício do ‘Estabelecimento de Pompas Funebres’ MOREIRA LOPES, *Almanaque de Pelotas*, 1932; acervo Biblioteca Pública Pelotense.

As figuras 54 e 55 ilustram a reportagem sobre, “A ‘Casa Moreira Lopes’, 1882, 1932”⁵⁵, sem autoria e acompanhada de retrato individual do proprietário. Como se pode observar, a primeira fotografia mostra uma construção no Estilo Colonial, com pessoas à frente do edifício; por conseguinte, na segunda fotografia, o mesmo estabelecimento aparece com nova aparência, em estilo Arte Nova; nota-se a mudança brusca no telhado e nos ornamentos decorativos da fachada e também, a presença de apenas uma pessoa, possivelmente proprietário do estabelecimento, posando para o fotógrafo. Sobre estas mudanças de estilo e das belezas da edificação, encontramos no texto um trecho relevante:

Pelo clichê que estampamos, fácil será aos leitores certificarem-se do que avançamos, admirando as linhas vigorosas e originaes do edifício, que erguido no ponto mais central da cidade, justifica de sobejo o nosso julgamento e serve, sobretudo, para recomendar Pelotas, aos olhos do

⁵⁴ Almanaque de Pelotas, 1932, p. 122.

⁵⁵ Idem, p. 131.

itinerante, encantado já pelas belezas da linda cidade do S. Gonçalo (*Almanaque de Pelotas*, 1932, p. 132).

As ilustrações, além de serem diversas e constantes, acabam ganhando orientações de interpretação pelas legendas e notas que as acompanham. O progresso é reiterado e sinalizado pelos textos dirigidos. Na mesma assertiva, a figura 56, ilustra os “Melhoramentos Municipaes”, pertencente há uma série de imagens que divulgam as realizações da administração progressista do sr. Dr. João Py Crespo. As fotografias distribuídas ao longo do exemplar, provavelmente ilustram a reportagem, “O Progresso de Pelotas, uma administração progressista”, que em suas primeiras linhas, menciona a crise financeira vivida pelo país e pela cidade, justificando a falta de novas realizações perante a administração pública, como se pode verificar no trecho abaixo:

[...] pouco foi possível realizar, preocupando-se mais a administração municipal com a vigilância da ordem, os problemas econômicos e a manutenção dos serviços públicos inadiáveis, o que já foi tarefa meritória, si atentarmos que, por efeito daquelas causas, que a todos atingiu, a arrecadação da receita não se fez tão lisongeiramente como até então.

Essas manutenções referidas são observáveis na próxima figura (fig. 56), que mostra a pavimentação com cimento armado de uma rua ampla, provida de postes, e se constitui como uma imagem simples, no sentido de não ostentar requinte e luxo, apenas reitera o progresso pelo melhoramento dos espaços públicos.



Figura 56 – “Melhoramentos Municipaes, Largo Jesus Vernetti, com a pavimentação a cimento armado”, *Almanaque de Pelotas*, 1933; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Nas fotografias da cidade impressas no *Almanaque de Pelotas*, observou-se de imediato a permanência de registros que indicam o moderno como um valor. A

cidade nas fotografias exerce lugar de destaque na publicação e não sugere um discurso silencioso, pois as legendas e as reportagens as quais as imagens são vinculadas, explicitam abertamente a proposta de progresso e modernidade.

As imagens ilustrativas dessa categoria (fig. 53, 54, 55, 56) mostram como a representação da idéia de modernidade povoava as edições do *Almanaque de Pelotas*. As fotografias apresentam-se centralizadas, privilegiando a construção ou o estabelecimento, deixando em segundo plano os outros elementos, como por exemplo, as pessoas das quais apenas a silhueta informa sua presença. Deste modo, essas imagens de edifícios novos e belos potencializam a capacidade que a fotografia tem de informar e divulgar os aspectos desejados.

Contudo, como já mencionado, a categoria, *Imagens da Cidade*, quase não se fez presente no semanário *A Alvorada*, por exceção de uma única fotografia localizada. Em relação a outros dados verificados nas tabelas, o grande número de retratos de pessoas exerce o predomínio de 93,83% de retratos individuais, conseqüentemente, apenas 6,18% são retratos de grupo. Este dado sugere a eleição do retrato individual por excelência de representação no Jornal *A Alvorada*, afirmando uma possível representação da cidade através dos seus cidadãos, das suas relações sociais, mostrando-se moderno através de seus costumes e pelo desejo de se fazer ver através do meio impresso.

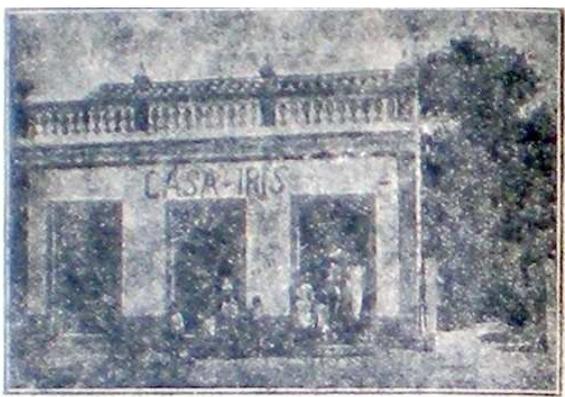


Figura 57– “Casa Iris”, Jornal *A Alvorada*, 31/01/1932; acervo Bibliotheca Pública de Pelotense.

A figura 57, é a única imagem em que se observa o espaço público representado nas páginas do *A Alvorada*. Na fotografia de pouca qualidade, podemos avistar uma edificação comercial com a presença do nome do estabelecimento: *Casa-Iris*. Em frente à construção, nota-se a presença de um grupo de pessoas posando para o fotógrafo. A edificação da *Casa-Iris* pertence ao estilo

colonial, muito presente ainda hoje na cidade de Pelotas, com três portas em sua fachada e balaustres na parte superior. Esta ilustração encontra-se diagramada no canto superior esquerdo da página e pertence à seção, “A Gazetinha” do Jornal *A Alvorada*, que faz referência à hoje cidade vizinha de Capão do Leão (em 1932 a cidade ainda era um bairro de Pelotas), editada pelo pseudônimo *Mão Negra*, pelo secretário *Águia Branca* e com data do dia 31 de janeiro de 1932. O texto que acompanha a imagem faz o seguinte comentário:

No dia 28 do corrente commemorou o seu 19º anniversario de fundação, nesta localidade, o conhecido e acreditado estabelecimento de seccos e molhados, fazendas, miudezas, etc. denominado ‘Casa Iris’. O sr. Pedro Hilal, proprietario do referido estabelecimento por esse motivo recebeu muitas felicitações, as quaes juntamos as nossas, desejando prosperidades ao conceituado commerciante. (Jornal *A Alvorada*, 31 de Janeiro de 1932).

Esta nota vinculada com a imagem concede elogios e deseja felicitações ao estabelecimento e ao proprietário. A eloquência do jornal quando se refere às qualidades do estabelecimento, também, conferem certa exaltação do progresso pelas palavras: “conhecido e creditado estabelecimento”, “conceituado comerciante”. Observando mais precisamente a página, constata-se uma pequena nota no canto superior direito, que faz menção ao estabelecimento *Casa Iris*. Nela podemos ler: “‘A Alvorada’ encontra-se nesta localidade, na ‘Casa Iris’.” (*A Alvorada*, 31 de Janeiro de 1932).



Figura 58 - Jornal *A Alvorada*, 31/01/1932; acervo Bibliotheca Pública Pelotense

Este detalhe reitera as observações realizadas, sobre a preferência dos retratos individuais, e também, valida as questões que vem sendo analisadas, sobre

as utilizações de imagens no jornal, ao qual, estão sempre vinculadas aos colaboradores do periódico.

As indicações da inexistência de fotografias arquitetônicas, públicas e urbanas, não afirmam uma não identificação com a cidade, e sim a impossibilidade dessa comunidade participar efetivamente destes espaços. A cidade apenas é vista e contemplada por outra forma, através de seus cidadãos, através de notas vinculadas e dos acontecimentos sociais relevantes.

3.3.6 – Retratos publicitários

Retornando os números arrolados, no *Almanaque de Pelotas*, foram contabilizadas 29 fotografias com retratos individuais, sendo 16 destas (55,18%), retratos vinculados a propagandas. No jornal *A Alvorada*, dos 152 retratos individuais, apenas 34 (22,37%), pertencem a anúncios publicitários.

Além das preferências nas representações desenvolvidas por cada periódico, foi observado que o número de imagens publicitárias no jornal *A Alvorada* aumenta no decorrer dos anos; em 1931 não existia nenhuma propaganda com retrato individual, já no ano de 1935, encontramos 22 propagandas neste formato. Este fato se deve também ao aumento de anúncios publicitários presentes no jornal ao passar dos anos. Neste sentido, o desenvolvimento do jornal pode ser o fator que provocou esta expansão no uso de imagens em propagandas, pois em 1931, o semanário voltava à atividade através de uma nova fase. Após seu restabelecimento como veículo impresso e da provável aceitação do mesmo perante a comunidade negra, nos parece que nada mais propício, que o aumento da publicidade.

No *Almanaque de Pelotas*, os modelos dos anúncios publicitários dialogam com os encontrados no *A Alvorada*, geralmente apresentando a fotografia e uma descrição do produto ou estabelecimento, característica que é repetida ao longo dos anos. Porém apenas no *Almanaque* encontramos nesses anúncios imagens de prédios da cidade de Pelotas, representados pela fachada dos estabelecimentos divulgados, destarte, reiterando a comprovação das preferências que cada periódico assumiu na escolha das suas representações.

Interessante ressaltar que as propagandas em que os retratos individuais eram vinculados, eram aquelas que anunciavam medicamentos e elixires

farmacêuticos; os retratos comprovariam a eficiência de determinado produto, juntamente com o depoimento do retratado ao lado da ilustração. Nas imagens a seguir, podemos constatar o modelo formal de apresentação desses anúncios.



Figura 59, 60 – Propaganda do “Grande Hotel”, *Almanaque de Pelotas*, 1931; Propaganda “Galenogal”, *A Alvorada*, 05/05/1935; acervo Bibliotheca Pública Pelotense.

Na figura 59, o anúncio publicitário utiliza como ilustração a fotografia do estabelecimento, acompanhado de textos centralizados, ambos contornados por motivos gráficos. Há ênfase no nome do hotel e no seu arrendatário, Caetano Bianchi. Na fotografia, o ponto de captura é distante e quase centralizado, possibilitando assim, a visão geral da edificação, gerando dois pontos de fuga lineares, não possuindo outros elementos que dispersem a atenção do o elemento central. Todavia, na figura 60, percebe-se a mesma composição formal, texto e imagem, ladeados por ornamentos gráficos e títulos em grandes fontes. O anúncio é sobre “Galenogal, Grande depurativo científico”, e a retratada, Olga Muniz de Oliveira, da cidade de Recife, deixa seu depoimento de gratidão ao depurativo, pois este, a salvou da “desgraça” de origem sifilítica. A modelo se encontra sentada, com as pernas cruzadas, posando para a câmera, o fundo da imagem nos leva a crer que seja um estúdio.

Ao mesmo tempo em que estes retratos eram constantemente impressos nos periódicos, é interessante ressaltar que nesse tipo de publicidade, geralmente os depoentes não são da cidade de Pelotas, fato entendido como coerente para o período daquela sociedade, um depoimento dessa ordem, em que a retratada afirma possuir uma doença sexualmente transmissível, ou mesmo outra doença grave, passa ser completamente rejeitável. Há que se considerar que talvez a retratada não sofresse da doença e, nesse caso, melhor mantê-la desconhecida.

Estas categorias reunidas foram balizadas pelos referenciais teóricos e surgiram empiricamente pela percepção da autora ao conviver com as fontes arroladas, assim, as fotografias foram analisadas qualitativamente pelas relações intrínsecas delas e com o meio social em que foram impressas. Muitos outros enfoques poderiam ser analisados, como também, muitas outras maneiras de categorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS CIDADES DE DOIS PERIÓDICOS

O jornal *A Alvorada* e o *Almanaque de Pelotas* compartilharam o mesmo ar dos tempos na distante cidade de Pelotas, sul do Rio Grande do Sul, nesses anos em que a Velha República dava lugar a uma nova ordem política. Embora diversos na periodicidade, formato e utilidade, entre outros aspectos, comungavam de alguns princípios democráticos: algumas vezes transitavam entre as classes sociais, e outras, noticiavam conteúdos que entretinham, informavam e orientavam os seus leitores para a vida em sociedade. Defrontavam-se nas diferenças, mas, para a análise mais profunda, assemelhavam-se mais do que diferiam.

O *Almanaque de Pelotas* teve uma vida longa: circulou na cidade de Pelotas de 1913 a 1935 e, especialmente a partir de 1917, quando o Capitão Florentino Paradedá, um certo cidadão convicto das virtudes de sua cidade assumiu a edição, tornou-se um veículo do registro do progresso de Pelotas. Permanente em forma e conteúdo, pelos anos que se seguiram sob a direção de Paradedá, suas páginas congratulavam a próspera cidade de homens brancos, cultos e empreendedores.

O *A Alvorada* também viveu muito, do seu surgimento em 1907 circulou, com alguns intervalos, até 1965, e também era dirigido por um homem de fortes convicções, motivado em promover ideais e fortalecer lutas da comunidade negra e operária, afirmando a cidade como um espaço de convívio social moderno, no qual a instrução seria o primeiro passo para se alcançar a igualdade perante toda a sociedade.

Talvez não se sugerisse aos homens da época desses periódicos que os mesmos fossem comparados, mas a motivação para que esse estudo o faça estão nas fotografias. Tanto o *Almanaque* como o semanário *A Alvorada* divergiam do perfil dos periódicos dessa primeira metade do século XX que utilizavam eletivamente a fotografia, já que os processos de impressão de imagens eram caros e difíceis, assim se aproximavam mais das revistas ilustradas do que os períodos noticiosos. Além de serem constantes no uso das imagens, o apuramento gráfico em ambos era facilitador de uma comunicação que desejava abranger todos os tipos de

leitores, inclusive os analfabetos, destarte pela apresentação gráfica e ilustrada, democratizavam a leitura e corroboravam para o progresso pretendido por ambos.

Portanto, usar fotografias em suas páginas foi uma eleição voluntária e sistemática, duradoura, sobretudo, ao longo dos anos nos quais se publicaram os exemplares estudados. Há de se reconhecer que os editores dessas publicações estavam e mantiveram-se convencidos de que o investimento na publicação de imagens respondia pelo êxito dos seus objetivos. E é nesse aspecto mais particular que a investigação desse estudo inicia: quais eram esses objetivos? Sob alguns aspectos semelhantes, em outros diversos, convergiam ou divergiam, esses periódicos, quanto à presença da fotografia em suas páginas?

Poderíamos responder, *a priori*, que sendo um, o *Almanaque*, uma publicação de *brancos* e outro, o *A Alvorada*, de *negros* e trabalhadores operários, estariam as fotografias destinadas a fins diversos, tanto quanto o conteúdo de suas matérias. No entanto, a empiria não assegurava uma resposta tão imediata e direta. Os meandros das diferenças projetavam sombras de semelhanças, sobre as quais se dedicou este trabalho. Se desejava saber tanto o porquê da sistemática presença da fotografia em ambos, como a forma na qual se construía essa presença.

Para tanto, das 83 fotografias arroladas no *Almanaque* e, das 164 no *A Alvorada*, elaboraram-se 6 categorias, organizadas em 4 tabelas. Na tabela 3, em uma abordagem quantitativa, foram contabilizadas as fotografias impressas separadamente por periódico, logo após, foram criadas empiricamente as categorias: *Retratos Individuais*, *Retratos de Grupo*, *Retratos de Negros/Negras*, *Retratos com Mulheres*, *Imagens da Cidade* e *Retratos Publicitários*, organizadas e classificadas nas tabelas 4, 4.1, 5 e 6, para facilitar a análise qualitativa. Essas tabelas mostraram que no *Almanaque* as fotografias versaram sobre imagens que representassem a cidade, seus constantes melhoramentos e feitos cívicos, enquanto no *A Alvorada* os retratos individuais vinculados a artigos opinativos e colunas sociais predominaram.

As quantidades observadas também indicavam aspectos relevantes para as temáticas; para o *Almanaque de Pelotas*, cujo objetivo era propagar o progresso da cidade, nada mais adequado que mostrá-la constantemente pelos registros dos melhoramentos públicos, das iniciativas privadas, de atos solenes, de eventos patrióticos e de retratos de seus filhos mais ilustres. Contudo, no semanário *A Alvorada*, a comunidade negra e operária tinha como representante este jornal, que

além de ter como objetivo a instrução da população como forma de conquista da igualdade em uma sociedade que ainda existiam rastros da escravidão, buscava através dos retratos uma identificação própria, um desejo de ser visto como os outros, a igualdade neste sentido, apontava para a criação de uma identidade, correspondente ao que figurava como modelo vigente. Assim os retratos retidos constantemente sugeriam um modelo a ser seguido pela comunidade que o jornal envolvia.

Uma diferença se plasmava então: os focos que as quantidades indicam, mostram que o interesse dos periódicos variava entre si. Mas se trataria apenas de uma variação recorrente aos gêneros aos quais pertenciam, um e outro?

Os almanaques como gênero, no Brasil, tal como se fez saber no Capítulo 3, circularam antes do primeiro jornal e tiveram larga abrangência, aparecendo nos lugares mais distantes do território nacional. Segundo os autores utilizados, intencionalmente ou não, os almanaques promulgaram uma aproximação entre os distantes grupos que habitavam essa nação, à medida em que faziam esses compartilhar de um mesmo repertório de informação e notícias. Por mais diversos que fossem os almanaques nos formatos ou nas origens, vendidos ou distribuídos gratuitamente, a proposta comum de ser um livro para todo o ano dava a essas publicações uma homogeneidade reconhecível em qualquer situação, razão, pode se supor, de sua ampla aceitabilidade, conquistada ano a ano e em cada dia de cada ano. Enfim, os temas populares, inerentes a parte de suas páginas, garantia a simpatia de um público amplo.

A defesa de interesses específicos foi o que caracterizou o semanário *A Alvorada*, que se colocava como o porta-voz da comunidade negra e operária, visto que além de seus idealizadores, o jornal se mostrava aberto a receber colaborações diversas. A maneira como integrou a comunidade se mostrou variada nos muitos artigos e notas sobre as entidades recreativas, clubes carnavalescos, teatros, casamentos, eventos esportivos, entre outros. Assim, o aspecto social procurava reforçar os laços de solidariedade étnica, valorizando seu meio social e perseguindo o progresso através da instrução.

Mas, apesar de suas diferenças, quanto ao uso da fotografia, a constância e a repetição das imagens ao longo dos exemplares estudados de cada um dos periódicos, faz saber de um aspecto, que os autores que versaram sobre esse meio visual abordaram: nas páginas do *Almanaque* e do *A Alvorada* a fotografia ilustra,

primeiro, mas com maior importância, ensina a pensar a partir do que se vê. A fotografia, portanto, tinha uma função pedagógica nesses periódicos e era dirigida a sua leitura pelas legendas que as acompanhavam.

No *Almanaque* a fotografia fazia o leitor pensar sobre a cidade do progresso e da modernidade, a cidade dos melhoramentos e da economia forte, das belezas construídas pela vontade humana, dos espaços que nada faziam invejar aqueles das grandes cidades. Vê-se tais aspectos nas seguintes matérias: “Os prelios de Belleza”, “A Hydraulica Municipal”, “Calçamento de Pelotas”, (Almanaque de Pelotas, 1931); “Patriotismo e Filantropia”, “O tributo da Cidade”, “Um jubileo industrial”, (Almanaque de Pelotas, 1932); “O progresso de Pelotas”, “A Catedral de Pelotas”, (Almanaque de Pelotas, 1933), “Pelotas ressurgue”, “Antigualhas de Pelotas”, (Almanaque de Pelotas, 1934); “Pelotas Cidade, após 100 annos”, “O centenário do Theatro 7 de Abril”, (Almanaque de Pelotas, 1935), entre outras listadas no apêndice.

No *A Alvorada* a fotografia levava o leitor a saber do cidadão que habitava essa cidade, como podemos observar em alguns títulos das reportagens: “A Alvorada = na Sociedade, O grande baile e o baptismo da bandeira da Orchestra do galhardo C. C. Fica ahi p’ra ir dizendo”, “‘A Alvorada’ – na Sociedade, A Liga José do Patrocinio e o seu grandioso baile”, (A *Alvorada*, 1931); “‘A Alvorada’ – Social, aniversário de Juvenal Penny”, “13 de maio, depois do dilúvio”, (A *Alvorada*, 1932); “Do Teatro Negro”, (A *Alvorada*, 1933); “Retrocésso Social”, “Pagina Feminina”, (A *Alvorada*, 1934), entre outras listadas no apêndice B.

Do confronto dos estudos entabulados sobre esses dois grupos de imagens surge uma diferença substancial? Concluiu-se que a substancialidade dessa diferença aproxima os dois periódicos nos discursos promulgados sobre a cidade, ainda, que necessário se faça pensar, a Pelotas de ambos era duas cidades. Um universo diverso em que os cidadãos se faziam presentes e construíam representações de seus ideais, de suas conquistas e de seus anseios almejados. A idéia de progresso entre cada um, talvez divergisse pelos objetivos de cada periódico, porém, ele se fazia ver pelas imagens impressas que possuíam um padrão perseguido por todos os anos pesquisados.

E por fim, mas não menos importante: no presente, como estas conclusões se articulam frente às representações da cidade do passado?

A cidade, comparada pelos pontos relatados acima, se tornou palpável pelas páginas impressas destes periódicos, adquiriu um formato leve, alcançou a todos, e se formou como um pequeno monumento portátil, neste sentido, seguindo o raciocínio de Zita Rosane Possamai (2008, p.74) onde imagens ao lado da escrita, “constituem-se nas chamadas memórias artificiais que vieram a contribuir para o esmaecimento da função memorial dos monumentos das sociedades urbanas”, passando a serem mediadoras “entre o indivíduo e sua memória”. Afinal, a função primordial do monumento é reiterar a memória, e pelo que se observou nos periódicos, este designo se mostrou permanente no período.

Assim que, possivelmente, a mais intensa das conclusões a que este estudo chega seja a de que a cidade representada é uma construção do presente para o presente e desse para o futuro e desse para o passado. O que se vê da cidade representada é uma memória dela própria, traduzida em um discurso não verbal, eivado de sentidos ordinários e transversais, sempre inconclusos, sempre passíveis de atualização, passíveis, na mesma medida, de um diálogo entre si. Deste modo, ambos construíram um discurso sobre seu tempo, projetando o novo como negação do passado simultaneamente a um ideal de sociedade.

Referências Bibliográficas

Fontes Bibliotheca Pública de Pelotas

- *A Alvorada* (1931, 1932, 1933, 1934, 1935).
- *Almanaque de Pelotas* (1913, 1914, 1915, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935).
- *Jornal A Opinião Pública* (05/01/1931).

Abril Cultural. **Fotografia: Manual Completo de Arte e Técnica**. Brasil, 1981.

ABDALA, Benjamin. CAMPEDELLI, Samira Y. **Imprensa Operária**. São Paulo, 1988.

ALVES, Francisco Neves. **Uma introdução a história da imprensa rio-grandina**. Rio Grande: Universidade de Rio Grande, 1995.

ALVES, Francisco das Neves. A Contribuição de Carlos Reverbel à Construção Historiográfica Acerca da Imprensa Sul-Rio-Grandense. In: **Revista IHGRGS**, Instituto Histórico e Geográfico RS, n. 133, Porto Alegre, 1998.

ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa Gaúcha: história, historiografia & política**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2000.

ALVES, Francisco das Neves. **A Luz: uma folha abolicionista na cidade do Rio Grande**. Fundação Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2002.

ALVES, Francisco das Neves. **Cultura & memória no Rio Grande do Sul: estudos históricos**. Rio Grande, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

ALVES, Francisco das Neves. **Política e imprensa no Rio Grande do Sul: ensaios históricos**. Rio Grande, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007a.

ALVES, Lúcio Xavier. **Rodolpho Xavier: Uma Intelectualidade na Organização Sindical e na Luta dos Negros em Pelotas (1931 – 1935)**. Monografia apresentada ao Departamento de História e Antropologia, do Instituto de Ciências Sociais, UFPEL, Pelotas, 2005.

AMAR, Pierre-Jean. **História da Fotografia**, Edições 70, Lisboa, 2007.

ANDERSON, Benedict: **Comunidades imaginadas**. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX. Pelotas: Ed. Universitária, UFPel, 2000.

AVILA, Carla. **Beleza e Encantamento Negro**: Estudo sobre afirmação étnica por intermédio do corpo na ONG Odara, Pelotas/RS. Trabalho acadêmico, curso de bacharelado em Ciências Sociais, ICH, UFPEL, 2006.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. 7.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEJARANO, Christian Delgado. MORALES, Alexandra Fierro. **Prensa, fotografía y representación**. In: SEL, Susana (compiladora). *Imágenes y Medios en la Investigación Social, una mirada latinoamericana*. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2005.

BOND, F. Fraser. **Introdução ao Jornalismo**: uma análise do quarto poder em todas as suas formas. Artes Gráficas Indústrias Reunidas S. A.: Rio de Janeiro, 1962.

BOTREL, Jean-François. In: MEYER, Marlyse. (Org.) **Do Almanak aos Almanques**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BERND, Zilá; BAKOS, Margaretet. **O negro: consciência e trabalho**, Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 1998.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**, Bauru – SP: EDUSC, 2004.

BOSI, Eclea.. Memória-sonho e Memória-trabalho. In: **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos**. São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1987.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidad**. Buenos Aires: Del Sol, 2001.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro**: História dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARNEIRO, In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Annales, Nov. – Dez., 1989, nº6, p. 1505 – 1520. In: Estudos Avançados 11 (5), 1991.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**, 5. ed., São Paulo: Cortez, 2001.

COELHO, Teixeira. **Moderno Pós Moderno: modos & versos**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

CONCEIÇÃO, Josuan Ávila da; CARVALHO, Magnólia dos Santos; RAMOS, Shana Monte Pereira; VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Espaço e Tempo na Formação Urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil**. Disponível em: [Http://egal2009.easyplanners.info/area05/5469 Ramos Shana Monte Pereira.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area05/5469_Ramos_Shana_Monte_Pereira.pdf). Acessado em 01/2010.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COSTA, Laura Malosetti. GENÉ. (Org.). **Impressiones Porteñas: Imagen y palabra em la historia cultural de Buenos Aires**. Buenos Aires: Edhasa, 2009.

DICIONÁRIO on line: <http://www.priberam.pt/DLPO/Default.aspx>.

DUARTE, Fábio. **Crise das Matrizes Espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura**, São Paulo: Perspectivas: FAPESP, 2002.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**; tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

FABRIS, Annateresa. Centro Histórico e Cidade Moderna. In: **Revista do Pós-Graduação em Artes: EXPOR**, Pelotas: Universitária, UFPel, ILA/UFPEL, 1996.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FERREIRA. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**,. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GOMBRICH, Ernest. **Arte e ilusão**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Confronto e Compromisso no processo de Constitucionalização (1930 – 1935). In: **O Brasil Republicano III – Sociedade e Política**. Boris Fausto (dir). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p. 27.

GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e política (1888 – 1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

GRESSANA, Luciane. História e as substancializações da memória: um estudo introdutório. In: **Histórica: Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História da PUCRS**, Porto Alegre: APGH, 2000.

GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin N.; FELDENS, Jorge A. **A Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores. **A imprensa sul-riograndense entre 1870 e 1937: Discussão sobre critérios para uma periodização**. Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0431 - 1.pdf> . Acessado em: jan./2008.

ISMÉRIO, Clarisse. **MULHER: a Moral e o Imaginário 1889-1930**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

IZAR, Antonio. A fotografia – de Mo Tzu, há 250 a.c até hoje. In: **Iris: Fotografia, Cinema, Som**, São Paulo, n.334, p.32-38, 1981.

JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. **Iniciação à História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. Fotografia. In: Zanini, Walter (Org.) **História da Arte no Brasil**, 1983, volume 2.

LAGEMANN, Eugenio. **O Banco Pelotense**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LAYTANO, Dante de. **Abolição da Escravatura no Rio Grande do Sul**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1989.

LÉON, Zélia de. **Pelotas: Sua História e sua gente para 1º e 2º Graus**, Pelotas, Universitária, UFPEL, 1996.

LIMA, Aline Mendes. “**Ofereço minha foto como recordação**”: **representações negras em álbuns familiares**. (Pelotas 1930 – 1960). 2009, Dissertação (Mestrado), PUCRS – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre.

LÓPEZ, Mabel. **Lectura de la Imagen Fotográfica: Abordajes semióticos**. Buenos Aires, Argentina: Proyecto Editorial, 2000.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888 – 1930)**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Ed. Universitária: Unitrabalho, 2001.

LONER, Beatriz Ana. **A produção gaúcha sobre trabalho**. Disponível em: <http://www.labhste.ufsc.br/jornada/textos/BLoner.doc>. Acessado em: 22/04/2009.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888 – 1937**, volume 2. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGRS, Porto Alegre, 1999.

LONER, Beatriz Ana. Prefácio. In: SANTOS, José Antônio. **Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907 – 1957)**. Pelotas: Ed. Universitária, 2003, v.7

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História do Rio Grande do Sul (1626-1930)**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 2002. v. 1. 100 p.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPEL, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Pelotas agrícola e pastoril** (História da Associação Rural). Pelotas: Editora Armazém Literário, 1998.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa nos tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem I: Possibilidades teórico-metodológicas para o uso da fotografia como recurso midiático, uma experiência acadêmica. In: **LABHOI, Primeiros Escritos**, nº 1, julho-agosto de 1994. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/primeirosescritos/site>. Acessado em: junho/2008.

MAUAD, Ana Maria. Na Mira do Olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas, na primeira metade do século XX. In: **Anais do Museu Paulista**, jan-jun; ano/vol. 13, n. 001, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid+S0101471420050001000005&script=sci_artt_ext,. Acessado em: junho/2008.

MEYER, Marlyse. (Org.) **Do Almanak aos Almanques**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MENDES Jr, Antonio; MARANHÃO, Ricardo. (Org.) **Brasil História, Texto & Consulta: Era Vargas**, vol.4. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, vol. 23, n.45, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: Http://www.scielo.br/scielophp?script=sd=sci_arttex&pid=S0102018820030001000002. Acessado em: ago./2009.

MICHELON, Francisca Ferreira. Alguma Relação Possível entre Fotografia e Patrimônio. In: **Revista do Pós-Graduação em Artes: EXPOR**, Pelotas: Universitária, UFPel, ILA/UFPEL, 1996.

MICHELON, Francisca Ferreira. **A Fotojornalística como documento: percursos de uma inserção atualizada nos catálogos para pesquisa histórica**. In: *Histórica: Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*, nº4, 2000, Porto Alegre: APGH, PUCRS, 2000.

MICHELON, Francisca Ferreira. **A cidade de papel: A modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913 – 1930)**, Tese de doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

MICHELON, Francisca Ferreira. **Colecionismo e Cartões Postais Fotográficos: Memórias de viagens na coleção de fotografias (1910/1920) de Leopoldo Gotuzzo (MALG/UFPEL)**. Projeto de Pesquisa, CNPq, Pelotas, 2007.

MICHELON, Francisca Ferreira; SCHWONKE, Raquel Santos. **Retratos de uma cidade & catálogo de fotografias impressas 1913/1930**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, UFPel, 2008.

MIRANDA, Marcia Eckert; LEITE, Carlos R. S. da Costa. (Org). **Jornais raros do MUSECOM: 1808 – 1924**. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2008.

MONTEIRO, Charles. A pesquisa em História e Fotografia no Brasil: notas bibliográficas. In: **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n.28, p. 169 – 185, dez, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7965/4753>. Acessado em nov./2009.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

NASCIMENTO, Kelly Cristina. **Entre a mulher ideal e a mulher moderna: Representações femininas na imprensa mineira – 1873 – 1932**. Dissertação, curso de pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA. In: MEYER, Marlyse. (Org.) **Do Almanak aos Almanques**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005, 6ª Ed.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, T.; GELLNER; NISBET, R.; TOURAINE, A. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 593-597.

PACCOLA, Carina. **Jornalistas e opinião no surgimento da imprensa no Brasil e durante a ditadura militar**. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1254.html>. Acessado em: jan./2010.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora SENAC SP: Editora Marca d'a Água, 1996.

PERES, Eliane T. **“Templo de Luz”: os cursos noturnos masculinos de instrução da Biblioteca Pública Pelotense, 1875 – 1915**. Porto Alegre, 1995. Dissertação de mestrado em Educação, FAGED/UFRGS.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: a economia & o poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 4ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Universidade, 1999.

POLLACK, Michael. Memória e identidade Social. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: http://api.ning.com/files/LI8EhWKOjnpBzyw257Y0NHNZ7xcrf09jmLgegffTskrMH*4bgGuha7RjunwpB7V0vtLjHGOMt7nk*godqlpjyrxGZxl1DJ8/MemriaeldentidadeSocial.pdf. Acessado em: março/2008.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acessado em: março/2008.

POSSAMAI, Zita Rosane. O Circuito Social da Fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). In: **Anais do Museu Paulista**, jun., ano/vol. 14. n. 001, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/273/27314109.pdf>. Acessado em: ago/2008.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia e Cidade. In: **ArtCultura**, Uberlândia, v.10, n. 16, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/viewFile/1497/2752>. Acessado em: dez./2008.

PRADO, Antonio Arnoni. Imprensa, cultura e anarquismo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMIREZ, Juan Antonio. **Medios de masas e historia del arte**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1981.

SANTOS, Miryan Sepúlveda. **Memória coletiva e teoria social**. Annablume, 2003.

SANTOS, José Antônio. **Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907 – 1957)**. Peotas: Ed. Universitária, 2003, v.7.

SANTOS, José Antônio. **Etnicidade, Nação e Culturas: Intelectuais Negros – Educação e Militância**. UFRGS – PROEXT. Disponível em: <Http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/temas6/0614.pdf>. Acessado em jun/2009.

SEL, Susana (org). **Imágenes y Medios en la Investigación Social: una mirada latinoamericana**. Buenos Aires, Argentina: Universidad de Buenos Aires, 2005.

SEL, Susana (org). Cadernos, **Etnografías Fílmicas**, Volumen II, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras.

SILVA, Jacira Reis da. **Vozes de Mulheres Negras na Imprensa Negra Pelotense: A luta por educação através dos escritos do jornal “A Alvorada”, Projeto de Pesquisa**, Pelotas, 2001. Disponível em:

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SORLIN, Pierre. **El 'siglo' de la imagen analógica: los hijos de Nadar**. Buenos Aires, Argentina: La Marca Editora, 2004.

SOSA, Derocina Alves Campos. **A história política do Brasil (1930 – 1934) sob a ótica da imprensa gaúcha**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

SOUZA, Andréia da Silva Quintanilha. **O Negro no Rio Grande do Sul**. Ministério da Cultura, Porto Alegre, novembro, 2005.

SZIR, Sandra. Entre el arte y la cultura masiva. Las ilustraciones de la ficción literaria en Caras y Caretas (1898 – 1908), in: **Impresiones Porteñas, imagen y palabra en la historia cultural de Buenos Aires**, compilado por Laura Malosetti y Marcela Gene, Buenos Aires: Edhasa, 2009.

SZIR, Sandra M., **De la cultura impresa a la cultura de lo visible. Las publicaciones periódicas ilustradas en Buenos Aires en el Siglo XIX. Colección Biblioteca Nacional**. Disponível em: http://www.bn.gov.ar/archivos%5Canexos_trabajos_investigacion/anexo_trabajo_investigacion_15.pdf. Acessado em: 10 jul./ 2009.

UFPEL, **Teses, dissertações e trabalhos acadêmicos: manual de normas da Universidade Federal de Pelotas** / Carmen Lúcia Lobo Giusti... [et al]. - Pelotas, 2006. 61f.

VASQUES, Pedro Karp. **A Fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VIEIRA, Míriam Steffen. **Atuação Literária de Escritoras no Rio Grande do Sul: Um estudo do periódico Corimbo, 1885 – 1925**. Pós-Graduação em História/UFRGS, 1997. (Dissertação de Mestrado).

VIEIRA, Sidney Gonçalves; PEREIRA, Óthon Ferreira; TONI, Jakson Silvano. A Evolução Urbana de Pelotas: Um estudo metodológico. In: **História em Revista**, Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. Pelotas, nº 01, setembro de 1994.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre Arte e Ciência**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

Apêndices